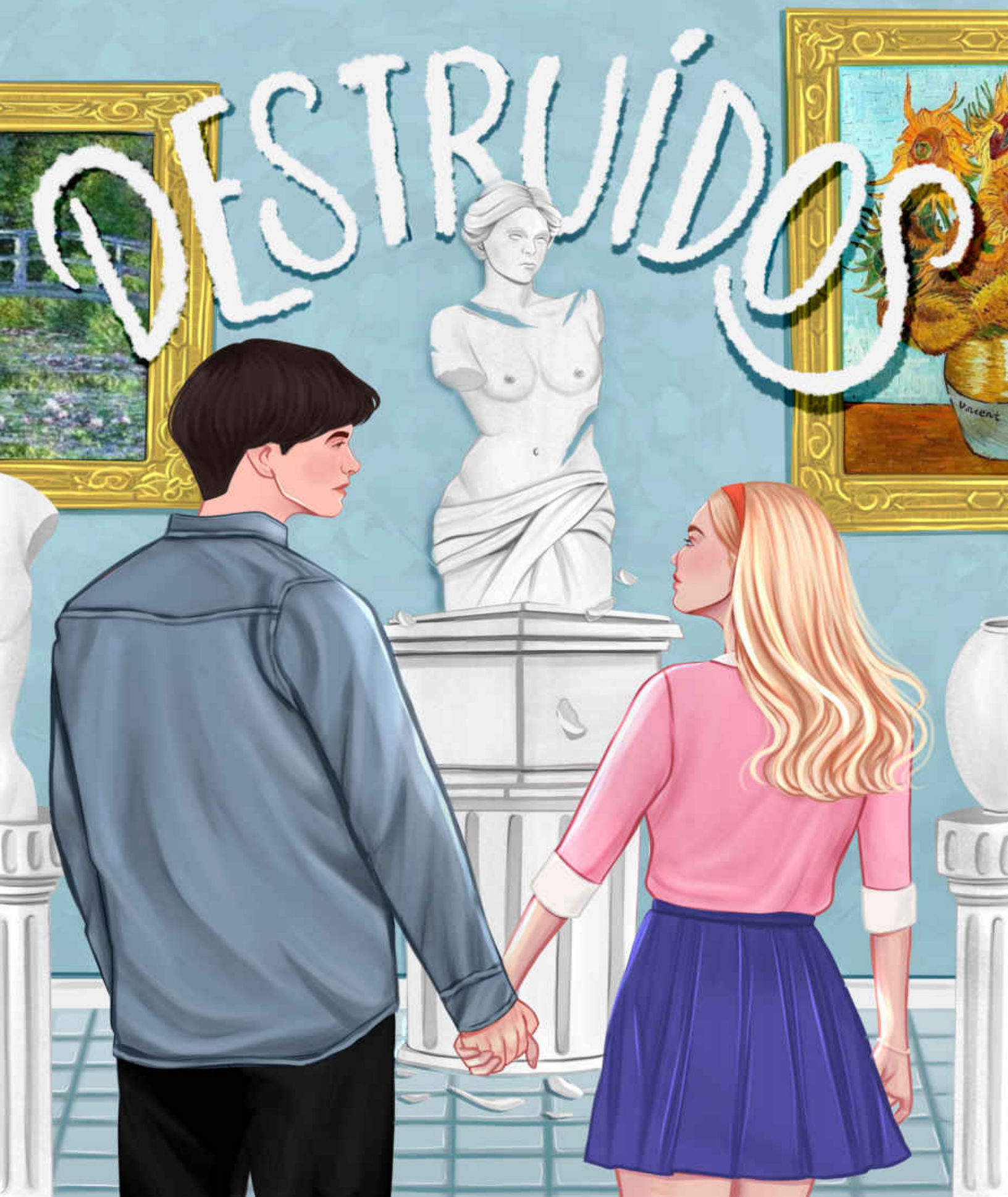


SABRINA S.



S A B R I N A S .

DESTRUIDOS

DESTRUÍDOS
Sabrina Sousa Silva

1ª edição

Capa: Naah Floro
Revisão: Honorina Rocha
Diagramação: Gialui Design

Esta é uma publicação independente.

copyright © 2022 SABRINA SOUSA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução e armazenamento de qualquer parte deste livro, através de quaisquer meios, sem consentimento e autorização da autora, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

ÍNDICE

[aviso de gatilho](#)

[dedicatória](#)

[01. escapatórias incertas](#)

[02. pinturas e palavras marcantes](#)

[03. coisas em comum](#)

[04. medo e insegurança](#)

[05. saindo da zona de conforto](#)

[06. pessoas e momentos](#)

[07. preso a lembranças passadas](#)

[08. decisões e opiniões próprias](#)

[09. linha entre a dor física e mental](#)

[10. recomeçando com as estrelas](#)

[11. versões de pessoas](#)

[12. remendando a dor](#)

[13. a ideia da auto suficiência](#)

[14. entendendo a válvula de escape](#)

[15. parar de fugir do presente](#)

[16. demonstrando esperança](#)

[17. comparação e loucura](#)

[18. no meio do negativo e positivo](#)

[19. sentimentos e biquínis fluorescentes](#)

[20. coincidência ou destino](#)

[21. um ombro para cochilar](#)

[22. fotos, felicidade e esperança](#)

[23. a tinta amarela de Van Gogh](#)

[24. pequenos e significativos passos](#)

[25. realidade por fora das câmeras](#)

[26. banheiro do pensamento](#)

[27. o passado não pode ter controle](#)

[28. ter coragem, amar e ser amado](#)

[29. lar é onde seu coração se sente protegido](#)

[30. compartilhando pensamentos profundos](#)

[31. juntos até o mundo acabar](#)

[32. pele em pele, alma com alma](#)

33. cutucar a ferida não é a resposta
34. o amor e o caos andam de mãos dadas
35. lágrimas de uma vida
36. ninguém tem culpa
37. não tenha medo de pedir ajuda
38. fundo do poço
39. todos merecemos ser salvos
40. destruí dos, nunca derrotados
NÃO É UM FILME (sobre desistir)
agradecimentos

AVISO DE GATILHO

Embora Destruí dos seja da categoria Young Adult (14 - 20 anos) a minha indicação para leitura do livro é de +16, por conter alguns temas sensíveis e pesados como bullying, ansiedade, depressão, suicídio, violência familiar, rejeição por parte da sociedade, aceitação e busca por uma identidade/significado — que podem ser considerados gatilhos para alguns.

Leia com atenção e em um bom momento <3

DEDICATÓRIA

*Para 2018,
Para John e Lis,
Eu gostaria que vocês pudessem ver
suas cicatrizes se transformarem em beleza.*

escapatórias incertas

*"Totalmente sozinho, sozinho novamente
Ninguém estende a mão para ajudar."
(All the pretty girls - Kaleo)*

JONATHAN

Pequeno.

Muito pequeno.

Minúsculo.

Era como Jonathan Blake estava se sentindo naquela noite.

A última noite antes do retorno das aulas.

A última festa e última chance em que os adolescentes entre dezesseis e dezessete anos da pequena e pacata cidade de Brisol, poderiam festejar e se divertirem tranquilamente, até o segundo semestre agitado do temido e decisivo ano escolar iniciar.

Enquanto a música eletrônica ecoava pelas caixas de som e os refletores iluminavam o espaço com tons vibrantes de diferentes luzes neon, os jovens dançantes se divertiam pelo local, exceto Jonathan, que contava os segundos para ir embora.

De alguma forma, o garoto sempre odiou estar rodeado de pessoas; encurralado em multidões. Aquelas situações sempre o deixavam sem ar, sufocado, meio enjoado. E não que fosse claustrofóbico ou — que soubesse — possuísse alguma fobia, ele apenas odiava a sensação de estar no meio de aglomerações.

Principalmente em festas. Para ele, era o pior cenário possível. Detestava as falsas aparências, as amizades superficiais, os namoricos sem futuro, os bêbados exagerados, os fumantes amadores, os papos furados e os jogos sujos.

Jonathan não suportava.

E naquele momento já tinha tolerado o suficiente.

— Eu quero ir embora — declarou.

A garota que estava ao seu lado, Davina Wilson, suspirou frustrada ao escutar a frase que já estava familiarizada e virou-se para encarar o garoto que vinha conhecendo há alguns dias.

Era sempre assim.

Davina já estava cansada de, todas as vezes em que eles saíssem, terem de retornar cedo.

— Eu não quero — ela retrucou pela primeira vez.

Jonathan franziu as sobrancelhas pensando não ter escutado corretamente. Não que ele não aceitasse um “não” como resposta, pelo contrário. Só havia sido uma reação inesperada, já que Davina costumava concordar com ele constantemente, então ambos sempre voltavam juntos.

— Eu vou embora — ele repetiu com convicção.

— E eu não — A garota manteve sua resposta, esperando uma reação diferente por parte dele.

Na maioria das vezes em que marcavam de sair e se encontravam em um lugar muito cheio e movimentado, Jonathan sofria um ataque de ansiedade. E mesmo sem entender o que o pânico, a tremedeira e toda a fobia significava, Davina tentava ajudá-lo. Por isso, não faria mal algum se ele resolvesse ficar com ela por mais alguns minutos, certo? Ela estava se divertindo.

Mas ao contrário do que a jovem esperava, Jonathan apenas deu de ombros, desinteressado:

— Tudo bem.

Ele até ficou um pouco surpreso no início, mas não o suficiente para se incomodar. Iria embora com ela ou sem ela.

Longo, ao observar Jonathan dar meia-volta e começar a traçar seu caminho em direção à saída da casa festiva, Davina percebeu que ele realmente estava falando sério.

Para impedi-lo, correu até o garoto e segurou seu braço.

— Você vai mesmo me deixar sozinha aqui?

Jonathan suspirou e tentou não parecer impaciente.

Ele estava cansado. Exausto.

Não tinha tempo para ficar se explicando para ninguém, muito menos para Davina. Os dois só saíram por alguns dias, não tinham nada; não eram nada um do outro.

Por que ela se intrometia tanto?

Por que ela ao menos se dava ao trabalho?

— Eu preciso ir embora — Jonathan tentou ser o mais rápido possível. Ele sentia o seu peito ansioso, inquieto; como se tivesse um caos dentro dele. As batidas do coração descontroladas, *desesperadas*. Uma granada que a qualquer momento poderia explodir.

— Mas eu não quero ir embora!

— Então fique — respondeu com indiferença, ele realmente não se importava.

E por um breve instante, os dois ficaram em silêncio se encarando. Jonathan queria ter certeza de que ela não iria acrescentar mais nada para poder desesperadamente fugir dali.

E foi quando deu as costas que sentiu a granada explodir dentro dele ao escutar as palavras afiadas de Davina:

— É por isso que você não tem ninguém.

Um empurrãozinho.

Um rápido empurrãozinho para a bola de neve rolar, rolar e rolar, cair do abismo e atingir o infinito com força.

Você não tem ninguém.

Palavras simples, frias e cruéis, disparadas como balas que Jonathan não podia deixar entrar em sua cabeça; não podia deixá-las atingi-lo.

Era mentira.

Era mentira, certo?

Porque ele tinha alguém. Tinha seus dois únicos e fiéis amigos, tinha sua mãe e tinha Madison. Era o suficiente, não?

Mas se era o suficiente, por que a frase pesou quando atingiu seu peito? Por que ardeu, corroendo as camadas mais frágeis do seu coração?

— John, me desculpa, eu não... — Davina engoliu seco, se arrependendo no mesmo instante em que soltou as palavras afiadas assim que viu o semblante no rosto dele — Eu não quis falar isso. Me perdoe, eu...

— Eu não ligo — Jonathan a interrompeu. Dessa vez, não fez questão de esconder a amargura e rispidez em sua voz.

É claro que ele ligava.

— Por favor me desculpe. Desculpa ter te trazido a essa festa, eu só queria que você se divertisse — tentou esclarecer. Talvez estivesse explicando mais para si mesma do que para ele — Eu só... Não consigo competir com o seu passado e essas suas lembranças, esses traumas que você vive alimentando. Eu...

Davina suspirou, arrependida.

— Eu só queria te ajudar.

— Vai me ajudar se me deixar em paz.

Então, ele deu meia volta e atravessou a porta de saída daquele local, dando de cara com o vento forte da avenida em seu rosto. No mesmo momento, um alívio percorreu todo o seu corpo, apesar de ainda se sentir pesado por dentro, como se um ímã estivesse o puxando para baixo e dificultasse a sua respiração.

Sentou na moto que havia pegado emprestado de seu amigo David, girou a chave e não se deu ao trabalho de colocar o capacete de proteção. A ideia fúnebre de cair no meio da pista, bater a cabeça e morrer não o assustava mais.

A velocidade aumentava cada vez que ele acelerava no guidão. O vento contra o seu rosto transmitia uma sensação imbatível de imortalidade. Não que ele quisesse viver para sempre um dia, na verdade, aquilo seria mais uma tortura. A adrenalina o demonstrava uma sensação de poder, de controle, como se tudo estivesse ao seu comando e nada o abalasse.

Nem o mundo, nem as pessoas e nem míseras palavras.

Logo, após pilotar por um pouco menos de quinze minutos, o adolescente estacionou em uma rua vazia qualquer, retirou a mochila que carregava no bagageiro e puxou duas caixinhas de tinta spray preta.

Todo mundo tinha sua escapatória e Jonathan não era diferente.

Desenhos. Círculos. Pontos. Laços. Traços. Tudo era transmitido dos pensamentos da cabeça dele para a parede. Sentimentos e gritos em forma de desenhos. Angústia. Medo. Culpa. Suco.

E antes que pudesse finalizar seu desabafco, escutou passos apressados. Quando virou para observar quem se aproximava, bateu-se bruscamente contra o corpo do estranho que antes corria

em sua direção e logo ambos caíram no chão com a colisão. Sem perder tempo, o desconhecido foi rápido o suficiente para se levantar e transferir um empurrão em Jonathan, este que caiu para trás novamente ao tentar voltar a ficar de pé.

— Passa o celular! — O homem gritou, nervoso. Vez ou outra, olhava para trás como se estivesse esperando algo aparecer.

— O quê?

— Passa o celular!

Jonathan permaneceu imóvel, aéreo; ainda sem entender o que estava acontecendo naquele momento.

— Estou mandando me entregar a porra do seu celular! — O ladrão ordenou, mais nervoso que antes — Você é surdo?!

Então, Jonathan rapidamente o obedeceu, enfiando as mãos no bolso da calça à procura de seu aparelho.

Não demorou muito para o som conhecido da sirene do carro de polícia ficar mais alto e se aproximar da rua onde os dois estavam. O homem puxou o celular da mão de Jonathan e disparou um xingamento, correndo em fuga assim que a viatura começou a ficar visível no final da rua.

Logo, o adolescente encurralado pelo azar não teve outra opção fora esticar as mãos para cima, em rendição, assim que os faróis da viatura apontaram em sua direção.

parte II

*"Tudo o que fazemos é nos esconder
Tudo o que fazemos é jogar com segurança
Tudo o que fazemos é viver dentro de uma gaiola."
(All We Do - Oh Wonder)*

ELISA

Era pouco mais de meia-noite e, sentada na cadeira da delegacia, Elisa Miller esperava pacientemente pelo seu pai.

Não estava triste.

Não estava f uriosa.

Estava apenas decepcionada e cansada.

J acob tinha esquecido novamente o jantar em f amília após o surto de sua mãe, a garota não teve outra opção a não ser caminhar de pé até o trabalho do pai para conf rontá-lo ou simplesmente levá-lo de volta para casa e arrumar o caos que lá estava.

Ao modo em que os passos e burburinhos f icavam cada vez mais altos em direção à sala em que esperava, a garota respirou fundo e se encostou na cadeira, desligando o celular onde recebia as diversas mensagens e f otos de seus amigos se divertindo na festa de despedida das férias, concentrando-se à sua maçante realidade.

Cruzou os braços à espera de seu pai.

— Eu só estou f azendo o meu trabalho, garoto — escutou a voz grossa e f amiliar se aproximando. Aparentemente, J acob não estava desacompanhado.

— Então o seu trabalho é ser um babaca.

— A sua pichação é babaca.

Elisa quase abriu a boca ao pensar ter reconhecido a voz baixa e rouca do garoto que tinha respondido a autoridade. Mas apenas balançou a cabeça, espantando o pensamento de uma possível coincidência inusitada.

Mas assim que J acob entrou à sala — com seu uniforme médio de policial e a expressão séria que o acompanhava por todos os lugares — junto com o garoto recém-detido, o coração da garota rapidamente deu um pulo e ela arqueou as sobrancelhas, surpresa ao ver quem o seu pai estava algemando.

E então, pensou em como ela estava certa ao ter reconhecido aquela voz. A mesma voz que tinha respondido a autoridade e que aparecia por vezes em seus sonhos e pensamentos mais secretos. A voz rouca e quase inexistente de J onathan Blake, o garoto da sua escola pelo qual Elisa tinha uma quedinha desde o ginásio.

Uma quedinha não, um verdadeiro abismo.

Do tipo que esmagava e despedaçava o seu coração em milhares de pedacinhos só de saber que os dois nunca se f alaram ou que J onathan provavelmente não f azia a mínima ideia de sua existência.

Pelo menos até aquele momento, se era que ela podia contar.

— O que você está fazendo aqui? — Jacob questionou a filha, imersa em seus pensamentos:

— Como?

Elisa piscou os olhos distraída, voltando à realidade.

— Olhe, eu não fiz nada — Jonathan suspirou desolado, interrompendo o momento de discussão entre pai e filha para tentar se defender — Você pode me soltar? Isso machuca e eu sou menor de idade. Segundo a lei, não acho que você tem o direito de me algemar.

Jacob entortou os lábios e, ignorando a declaração do garoto, o levou em direção a uma cadeira encurralada no fundo da sala. Com a voz autoritária, mandou-o sentar e logo o algemou no braço do assento.

— Fique calado! — ordenou, antes de voltar para sua mesa onde Elisa encarava a situação sem saber como reagir.

Jacob então sentou-se em sua poltrona de rodinhas e a arrastou para frente, se aproximando da filha mais nova.

— O que faz aqui, Lisa? — perguntou baixo, para que o outro no fundo, não escutasse nada — Já não avisei que não quero que nenhuma de vocês apareçam no meu local de trabalho?

Elisa balançou a cabeça incomodada e prendeu a vontade de revirar os olhos.

— Você esqueceu do jantar — disse, observando seu pai soltar uma expressão ensaiada de arrependimento — De novo.

Todos os jantares semanais de família que Paola preparava eram uma forma de chamar a atenção do marido ausente. No início, até que deu certo por alguns dias. Mas com o passar do tempo, Jacob parece ter ficado especialista em inventar desculpas para faltar simplesmente, desaparecer sem compromisso ou desculpa nenhuma.

— Mãe ficou furiosa.

— Eu imagino — ele suspirou, encostando-se na poltrona — Mas o que você quer que eu faça? Sinto muito, mas agora já passou e eu não posso fazer nada.

Inconformada com o que havia acabado de escutar, Elisa franziu as sobrancelhas. Antes que ela pudesse retrucar e dizer que

sim, ele podia fazer algo, a porta da sala de Jacob se abriu e um dos policiais colocou a cabeça para dentro:

— Miller, troca de turno.

Sem hesitar, Jacob confirmou com a cabeça na direção do colega de trabalho e rapidamente se levantou.

— Volte para casa, depois eu converso com a sua mãe — olhou para Elisa, esta que já estava ciente de que aquela conversa adiada iria se transformar em uma briga feia.

Em seguida, ele virou-se para o jovem no fundo:

— Ei, moleque, permaneça calado.

E saiu em direção à sala do seu superior, deixando os dois adolescentes sozinhos.

Elisa virou-se para Jonathan, que vez ou outra também a encarava timidamente.

Sempre fora um garoto na dele; calado, introvertido. Não era isolado porque tinha seu próprio grupinho de amigos, uns esquisitos. Assim como ela que sempre teve seu círculo de amigas, tais ditas “populares” — nomeados por algum clã do ensino médio que se achava no direito de dividir as pessoas e criar uma hierarquia por meio de inimizade e status — algo que ela, com certeza, não se orgulhava em fazer parte.

E observando Jonathan, Elisa começou a se perguntar o que será que ele deveria ter feito para estar ali. E como se estivesse lendo os seus pensamentos, ele resolveu quebrar o silêncio:

— Fui pego pichando um muro — fez uma pausa, incomodado com o olhar fixo e curioso que a garota mantinha nele.

— Você...

— Nada ilegal — A interrompeu com a voz baixa — Não era vandalismo, era grafite — suspirou sobrecarregado, com uma necessidade de se explicar — Eu só fui pego no lugar errado e na hora errada.

Elisa se aproximou com passos lentos e balançou a cabeça, se permitindo acreditar nele. Até mesmo porque seria um desastre estar gostando de um criminoso que foi apreendido pelo seu próprio pai...

Soltou um sorrisinho, se divertindo com os próprios pensamentos.

Em seguida, observou o braço dele algemado na cadeira e hesitante, andou em sua direção.

Era tão estranho vê-lo de perto.

Eles estudavam na mesma escola, mas eram de classes diferentes. Nunca trocaram uma palavra ou sequer se aproximaram. A ideia de ir até Jonathan fazia o coração de Elisa bater rápido feito um tambor.

— O que está fazendo? — ele perguntou assim que a garota agachou ao seu lado e retirou um grampo de suas madeixas encaracoladas.

— Vou te soltar — revelou, parando para encará-lo nos olhos.

— Por que? — Jonathan questionou, a encarando de volta. Ele tinha olhos escuros e meio avermelhados, rodeados por grandes olheiras. Seus lábios eram escuros, um pouco pálidos. E ele tinha um cheiro de cigarro não muito agradável.

Porque eu meio que gosto de você. Elisa espantou o pensamento confesso de sua cabeça.

— Vai irritar o meu pai — ela deu de ombros, podendo jurar que viu um meio sorriso escapar da boca dele.

Mas irritar Jacob era mais um pretexto para o que poderia ser um *“Ei, nossa família está desmoronando. Eu tento segurar as pontas, mas nem sempre eu consigo. Estou aqui, mas preciso que você também esteja e tome as rédeas, assumindo o seu papel de pai e marido”*.

— E você disse que não fez nada ilegal, então...

— E você acredita em mim? — A voz de Jonathan soou como pura confusão, estranhamento e surpresa; como se ninguém no mundo fosse capaz de acreditar nele.

Então, a garota se inclinou e com os dedos, dobrou a ponta do seu grampo de cabelo. Com cuidado, colocou a ponta dentro da metade da trava, posicionando-a no buraco da fechadura e dobrando o metal para trás, girando em várias direções até, com facilidade, a trava ser desativada.

As algemas fizeram um pequeno barulho ao serem destravadas e Elisa sorriu satisfeita, com o objetivo alcançado. Encarou Jonathan no mesmo momento em que ele também a

encarava com curiosidade e imediatamente, sentiu suas bochechas esquentarem.

— Hm... valeu — O garoto agradeceu sem jeito, massageando o pulso avermelhado. Ficou em pé e lançou um último olhar demorado na direção dela — Acho que, a gente se vê na escola...

Lis

Elisa o observou pular a pequena janela daquela sala e então, pôde finalmente sorrir sozinha, sentindo um pontinho de esperança e felicidade surgir dentro do seu coração, no meio de todo o caos e complicações da sua vida.

Desde quando ele sabia o seu apelido mais íntimo?

pinturas e palavras marcantes

*"Querido, você é um naufrágio
Com o seu coração de pedra."
(Heart of Stone - I ko*

JONATHAN

Após ser assaltado, ser quase preso por algo que não teve a intenção de fazer ainda fugir da delegacia com a ajuda da filha do próprio policial que o algemou — vulgo Lis, segundo a corrente que ela carregava no pescoço e que salvou Jonathan de uma despedida desconfortável —, o garoto finalmente voltava para casa.

Era uma e meia da madrugada. Não estava tão tarde quanto ele cogitara, mas a rua estava tão fria e solitária quanto o seu coração; e nada mais além de seus pensamentos e sua sombra como companhia.

"É por isso que você não tem ninguém".

Jonathan mordeu os próprios lábios, tentando fazer os pensamentos inquietantes de sua cabeça desaparecerem.

Ele queria entender porquê ele era como era. Sempre carregando um sentimento diferente no peito, que de alguma forma, sempre pareceu fazer parte dele. E aquele sentimento vinha o consumindo cada vez mais, o enfraquecendo e tomando conta de seus sentidos, de modo que bastava apenas uma faísca para que tudo ao seu redor se transformasse em tristeza.

A casa estava silenciosa e escura.

Jonathan se encolheu no próprio moletom e, com passos lentos, subiu as escadas em direção ao seu quarto, com cuidado para não acordar sua mãe e irmã.

Ao chegar lá, no meio de toda a bagunça comum de um adolescente de dezessete anos, notou imediatamente um quadro

em cima de sua escrivaninha. Mas não um quadro qualquer. Era uma tela de pintura. Com uma pintura... de sua imagem.

Se aproximou e segurou a tela nas mãos, observando cada detalhe daquele magnífico retrato ilustrado em preto e branco. Parecia que ele estava se olhando no espelho e apesar de não gostar de espelhos ou do próprio reflexo, ele gostou do quadro.

— O que achou? — sussurrou Madison perguntar e rapidamente virou o rosto para encará-la no pé da porta. Com o silêncio da casa, achou que sua irmã mais nova estivesse dormindo.

— Ficou incrível — Jonathan elogiou, tentando sorrir enquanto a garota se aproximava — Você tem talento.

— Obrigada — ela sorriu e se jogou em seus braços, o abraçando — Fiquei preocupada. Davina me ligou dizendo que vocês tinham brigado e que você saiu chateado.

Ele suspirou e desviou o olhar da irmã assim que ela o soltou.

Desde quando Davina tinha o número de Madison?

— Você está bem?

— Eu sempre estou — mentiu.

"É por isso que você não tem ninguém."

— Tem certeza que está bem? — reforçou a pergunta. Madison sabia que algo perturbava o seu irmão desde criança, mas era algo muito delicado. Toda vez em que tentava falar sobre o assunto, ele se fechava completamente.

— Sabe... eu queria ser perfeito como em seus desenhos — mudou de assunto, encarando a pintura novamente.

— Mas você é — Madison sorriu — Você é perfeito para mim.

Jonathan soltou um riso baixo e sem graça.

Ele estava muito longe de ser perfeito. Ele era só um humano cheio de problemas.

— Amo você, Mad — sorriu para a irmã, que se jogou no meio dos lençóis bagunçados na cama dele.

— Ah, eu sei — ela riu, descontraindo o clima — Muitas pessoas me amam.

Ele fez o mesmo, se jogando na cama e deitando-se ao lado dela.

— Está com sono? — Madison perguntou, encarando o teto branco vazio — Você vai dormir agora?

— Talvez.

Já fazia dois dias em que Jonathan não dormia verdadeiramente. Seus olhos pesavam e as olheiras ficavam cada vez maiores. Mais de quarenta e oito horas acordado e ele sentia que podia virar e amanhecer mais outra vez. E era até engraçado pensar sobre isso. Há alguns anos ele dormia para fugir da realidade e tentar, de alguma forma, buscar abrigo em algum sonho. Mas hoje em dia, não havia mais sonhos e tudo parecia um pesadelo. Acordado ou não, tudo era um show de horrores.

E talvez, se acumulasse uma boa quantidade de sono, quem sabe ele não poderia dormir direto e profundamente sem acordar por alguns dias?

— Posso dormir aqui com você? — Madison perguntou.

E então, Jonathan lembrou de dez anos atrás.

Quando crianças, ele e Madison estavam brincando de fazer cabana e dormiram juntos depois de uma grande e divertida briga de travesseiros.

As coisas costumavam ser mais simples e ele sentia falta daquilo, sentia falta da criança que era. Sentia falta da simplicidade que era viver. Sentia falta de sentir algo.

— Pode. Sempre que você quiser.

Madison se acomodou no colchão e encostou sua cabeça no ombro de Jonathan, que permanecia com os olhos abertos enquanto encarava o teto.

"... você não tem ninguém".

— Eu também te amo, John — A garota disse antes de fechar os olhos — Você é muito importante para mim. Você é minha família.

Jonathan não fechou os olhos por nenhum momento.

Ele queria gritar, mas não podia.

Ele queria chorar, mas não sabia. Às vezes, pensava... será que o choro aliviava mesmo os sentimentos ruins que sentíamos? E se sim, por que ele não conseguia chorar? Nem se lembrava da última vez em que caiu uma lágrima dos seus olhos. E no fim das contas, ele não fazia mais questão. Já não fazia mais diferença.

Com o tempo, aprendeu a ficar em silêncio enquanto o seu interior gritava.

coisas em comum

*“Só estou ouvindo o que você está dizendo
E pela primeira vez
Soa como aleluia pela primeira vez”
(Sounds like Hallelujah - The head and the heart)*

ELISA

Todo mundo já quis ser popular um dia.

Ser o centro das atenções, invejado, venerado, rodeado de pessoas legais, sempre convidado para os melhores eventos e admirado por toda escola a todo momento... Qual é, quem nunca teve aquele desejo?

Mas será mesmo que valia a pena ser tão conhecido assim?

Quando Elisa era mais nova, ela sempre sentia como se estivesse vivendo na sombra de sua irmã mais velha, Eleonora.

Havia um certo ciúme que sempre borbulhava dentro dela, devido ao fato de sua irmã ter tudo o que ela sempre quis: o namorado perfeito, a beleza admirada, as roupas caras e estilosas, os amigos descolados e, sem contar, o amor interminável de seus pais.

E então, quando Eleonora se formou e saiu do colegial, Elisa herdou toda sua ascensão. Ou quase toda.

— Não sabia que estava em casa — A garota se surpreendeu ao descer as escadas e encontrar sua mãe almoçando na ilha da cozinha — Chegou cedo.

— Eu precisava de um pouco de paz, por isso não avisei quando cheguei — Paola respondeu com a cabeça baixa, sem encarar a filha mais nova.

Elisa tentou não se abalar com as palavras e o tom rude da mãe e continuou:

— O que está comendo?

— Salada de atum, *Low Carb*

— Hum, parece delí ci...

— O que está fazendo aqui a essa hora? — A mulher a interrompeu, impaciente — Você não deveria estar na escola?

— As aulas só começam amanhã. — respondeu, abrindo um sorriso de animação. Se sua mãe perguntou, era porque estava interessada, certo? — Estou esperando um colega. Vamos fazer um trabalho com cartolinas para dar as boas-vindas d...

— Ok, já entendi — Paola cortou a filha com uma careta — Não precisa de tantos detalhes, Elisa.

E então a garota revirou os olhos e suspirou frustrada.

Popularidade, amigos descolados, roupas de marca, beleza... ela parecia ter conquistado tudo. Mas pelo visto, ainda precisava conquistar seus pais. E conquistar os próprios pais não deveria ser tarefa de nenhum filho.

Não demorou muito para a campainha da casa tocar e Elisa ir atender, dando de cara com Isaac Marvin, caracterizado por suas roupas coloridas e o grande sorriso animado no rosto:

— E aí! — O garoto a encarou de cima a baixo, piscando de forma divertida — Então é assim que você é fora das câmeras.

Elisa olhou para si mesma. Usava apenas um conjunto branco e velho de algodão, este que se suas amigas vissem, não pensariam duas vezes em arrastá-lo até o lixão.

Ela gostou da expressão que Isaac havia usado. “Fora das câmeras”. Era bem naquele termo que ela se sentia na maioria das vezes. No conforto dentro de casa, podendo ser ela mesma. Fora do seu círculo social, longe da pressão e necessidade de se encaixar no meio daqueles que chamava de amigos.

— Oi, pode entrar — ela sorriu, dando o espaço para ele adentrar sua residência — Fique à vontade.

Ela gostava de Isaac.

Eles não se falavam muito, mas como estudavam na mesma classe, Elisa o conhecia e o admirava de longe por ser uma pessoa falante, social e divertida. Até mais que suas amigas, se ela pudesse confessar

— Obrigado — ele entrou, educado.

Automaticamente os interrompendo, uma Paola furiosa passou pelo corredor pisando forte no piso e gritando tempestuosa com

alguém no telefone, o marido provavelmente.

— Eu acho melhor a gente ir para o meu quarto — Elisa tentou esconder sua vergonha, fingindo que nada tinha acabado de acontecer e o acompanhou até a escada. O garoto sorriu e concordou, também tentando esconder seu constrangimento.

Chegando no andar de cima, I saamão se surpreendeu ao ver o quarto de Elisa. O cômodo transparecia o típico modelo de quarto de uma garota popular, rica e mimada pelos pais.

Paredes pintadas em um rosa bebê impecável. Uma cama enorme no centro, com lençóis que aparentavam ser tão macios quanto realmente eram; um enorme tapete branco de veludo no chão; uma pequena janela ao lado direito da cama com uma escrivaninha abaixo; um guarda-roupa espelhado e uma porta ao lado esquerdo, que ele deduziu ser o banheiro.

— Gostei do quarto — comentou, tentando ser agradável. Por mais que Elisa fosse popular e tivesse amigas relativamente estúpidas, ele sabia que ela era uma garota legal.

— Obrigada.

Ela se aproximou, ajudando-o a pegar os rolos de cartolina e colocar sob a mesa da escrivaninha.

I saacescutou uma melodia baixa soar no quarto e virou o rosto à procura de saber de onde o som desconhecido estava saindo. Quando conseguiu identificar, percebeu tocar alguma música da Taylor Swift. E apesar dele gostar um pouco da cantora, a música em si não o agradava tanto e sem conseguir disfarçar soltou uma careta.

Elisa percebeu assim que seguiu seus olhos até o rádio portátil em cima de um banquinho, ao lado do guarda-roupa.

— Pode colocar algo que você goste, mas só vai funcionar se for CD — ela andou até o aparelho herdado de sua avó, parando a música e retirando o disco.

— Ninguém usa CD hoje em dia — I saacomentou, sentando-se na cama de Elisa e retirando a sua mochila das costas.

Ela deu de ombros e soltou uma risadinha:

— Eu gosto.

I saacabriu a mochila que estava em seu colo e ironicamente tirou um Porta CDs de lá. Começou a procurar por algum CD que o

agradasse e no meio de tantas bandas alternativas como Arctic Monkeys, Nirvana e The 1975, acabou encontrando um de One Direction.

— Pensei que ninguém usasse CDs hoje em dia — Elisa colocou as mãos na cintura de forma engraçada, fazendo Isaac soltar uma gargalhada.

— Não são meus — se defendeu, entregando o CD para ela colocar no aparelho — É de um amigo meu, Jonathan. Você conhece?

Elisa quase paralisou ao escutar o nome do garoto que não saía de sua cabeça. E com o coração acelerado, lembrou do fato que Isaac Marvin era o melhor amigo da irmã de Jonathan — que também estuda em sua sala —, Madison Blake.

— Ele esqueceu na minha casa e eu fiquei de devolver, mas acabei esquecendo — deu de ombros. Encarou a capa da boyband britânica que agora tocava no aparelho de som que estava em suas mãos e balançou a cabeça, rindo consigo mesmo — Apesar de que esse CD do 1D deve estar aí por engano. John não escuta essas coisas. Isso é coisa da Mad, tenho certeza.

E então, Isaac lembrou de sua melhor amiga.

Enquanto comiam juntos no colégio ou se faziam companhia durante os horários vagos, ele e Madison já haviam percebido que Elisa parecia gostar de Jonathan, por sempre observá-lo de longe e parecer interessada. Isaac realmente achava que se os dois se conhecessem e se aproximassem, eles formariam um casal bonito. Contudo, Madison negava e dizia que eles não tinham nada em comum.

Bom, agora nós sabemos que eles tinham.

medo e insegurança

*"Isso me faz sentir nervoso
Você tem aquele olhar em seus olhos
Aquele que assume
Que é ele que te mantém firme."
(Half Light - Banners)*

JONATHAN

Depois de recolher as correspondências e os recibos deixados na caixa de correio, Madison e Jonathan agora se apressavam em recolher as placas ofensivas deixadas no jardim antes que sua mãe chegasse de viagem.

Algumas crianças da vizinhança que passavam pela frente da casa riam da situação como se fosse algum espetáculo de comédia.

— *Bobocas* — Jonathan resmungou, amassando e jogando alguns papéis escrito "BRUXA" no saco de lixo que segurava.

Desde que se mudaram de bairro e foram morar na nova residência, não era a primeira vez que aquilo acontecia e ele sabia que infelizmente não seria a última. O bairro podia ser seguro e sossegado, as casas vizinhas podiam ser muito bem estruturadas, confortáveis e aconchegantes, mas alguns de seus donos — ou pelo menos seus filhos — eram o oposto.

— Ei, não pode chamar menininhas de bobocas — Madison tentou amenizar o clima tenso e acalmar os nervos do irmão.

— Elas me irritam! — John resmungou mais uma vez, tentando esconder a raiva que estava sentindo.

— Ei, garota! — uma das crianças gritou na direção de Madison, chamando sua atenção — Que casaco horrível de bruxa!

Madison olhou para a garotinha que parecia não ter mais que dez anos e então olhou para si mesma, analisando o seu casaco favorito verde mostarda folgado:

— Bobocas!

Os dois só conseguiram relaxar e suspirar de alívio quando finalmente acabaram de tirar todos os papéis da grama e logo puderam voltar para dentro de casa.

Madison arrumava a cozinha enquanto Jonathan ajeitava as almofadas do sofá, até deixarem tudo pronto e limpo para quando sua mãe chegasse. Com o tempo livre que restou, cada um foi para o seu quarto e ficaram lá até escutarem a voz familiar da mulher que deixava suas vidas mais alegres:

— *Maddie, Jonny?* — Rose entrou pela porta, chamando-os pelos seus apelidos de quando eram crianças.

— Mãe!

A mais nova desceu as escadas pulando os degraus e após dar um abraço apertado em Rose, a ajudou com as malas que a mesma carregava.

Jonathan logo as alcançou.

— Por que não me chamou para buscá-la no aeroporto? — andou até elas, preocupado.

— Agora não, John — Madison o cortou, revirando os olhos.

— Você perdeu seu celular, bobo — Rose abriu um sorriso, abraçando o filho mais velho. Ela não sabia a verdadeira história por trás da perda do aparelho e ele não pretendia contar tão cedo — Eu peguei um táxi. Ocorreu tudo bem.

— Tem certeza? — Jonathan insistiu, receoso — Chegamos do colégio faz pouco tempo, você poderia ter ligado para a Mad.

Madison olhou de relance para o irmão.

Ele não tinha ido à escola hoje e ela também não. Detestavam o primeiro dia de aula e eram confiantes com os segredos que compartilhavam.

— Eu sei, mas eu quis voltar sozinha, assim como eu fazia antes. Não sou uma criança, Jonathan — Rose suspirou tentando não ser grosseira. Sabia que por trás de todo aquele interrogatório persistente só havia um garoto preocupado com a mãe.

— As pessoas lá fora... — Jonathan começou, mas Madison o interrompeu:

— Dá um tempo.

— Eu não ligo para o que as pessoas lá fora já falou pensam sobre mim — Rose deu de ombros, confiante.

Jonathan suspirou, sobrecarregado.

— Você liga? — encarou o filho — Você sente vergonha de mim?

E então ela apontou para seus hematomas no braço e para as sequelas do seu rosto metade danificado e um pouco desconfigurado, restos de um passado traumático e sombrio.

Jonathan sentiu um gosto amargo na língua e forçou o maxilar ao tocar no assunto delicado:

— Não, lógico que não — se aproximou da mãe e a abraçou, arrependido por ter trazido aquilo à tona — Desculpe, é que.... Eu só tenho medo. Algumas pessoas são cruéis.

Ele olhou de relance para Madison, que entendeu o recado. Os papéis que eles retiraram do jardim: ameaças e ofensas. Jonathan tinha medo de que alguém tentasse fazer algo de ruim com sua mãe.

— Está tudo bem, filho — Rose sorriu sem graça para o mais velho e enxugou o rosto que não demorou para se encher de lágrimas — Não pense nessas coisas.

— E então? — Madison chamou a atenção dos dois, batendo palmas com as mãos e pronta para mudar de assunto — Como foi a viagem?

Rose sorriu, piscando os olhos, animada.

— Foi ótima, tive duas conferências em São Francisco pela manhã e à noite eu estava tão cansada que nem consegui sair um pouco para conhecer a cidade. Mas foi bom, porque no outro dia, quando eu e a equipe fomos conferir a transmissão online que fizemos das duas conferências, percebemos que batemos o nosso recorde com... 120 mil telespectadores!

— Uau!

— Isso é realmente incrível, mãe — John piscou, surpreso e, ao mesmo tempo, admirado.

— Não é? — Os olhos de Rose brilharam — É surpreendente ver que existem tantas pessoas e tantas mulheres que me admiram e fazem questão de assistir às minhas conferências. De escutarem a minha história e meu testemunho.

A mãe suspirou, sem palavras:

— Nunca pensei que poderia servir como um exemplo de força e superação para tanta gente...

— Você é um exemplo e eu te amo — Madison sorriu, orgulhosa.

— E eu amo vocês dois — Rose se inclinou para abraçar os filhos, envolvendo-os — E ah! Ainda tenho outra ótima notícia. Bem, eu encontrei aquele menininho Lucas, que sempre chorava ao me ver no ponto de ônibus.

O filho mais velho revirou os olhos e Madison prestou atenção na história, curiosa.

— Ele falou comigo hoje — Rose sorriu, confiante — Sem chorar.

Madison soltou um gritinho de animação e bateu palmas, animada; olhando de canto de olho para o irmão que mantinha um meio sorriso discreto nos lábios.

No mesmo instante, eles escutaram batidas na porta e Madison correu para atender. Assim que abriu, deu de cara com seus três melhores amigos compartilhados — como ela gostava de chamar — Isaac, Henry e David. Por serem da mesma sala, Isaac andava mais com Madison, enquanto David e Henrique compartilhavam as respostas das provas e segredos obscuros com Jonathan, como gostavam de brincar. Mas quando os cinco se juntavam, o grupinho simplesmente esquecia das diferenças de turma e ficava completo.

— Eu não acredito que você não gostou de Kill Bill — Henry revirou os olhos, indignado.

— A sequência é pior ainda — Isaac cruzou os braços e levantou as sobrancelhas, dono de si — Não sei porque você ainda me indica esses filmes de violência. Eu não gosto!

— Mas é um clássico!

Os dois estavam tão concentrados discutindo o filme que nem perceberam a porta aberta. David foi o único que pareceu notar, mas não fez questão de chamar a atenção dos outros.

— Primeiramente, boa tarde — A garota os interrompeu, com um sorrisinho de divertimento ao observá-los — Vocês dois parecem o Shrek e a Fiona, eu só não sei quem é quem.

— Boa tarde, Mad.

I saac adentrou o local, como de costume.

— Oi, desculpe pela cena. Acredita que ele detestou o melhor filme de todos os tempos? — Henrique suspirou ainda do lado de fora — Fala sério... É *Quentin Tarantino*!

Madison fez uma careta sem o mínimo interesse e o garoto tatuado entrou.

David apenas acenou com a cabeça para a irmã do amigo e entrou por último, calado. Ela nem se deu ao trabalho de cumprimentá-lo como os outros, já acostumada com seu jeito; ele não costumava falar muito perto dela.

Os três entraram e após falarem com Rose, subiram para o quarto onde eles se reuniam. O quarto não era de Madison e nem de Jonathan. Era o cômodo de visitas, que com algumas mudanças feitas pelos cinco, se tornou o quarto onde eles se amontoavam, assistiam filmes, conversavam besteiras e passavam o tempo.

— Você sabe, se quiser eu posso chutar a bunda de todos eles e mandá-los embora — Madison piscou para sua mãe, a fazendo soltar uma risadinha.

— Eu sei, nós mulheres mandamos na casa — Rose piscou de volta, abrindo um sorriso — Mas não se preocupe, podem ficar à vontade. Eu vou tomar um banho e ir direto para cama, estou exausta.

— Ok... Bons sonhos, prometo que não vamos fazer muito barulho.

— Meu sono é pesado, querida, não vou escutar nada de qualquer jeito.

As duas riram e Madison a observou desaparecer no corredor. Logo a adolescente andou até os armários da cozinha, pegou dois sacos de salgadinhos e não demorou, correndo até onde os meninos estavam.

— E aí ?

— Alguém sentiu a nossa falta? — Jonathan perguntou aos outros, referindo-se ao primeiro dia de aula na escola.

— Não mesmo — I saac respondeu e Madison sorriu satisfeita. No fundo, Jonathan queria que alguém tivesse notado — Ah... John

Ele puxou o porta-cds da mochila e esticou em direção ao amigo.

— Desculpe a demora para devolver.

— Ah, tudo bem — O garoto piscou os olhos, dando de ombros — Nem estava lembrado.

— Nem eu — I saacrebateu, rindo — Fui lembrar ontem, quando fui para a casa da Elisa.

— Elisa?

— Elisa?

Os dois irmãos se encararam na mesma hora, com o único ssonso não planejado.

Jonathan achava que, por algum motivo, aquele nome soava familiar Madison — com um pouco de ciúmes — estranhou o fato de seu melhor amigo ter passado a tarde na casa de outra pessoa.

— Oh, eu sei quem é — Henry entrou no assunto, empolgado — Aquela loirinha da sala da Mad.

— I so! Ela anda com a Lindsay e o grupinho das populares — I saactentou especificar, apontando na direção de John — Que ficava te olhando na arquibancada, no ano passado.

Jonathan fez uma careta incomodado e franziu as sobrancelhas, sem acreditar.

— Verdade, lembrei! — Madison comentou, estalando os dedos ao se recordar — Acho que ela gosta de você, John.

Jonathan encarou o grupinho ainda sem entender. Não sabia de onde eles estavam tirando todas aquelas afirmações absurdas e sem sentido, e que não podia ser verdade.

— Às vezes a sua capacidade de lerdeza me impressiona — David disparou, suspirando sem paciência. Madison o olhou pelo canto dos olhos e entortou os lábios.

— Ela não gosta de mim — Jonathan revirou os olhos.

Lembrava dela, Elisa. *Lis*

Ela que o ajudou a se livrar das algemas e fugir da cadeia na semana passada. Uma noite confusa, ele diria. Tão confusa, inusitada e estranha que dos quatro amigos, apenas David ficou sabendo do acontecimento.

— Ela gosta sim, está na cara. — Henry riu, achando engraçado — Inclusive, está na cara até demais. Você nunca

percebeu ela te encarando com as bochechas vermelhas quando a gente passava por perto?

Jonathan engoliu seco, hesitante.

Não, ele nunca havia percebido.

— É verdade John — Madison se virou para o irmão com as sobrancelhas arqueadas e provocativas — A Elisa está caidinha por você e você é o único que não percebeu isso ainda.

Jonathan tentou rir para disfarçar mas não conseguiu.

Ele não queria acreditar ou até pensar na ideia de ter alguém gostando dele. aquilo não era ruim, era terrível. Assim como escutou alguma vez em algum lugar: *a pior ofensa que você pode fazer a uma pessoa insegura é gostar dela.* E para ele, era verdade.

saindo da zona de conforto

*"Mas eu sou apenas humana
E eu sangro quando caio
Eu sou só uma humana
E eu me despedaço e eu me quebro."
(Human - Christina Perri)*

ELISA

Elisa estava cansada.

Cansada e sem sono.

Dentro daquele peito, toneladas de sentimentos inexplicáveis.

O primeiro dia de aula não tinha sido tão ruim quanto ela pensava que seria. Afinal, tirando o fato de fingir estar feliz e de sorrir o tempo todo rodeada daqueles jovens vazios, fúteis e malvados, ser popular tinha lá seus privilégios.

O pior de tudo mesmo era quando ela chegava em casa.

Encarar a realidade e o fato de que seus pais estavam ficando cada vez piores. Ter que recolher, todas às vezes que brigavam, os pedaços de cacos de um vidro diferente espalhado pelo chão, com cuidado para não se machucar fisicamente mais do que já estava interiormente.

E depois ir para o quarto em silêncio, deitar na cama e tentar dormir sem ao menos ter recebido um "boa noite" com carinho, assim como não houve nenhum "bom dia" no amanhecer.

— *Eu sei, estou cuidando disso...*

Elisa levantou-se da cama com cuidado e andou silenciosamente na ponta dos pés em direção à porta, encostando seu ouvido na beirada para tentar escutar a conversa estranha no meio da noite:

— *Você sabe que eu não posso te ver agora, querida...* — seu pai soltou uma risadinha enquanto falava baixo ao telefone — *Beijo.*

Boa noite, meu amor. Eu também te amo.

Elisa engoliu seco e enquanto seu coração batia acelerado e assustado, sentiu uma lágrima quente deslizar pelo seu rosto.

Ela ainda se recordava do último "boa noite filha, dorme bem" que seu pai a tinha dado. E talvez por isso tivesse ficado tão marcado no fundo de sua memória... Já fazia quase 2 anos.

Logo a garota voltou para a sua cama e tentou esquecer o que ela achava que tinha acabado de ouvir e acontecer, do outro lado do cômodo. Não era possível; não podia ser. Tudo bem que nenhuma família era perfeita, mas seus pais só estavam passando por uma crise, apenas isso. Jacob não seria capaz de ir tão longe e fazer algo para destruir sua família... Ou seria?

— Deus... — Elisa suspirou, passando a mão por suas madeixas loiras.

Ela precisava de alguém para conversar. Algum estranho que não a julgasse, de preferência, já que não podia confiar nas pessoas que chamava de amigos.

E então, como se o universo estivesse a escutando, seu celular vibrou em cima da cama. Ao agarrar o aparelho e encarar a tela, se surpreendeu ao ver que tinha recebido uma mensagem de Isaac.

Era quase uma hora da manhã e ela sentiu que suas preces foram finalmente atendidas.

A mensagem falava algo sobre as cartolinas que eles tinham colado nas paredes da escola hoje, mas ela não se deu ao trabalho de ler; estava desesperada.

Estou precisando muito de um amigo para desabafar. Você parece ser o único confiável a essa altura.

Não demorou muito para Isaac responder de volta. Possivelmente, não era do tipo que deixava as pessoas no vácuo:

Estamos indo te pegar. Não se preocupe. Você vai ficar bem.

E então ele ficou offline.

O coração de Elisa começou a palpitar. O que ele queria dizer com "estamos indo te pegar"? E exclusivamente no plural... Quem

mais viria?

Automaticamente a garota começou a andar de um lado para o outro dentro do quarto, arrependida do que tinha feito. Sabia que ninguém se importava com ela de verdade e se sentiu burra ao ter pensado que Isaac — que foi gentil com ela uma única vez — seria diferente das outras pessoas.

E depois de alguns minutos pulando de lugar em lugar agoniada e arrependida, desejando ter apagado a mensagem que havia enviado, ela de repente se assustou ao escutar o barulho de algo sendo arremessado na sua janela de vidro.

Correu assustada em direção ao barulho e afastou a persiana, encarando Isaac e Madison infiltrados no seu jardim. Atrás deles, um carro estacionado na calçada.

— Vem com a gente! — Isaac gritou e Elisa imediatamente levou o dedo indicador até a boca, fazendo um sinal para ele fazer silêncio.

A garota voltou para dentro do quarto e mordeu os lábios, ansiosa.

Sem acreditar no que estava prestes a fazer, tirou rapidamente seu moletom de ursinho e o substituiu depressa por uma calça jeans e a primeira camiseta que viu à sua frente, agarrando também um casaco velho caso precisasse.

Não demorou muito para que outra pedrinha fosse arremessada novamente, fazendo um estalo no vidro. Dessa vez, Elisa já estava devidamente vestida e pretendia pular a janela.

Por incrível que pareça, não foi tão difícil quanto ela mesma achou que seria. Afastou a escrivaninha e apoiou-se no batente, passando as pernas para fora e ao sentir o vento gelado e um rápido um arrepio de rebeldia, pulou; alcançando o chão em pé, salva.

Quase não acreditara no que tinha acabado de fazer

— Oi, não fomos devidamente apresentadas, mas eu acredito que você já me viu na escola — A garota ao lado de Isaac esticou a mão na direção de Elisa, eufórica — Madison.

— Elisa — apertou a mão gelada da Madison e encarou Isaac, confusa — Como você chegou aqui tão rápido? E... E-eu só queria conversar, não precisava...

— Relaxa — I saaca interrompeu, puxando-a em direção ao carro estacionado.

— Você mandou aquela mensagem na hora certa — Madison sorriu e a induziu a entrar no carro onde mais três outras pessoas esperavam lá dentro — Nós temos um ótimo jeito de tirar o peso de dentro do peito.

Elisa engoliu seco, hesitante.

Ela estava com medo. Nunca tinha feito nada daquele tipo antes e, pela primeira vez, queria arriscar. Eles eram rebeldes, definitivamente, mas ela nunca quis tanto se sentir meio rebelde também.

Isso é, até entrar no carro e perceber quem estava no volante.

parte II

*“Minha sombra é a única que anda ao meu lado
Meu coração superficial é a única coisa que está batendo
Às vezes eu queria que alguém lá fora me encontrasse.”
(Boulevard Of Broken Dreams - Green Day)*

JONATHAN

Nervoso.

Nervoso e sem paciência.

Nervoso, sem paciência e ansioso, era como Jonathan estava se sentindo cada vez em que escutava Elisa conversando no banco de trás com seus amigos.

Ele apertava o volante com força, como se pudesse, de alguma forma e em algum momento, desaparecer

John queria constatar e acreditar que a ideia de que Elisa gostava dele era pura mentira e invenção de seus amigos para provocá-lo. Mas ela dificultava aquele processo porque toda vez que ele olhava para o retrovisor, encontrava com os olhos azuis dela o encarando de volta.

— Irmãos? — Madison continuou o interrogatório e a loira conf irmou, balançando a cabeça:

— Uma — disfarçou a careta. Queria dizer que era f ilhaúnica, pois era assim que se sentia — Mais velha, já f ormada.

— E você tem namorado? — I saac perguntou.

Automaticamente sem perceber, J onathan f ixouseus olhos no retrovisor.

— Qual o motivo dessa pergunta? — Elisa quase engasgou, envergonhada. Olhou para Jonathan na f rente e ele não conseguiu desviar o olhar dessa vez.

— Curiosidade... — I saac deu de ombros, inof ensivo.

— E só por essa pausa já sabemos que ela tem — Henry concluiu, arrancando algumas risadinhas dentro do carro.

— Não, não tenho — ela respondeu, com um meio sorriso no rosto.

J onathan f orçou o maxilar e desviou seu olhar rapidamente para a pista à sua f rente, revisando com a paisagem da janela ao seu lado.

Por que ela gostava dele? Por quê diabos alguém gostava dele? Ele não tinha nada de interessante. *Ele não era nada.* I gual aos pinheiros verdes e assustadores que passavam como f lashes por sua janela cada vez que ele pisava no acelerador. Uma f loresta escura e assustadora; sem ter nada para ser contemplado.

Não demorou muito para que J onathan estacionasse o carro em f rente ao local tão esperado.

Elisa sentiu um f riona barriga e assim que saiu do automóvel animada, suas expectativas de aventura f oram completamente decepcionadas.

Um grande lixão, literalmente, f oi o que Elisa encarou assim que saiu do carro acompanhada pelos novos amigos. L atase carros quebrados e empilhados em cima uns dos outros em uma grande área abandonada.

J onathan, Henrique, I saace David observavam a reação da garota enquanto Madison retirava sua mochila pesada da mala.

— E aí ? — David encostou-se na porta do carro e cruzou os braços, arqueando as sobrancelhas de maneira sugestiva para Elisa — O que achou?

A garota deu de ombros sem saber responder, soltando uma risadinha. Jonathan não resistiu e a acompanhou. Lisa também riu surpreso; estranhando ver Jonathan rindo tão fácil.

— Uma merda, obviamente — Madison respondeu pela garota — Isso é um lixo.

— Tá na cara — Henry deu um empurrão de zoeira no amigo, se divertindo com a situação.

A adolescente de cabelos curtos traçou seu caminho destemida em direção a um monte empilhado de carros. Elisa e os outros a seguiram.

Os quatro andavam lado a lado sendo comandados por Madison, que seguia na frente, enquanto Jonathan ficava para trás. Ele preferia ficar distante, se sentia mais confortável se ficasse afastado dos outros e particularmente *dela*, ao descobrir que a garota gostava dele.

E como se tivesse lido os seus pensamentos, a loira olhou para trás e notou Jonathan de cabeça baixa, ombros retraídos e as mãos enfiadas no bolso da calça, vagando em quaisquer que fossem seus pensamentos.

Sem pensar direito, resolveu correr até ele.

— Ei, por que está aí afastado?

O garoto tomou um susto e encarou os olhos azuis dela. Azuis claros e tão brilhantes como as estrelas no céu.

Jonathan não soube encontrar as palavras certas para responder e Elisa pareceu não se importar, o que o deixou meio confuso.

— O céu está bonito, não é? — ela esticou a cabeça para trás, olhando para cima.

John continuou curvado e deu de ombros:

— Não costumo olhar muito para cima.

— É uma pena, você perde bastante coisa, então — suspirou encantada ainda encarando o céu, fazendo Jonathan olhá-la com certa curiosidade — Ah, são lindas. As estrelas. Sabe... Por toda a minha vida fui fascinada por estrelas.

Elisa não sabia a razão, mas desde que viu uma estrela pela primeira vez em um telescópio ganhado de presente da sua avó, se

apaixonou. Ficou admirada; encantada. Talvez porque igual a elas, a garota se sentisse sozinha em meio a tantas outras.

Jonathan deu de ombros desconfortável e antes que ela continuasse puxando assunto, respirou aliviado quando sua irmã chamou a atenção de todos:

— É o seguinte — Madison começou com a voz autoritária e Elisa andou em direção ao lado de Isaac, perto de um monte empilhado — Eu trouxe um taco de *baseball* para cada um de vocês.

Ela começou a distribuir em ordem. Um para Henrique, que sorriu e o apoiou no ombro. Outro para o Isaac, que deixou no chão ao seu lado. Para David, que segurou como quem já tinha costume e por último, um para Jonathan que, pela primeira vez, recusou. Ela então o passou para Elisa, que aceitou com um sorriso agradecido.

— Naquela sacola tem algumas bolinhas de *baseball* e vocês podem jogar à vontade nesse monte de lixo. Acertem a bola com força, como se fosse algo ou alguém — Madison abriu os braços e rodopiou de uma forma engraçada — Estamos aqui para extravasar, então mandem ver! Liberem a sua raiva!

David e Henry foram os primeiros a irem na direção da cesta de bolas.

— Isso é seguro? — Elisa perguntou a Isaac, ao seu lado.

— Totalmente — O garoto deu de ombros e Elisa tomou um susto ao escutar David acertar a bola na pilha de carros e logo depois, gritar com força para o vazio.

— E se aparecer alguém aqui e...

— Não é a primeira vez que viemos aqui — Isaac a interrompeu, tentando acalmar a novata enquanto observava Madison pegar a bolinha e depositá-la no chão, jogando-a para longe com o impulso do taco — Esse lugar é abandonado. Quase ninguém aparece aqui.

— Mas...

— Está tudo bem, relaxa, ninguém nunca nos pegou antes — ele concluiu e o término daquela conversa foi a sua deixa.

Levantou-se, andou até o espaço livre, levou a bolinha e a colocou no chão. Deu um passo para trás e pegou impulso, acertando a bola e jogando para cima com força até desaparecer.

No fim, conseguiram escutar o barulho da bola batendo-se contra algum metal. E finalmente, como todos os outros, Lisa soltou o seu grito, colocando todos os seus sentimentos para fora.

Por último, só faltava Elisa.

E com todos os olhares ansiosos em sua direção, a garota andou lentamente até a cesta de bolas e pegou uma, colocando-a no chão assim como os outros fizeram. Encarou o pessoal que a encarava de volta e olhou para o outro lado, onde John também a observava com um olhar misterioso que ela ainda não sabia identificar o que significava. De alguma forma, Elisa estava começando a fazer Jonathan sentir coisas e ele não estava gostando.

Logo ela esticou o braço para trás e pegou impulso, jogando de volta com força para frente até conseguir acertar a bola e arremessá-la para longe com velocidade.

Usou toda a sua força e imaginou todas as pessoas que a tiravam do sério como alvo. Sua mãe. Seu pai. Sua irmã. O resto de sua família que só cobrava e não procurava conhecê-la de verdade. Sua antiga amiga Clarice, que a abandonou quando ela mais precisou. Seus colegas de escola, que só faziam questão de estar presentes nas fases boas e não nas ruins.

— Falta o grito! — Madison exclamou enquanto os outros batiam palmas com animação — Grita Elisa, grita!

E então Elisa gritou.

Madison gritou. Todos ali começaram a gritar. Até mesmo Jonathan que já gritava por dentro, começou a gritar por fora.

Libertando-se, exprimindo todas as vezes em que foram silenciados ou obrigados a aceitar a realidade que não escolheram. Vulneráveis e solitários como minúsculas partículas de poeira estelar, desesperadamente vagando pela galáxia em busca de um significado. Colocando todo o estresse e frustração de suas juventudes desperdiçadas para fora.

Gritando da vida. Gritando para a vida.

peessoas e momentos

*“Você achou difícil respirar?
Já chorou tanto que ficou até difícil de enxergar
Na escuridão, completamente sozinho
E ninguém se importa, não há ninguém lá.”
(Flares - The Script)*

ELISA

Era o último horário de aula na escola e apesar de estar presente em uma de suas matérias favoritas, Elisa não conseguiu prestar atenção em mais nenhum minuto da aula assim que o professor entregou o resultado das avaliações do semestre anterior. Ela estava feliz, animada.

Tinha sido a única que conseguiu tirar a nota máxima na difícil prova de química e se sentia ansiosa, empolgada para mostrar aos pais. Queria poder fazer a sirene do colégio tocar para que todos ali fossem finalmente liberados e assim ela correria para casa o mais rápido possível.

— Droga — Charlotte resmungou ao seu lado, observando a nota pessoal circulada em vermelho que recebeu no cabeçalho da prova — Quanto vocês tiraram?

Lindsay, que estava sentada do outro lado das duas, pegou o documento da prova e o amassou com uma certa fúria, fazendo um bico emburrado e grudando o chiclete que antes estava na sua boca nas folhas:

— Não importa, os meus pais vão vir aqui resolver — esticou o amassado na direção de Charlotte, com um tom autoritário que fez Elisa entortar os lábios — Jogue no lixo, você está mais perto.

A mais nova suspirou insatisfeita e obedeceu à bruxa má, levantando-se e andando em direção à lixeira na frente da sala.

— Ei, me fala rápido — Lindsay se curvou, chamando a atenção de Elisa — O que vai fazer nesse sábado?

— Provavelmente... Nada.

Lindsay alargou o sorriso.

— Meus pais viajaram — arqueou as sobrancelhas, sussurrando de forma sugestiva — Vou dar uma festa.

A garota balançou a cabeça, mas Lindsay calou-se assim que Charlotte voltou e sentou-se no meio das duas. Logo, ao virar-se para frente e tentar continuar prestando atenção nos últimos minutos da aula, Elisa recebeu uma bolinha amassada na cara. Se inclinou e pegou o papel caído no chão, este que lhe tinha sido arremessado. Ela desamassou e o abriu:

"Você está convidada."

Olhou para Lindsay sem responder enquanto a garota fazia um sinal de silêncio com o dedo indicador em cima dos lábios, como se fossem um segredo entre as duas; olhando de relance para Charlotte, que rabiscava distraída em seu caderno, completamente excluída.

Uma festa. Até que não seria tão ruim... Ela até que estava mesmo precisando se distrair. E depois de verem sua nota, seus pais com certeza iriam concordar em deixá-la ir.

Em seguida, a sirene do colégio tocou, finalmente indicando o término das aulas. Elisa se apressou em guardar suas coisas para sair, poderia andar saltitando de tanta felicidade que estava sentindo. E quando chegou à frente do colégio, não se importou em ir pegar o ônibus como de costume. Dessa vez, ela decidiu que iria caminhando. Poderia admirar a paisagem, olhar para o céu e escutar os pássaros cantando. Queria aproveitar cada pedacinho de orgulho e alegria que estava sentindo em seu peito.

Elisa andou três quarteirões e meio até chegar em sua casa. Não era tão longe da escola quanto ela pensava.

Assim que pisou no gramado verde, notou algo diferente. Como Elisa não tinha familiaridade com a cidade, só recebia visitas da sua irmã mais velha e da sua avó apenas nos feriados. Mas dessa vez o carro vermelho de Eleonora estava estacionado em frente à garagem.

Aproximou-se devagar e entrou na casa sem bater. Da porta, parou na entrada da sala de estar e começou a escutar as vozes

famíliares vindo da cozinha:

— *E como está minha Lis?* — escutou sua avó Aria perguntar e abriu um sorriso involuntário. Sua avó materna era definitivamente a melhor pessoa da sua família.

Antes de entrar no mesmo cômodo para cumprimentar a todos, escutou sua mãe responder e deu um passo para trás, parando para escutar:

— *Ah, você sabe* — Paola resmungou com um tom de voz preguiçoso — *Ela está bem, tentando chamar atenção do mesmo jeito de sempre.*

E então uma terceira voz debochada entrou na conversa:

— *Tão sem graça* — pôde visualizar sua irmã revirando os olhos soltar uma risadinha zombeteira — *Ela ainda continua com essas coisas?*

Elisa engoliu em seco e mordeu os lábios, sentindo sua garganta travar enquanto as lágrimas batiam à porta de seus olhos. E então, a felicidade que estava no seu peito durante todo o trajeto até em casa, desapareceu. Foi engolida e substituída por tristeza e raiva. E Elisa raramente ficava com raiva.

— Paola, não diga isso — sua avó estava prestes a defendê-la, quando Elisa não aguentou e passou subindo as escadas correndo até seu quarto, chamando atenção para sua presença e calando a todos.

— *Está vendo? Tão dramática* — foi a última coisa que escutou de sua mãe quando fechou a porta do quarto e bloqueou o andar de baixo.

Seus olhos arderam como algo temperado com pimenta. Tentava se controlar e respirar fundo, forçando para que as lágrimas não derramassem.

Se sentia fraca. Fraca e inútil.

Por que tudo o que ela fazia parecia não importar para eles? Todo aquele esforço e determinação para deixá-los orgulhosos e felizes, mas nenhum ato de reciprocidade ou até mesmo um ato gentil, um meio sorriso ela recebia de volta. *Por quê?*

Elisa fechou a janela do quarto e logo depois a persiana, bloqueando o sol e qualquer sinal de luz do mundo lá fora. Largou a mochila no chão e se jogou na cama, bagunçando os lençóis.

Queria dormir, queria escapar daquela realidade por algumas horas. Queria sonhar com um lugar onde ela se sentia amada e querida, onde as pessoas se importavam com ela.

E quando ela estava sentindo seus olhos finalmente pesados, pôde escutar sua avó Aria bater na porta e pedir para que ela a abrisse, mas Elisa já estava quase adormecendo e o peso de suas emoções foram o suficiente para impedir que ela conseguisse se levantar. *Pesada, era como estava se sentindo.*

Contudo, as horas passaram de forma tão rápida que Elisa nem se lembrava de ter sonhado com nada, infelizmente. Só lembrou de ter sido acordada com sua avó alisando suas mechas loiras, o que para falar a verdade, recompensava a falta do sonho.

Aria tinha sessenta e sete anos, mas suas mãos eram tão macias quanto as de um bebê.

— Está na hora de levantar, minha Lis... — cantarolou, fazendo Elisa sorrir com os olhos ainda fechados. Sentia saudade de se sentir amada.

— Eu sinto muito por aquilo, pela cena dramática que eu fiz quando cheguei — A garota tentou se explicar enquanto suas lágrimas começavam a escorregar pela sua face — Desculpa se eu te ignorei, eu não queria. Eu só... eu não sei porque fiz aquilo.

— Não, não — Aria envolveu a neta em seus braços, secando suas lágrimas — Está tudo bem, não se desculpe.

Ela abraçou Elisa com força e a adolescente se sentiu acolhida. Sentiu como se uma mistura de sentimentos e vibrações desconhecidas, reconfortantes e boas fossem passadas para ela durante aquela junção de corações.

Elas ficaram abraçadas por um bom tempo, provavelmente o melhor e mais demorado abraço que Lis já havia recebido na vida.

— Eu trouxe aqueles *cookies* recheados que você tanto ama — apontou para uma vasilha ao lado da sua escrivaninha, fazendo os olhos de Elisa brilharem.

— Espera, como a senhora entrou aqui? Eu tinha trancado a porta...

Aria gargalhou de forma engraçada e apontou para os seus seios, retirando uma chave de lá de dentro. Elisa soltou uma risadinha, achando engraçado. *Coisa de avó, pensou.*

— Sua mãe saiu com Eleonora para comprar algo — ela levantou e abriu a persiana e a janela que Elisa tinha fechado, deixando a luz do sol entrar e iluminar todo o quarto — E eu trouxe aquele nosso filme favorito...

A garota sorriu e se reergueu, começando a se sentir animada. Passar o tempo com sua avó comendo *cookies* e assistindo à Bonequinha de Luxo era uma das melhores coisas do universo.

— Venha, temos a casa só para nós — A mais velha andou na frente e recolheu a pequena vasilha com os maravilhosos *cookies* — Vamos assistir na sala.

Elisa a acompanhou, contente.

E, sentadas juntas no sofá enquanto esperavam o filme começar, Aria se inclinou e comentou baixinho:

— Todos podem tentar te diminuir em relação à sua irmã Eleonora, mas minha Lis, não os dê ouvidos. Saiba que você é uma pessoa única e encantadora. E também... É a minha neta favorita.

Elisa sorriu e desejou viver naquele momento para sempre.

preso a lembranças passadas

*“Mas não posso evitar o sentimento
Eu poderia explodir através do teto
Se eu apenas me virar e correr
E isso me desgasta.”
(Fake Plastic Trees - RadioHead)*

JONATHAN

A chuva serviu de pretexto para não ir à escola, de novo. De qualquer maneira, mesmo que não estivesse chovendo, Jonathan não tinha pretensão alguma de ir.

Só teria que enrolar, pegar os livros e acidentalmente errar o caminho do colégio, ficar caminhando durante horas por alguma rua do centro até enjoar, passar pela sua praça favorita antigo bairro ou até mesmo pelo lixão abandonado que foram há dois dias.

Um lixo — como Jonathan estava se sentindo.

Era mais um daqueles dias em que ele tinha uma sensação de vazio e inexistência. Angústia, vontade de chorar, fechar os olhos e nunca mais acordar.

À noite anterior foi muito boa e a companhia de Elisa foi agradável, ele pensava.

E se sentia irritado por isso.

Como uma garota tão legal, cheia de luz e energia como ela poderia gostar de alguém como ele? Não podia ser possível, não era aceitável.

— Não, chega!

A mãe de Jonathan entrou em seu quarto de repente, abrindo as janelas de madeira e o fazendo tomar um susto:

— Mas... O quê?

Levantou a cabeça para encará-la com dificuldade. Fazia dois dias que ele mal saía da cama; deitado e trancado no escuro do seu

quarto.

— A coordenação da escola me ligou perguntando se você iria sair da escola — Rose sentou-se na borda da cama e colocou as mãos por cima da perna do filho, observando com um semblante preocupado — Você não pode continuar faltando aula, Jonathan.

— Mas eu ando meio cansado esses dias...

Jonathan sentia-se cansado muito facilmente. Cansado de levantar todas as manhãs e encarar esse mundo terrível. Vestir sua máscara matinal e ir para a escola, conviver e dar de cara com outras máscaras. Estava cansado de viver em câmera lenta, sem ânimo ou expectativas. Cansado dessa vida.

— Mas é claro que está cansado — Rose levantou e começou a juntar algumas peças de roupas espalhadas pelo chão do quarto dele — Vive trocando o dia pela noite.

Jonathan quis revirar os olhos, mas apenas suspirou derrotado.

— É só que... Eu gosto de observar a lua e as estrelas — inventou. Para falar a verdade, ele nunca havia realmente reparado no céu ou nas estrelas antes de Elisa comentar sobre e agora se pegava fazendo aquilo toda vez que lembrava.

— Mas o sol é tão lindo, meu filho.

— Tão lindo que a beleza dele te cega — franziu as sobrancelhas, virando o rosto até a janela e tentando focar os olhos na claridade da bola brilhante do lado de fora do quarto — Literalmente.

Rose encostou uma das portas da janela para diminuir o sol e encarou o filho mais velho novamente, se aproximando:

— Eu te amo, *Jonny* — alisou seus cabelos bagunçados — Mas quero te ver bem.

— Eu também te amo — tentou sorrir para tranquilizar a mãe — E eu estou super bem, mãe.

— Não sei não. Esse negócio de ficar o dia todo na cama não está certo — retrucou, cruzando os braços de forma engraçada — Eu pesquisei na *net*.

E então, Jonathan não conseguiu evitar uma gargalhada ao ouvir Rose pronunciar a palavra.

— Do que você está rindo? É sério! — insistiu, alargando o sorriso ao ver seu filho rindo após semanas — Eu vi em um tal de *gougle*.

Madison apareceu na porta estranhando toda gargalhada que escutou do seu irmão no outro cômodo e, ao presenciar a cena novamente, não aguentou e começou a rir junto com ele. Entrou no quarto e ficaram apenas os três, rindo em uma dessincronia indescritível.

Em seguida, todos os sentimentos ruins que enchiam a sua cabeça e o impedia de dormir à noite simplesmente desapareceram, como se nada tivesse acontecido. Era algo comum, a dor ir embora como se nunca tivesse existido e então logo depois ela voltaria como se nunca tivesse realmente ido.

Mas o que importava naquele momento era a felicidade e o amor. E o sentimento de gratidão por ter Rose e Madison ao seu lado. E a união dos três.

Jonathan sentia falta daquela emoção que o havia sido tomada. Gostou de rir até o estômago e as bochechas doerem com sua mãe e sua irmã, como antigamente. Era uma sensação única e ele queria sentir aquilo mais vezes.

decisões e opiniões próprias

*“Deixe de lado seu lento
Venha se acalmar, sossegar
Vamos perder o seu brilho.”
(Technicolour Beat - Oh Wonder)*

ELISA

Hoje vai ser um bom dia, Elisa pensou, otimista e animada assim que avistou Madison, Jonathan, Isaac e Henry conversando perto do armário da escola.

— Você não acha? — foi despertada pelos dedos de Charlotte, estalados à sua frente — *Alô...? Terra chamando!*

— Acho — afirmou, concordando enquanto balançava a cabeça. Não fazia a mínima ideia do que a garota ao seu lado tagarelava.

— Que ótimo, então eu já vou indo — Charlotte fechou seu armário e sorriu — A gente se vê na próxima aula.

— Até mais.

Elisa acenou sem dar muita importância e assim que a colega lhe deu as costas, voltou a observar Isaac e Madison de longe, estes que agora saíam e deixavam apenas Jonathan e Henrique sozinhos.

A garota levou o dedo até a boca e mordiscou a unha, hesitante. Queria saber o motivo deles não terem aparecido na escola depois da noite no lixão e, sem pensar muito, respirou fundo e andou até eles. Não sabia de onde tinha tirado aquela coragem, só sabia que aproveitaria:

— Oi.

Ao contrário de Jonathan, Henrique encarou a garota de cima a baixo e abriu um sorriso largo:

— E aí , L isa.

Elisa achou engraçado. Quem observava Henrique de longe com suas diversas tatuagens e piercings, poderia supor que ele era um cara ruim e mal-encarado. Mas todos que se aproximavam e o conheciam de verdade, percebiam que, na verdade, ele era justamente o contrário.

— Como vocês... — ela parou de falar assim que o amigo de Jonathan simplesmente saiu e os largou a sós. Respirou fundo e tentou não ficar vermelha, sentindo seu coração bater rápido como sempre acontecia — Como você está?

Ela estava muito animada e para Jonathan aquilo o causava náuseas.

— Bem, eu acho... — deu de ombros, franzindo as sobrancelhas — Por quê?

Elisa demorou um tempo para raciocinar. *Ele era lindo*, ela achava.

— Por que o quê?

— Por que a pergunta? — ele bateu o armário, fechando-o forte com a intenção de afastá-la, mas a garota apenas piscou os olhos e engoliu seco, segurando seus livros contra o peito com força.

— Somos amigos agora — sorriu de leve e mesmo que Jonathan não quisesse afirmar, ele gostou disso — Amigos fazem isso.

John não soube entender ou explicar direito, mas de alguma forma, aquela frase teve um rápido impacto dentro dele. E pelo seu olhar, Elisa percebeu que fez alguma diferença.

— Espero que eu possa sentar com vocês hoje — A garota abriu um sorriso tímido, se referindo ao intervalo onde ele e seus amigos passavam na arquibancada da quadra.

— A esperança é um urubu pintado de verde.

Elisa não soube muito o que aquela frase significava, mas tentou levar aquilo na positividade, já que ele havia, pela primeira vez, aberto um meio sorriso nos lábios.

E então, ela se sentiu mais animada do que já estava por dentro. Porque ele alimentava sua esperança a cada dia e nem fazia ideia disso. Caso soubesse, certamente piraria.

Depois que Jonathan saiu, a garota obrigou a si mesma a desfazer o sorriso bobo no rosto e começou a andar em direção à sala de aula. No meio do caminho, sentiu seu braço sendo puxado até um canto do corredor:

— Elisa! — era Lindsay

E antes que Elisa pudesse se soltar e perguntar o que aconteceu, ela foi cortada:

— Com quem você pensa que estava falando? — Lindsay a repreendeu e a garota encarou a amiga confusa.

— Jonathan — respondeu sem saber qual era o problema.

— Sim, seja lá qual for o nome dele. Por quê estava falando com aquele drogado esquisito? — A morena fez uma careta e Elisa se sentiu ofendida com o adjetivo que ela usou para se referir a John.

— Ele não é um drogado — Elisa não entendeu inicialmente onde ela estava querendo chegar, mas tentou continuar a responder às perguntas sem demonstrar reação — E eu estava apenas falando com ele, qual o problema?

— Eu não quero você falando com ele! — Lindsay retrucou, parecendo uma criança brigando por doce em supermercado.

— Por que não? Qual é o problema de eu falar com ele?

— Ah, você é muito ingênua! Os amigos dele, ele é... — tentou argumentar algo eficaz e Elisa cruzou os braços, começando a perder a paciência — Somos populares, Elisa. Ele não se encaixa no nosso círculo social, nenhum deles. Apenas.. Não fale com ninguém desse grupinho esquisito ou vai acabar ficando manchada, tá legal? Você me entende?

— Não, eu não entendo — fechou os olhos.

E antes que Lindsay insistisse em fazê-la entender, Elisa resolveu agir igual a Henry mais cedo e simplesmente se afastou a garota, saindo daquele local e andando em direção à sala de aula, largando-a resmungando sozinha.

Uma coisa que Elisa odiava sobre a adolescência era o ensino médio e o seu currículo obrigatório de panelinhas. Uma selva feita de popularidade. Os fortes eram conhecidos e invejados, os fracos, os que eram engolidos pelos fortes e não faziam diferença.

Mas o que a maioria daqueles adolescentes não sabiam era que a popularidade, na maioria das vezes, era solitária e superestimada. E a solidão aparecia para qualquer um de nós, não importava se você era um dos fortes ou um dos fracos. Ela estava lá, dentro de você. E qualquer dia, em qualquer momento, ela se manifestaria.

— Bom dia, Elisa! — sua professora de biologia, Kátia, a cumprimentou assim que se encontraram na porta e entraram na sala de aula juntas.

Por algum motivo, Elisa não recebeu nenhuma bronca ou advertência da professora por estar voltando do intervalo atrasada — o que era estranho, mas não necessariamente ruim —, Por isso, sorriu agradecida para Kátia e andou direto para seu lugar ao lado da parede.

— Sem conversinha, vou começar entregando as provas da semana passada para vocês. Algumas notas foram boas e outras foram ruins, muitas foram péssimas — depois de arrumar as suas coisas em cima da mesa, a professora pegou uma pasta e começou a circular pela sala de aula, parando ao lado da cadeira Elisa — Mas sempre dá tempo de estudar mais e tirar dúvidas.

Katia sorriu para si mesma e voltou a andar, passando pelo meio das fileiras e finalmente entregando os papéis aos alunos. Por algum motivo, deixou Elisa por último.

— Aqui está — esticou o documento para a jovem, que abriu um meio sorriso ao ver o B+ grande circulado em canetinha azul — Você foi bem.

Elisa balançou a cabeça e pegou a prova, analisando-a de perto.

Ela só queria que, quando mostrasse aos seus pais, eles a abraçassem forte e dissessem que ela era importante, útil, inteligente e que eles sentiam muito orgulho dela. Mas sabia que nada daquilo aconteceria quando chegasse em casa.

Você tem que continuar por si só, era o que sua avó a tinha falado certo tempo atrás.

E ela tinha razão.

Se ninguém tiver ao seu lado ou você sentir que não tem por quem continuar, continue por si mesmo.

a linha entre a dor física e mental

*“Porque eu sou rápido o suficiente para ficar em apuros
Mas não rápido o suficiente para se safar
Eu sou velho o suficiente para saber que eu vou acabar morrendo
E não jovem o suficiente para esquecer novamente.”
(Fickle Game - Amber Run)*

JONATHAN

O colégio é um lugar nojento, Jonathan pensou enquanto andava lentamente em direção às arquibancadas com David.

Eles estavam matando aula. Ambos cansados das pessoas tóxicas, metidas, fofoqueiras, exibidas que se achavam donas de tudo e que só sabiam sair por aí julgando os outros.

— O que você tem hoje? — David perguntou, tirando um maço do bolso e um isqueiro, acendendo um cigarro.

— Nada — mentiu — Só queria sair e ficar sozinho.

Acostumado, David puxou a fumaça para dentro e a inalou, logo a expulsando para fora:

— Vai mesmo mentir para o seu melhor amigo?

— É que... — Jonathan deu de ombros e tentou não pensar muito. Seus pensamentos o torturavam — Eu sou um idiota.

Estava tudo tão conturbado dentro de sua mente e, ao mesmo tempo, tudo tão vazio dentro de seu peito. Tão vazio que se alguém gritasse dentro dele, ouviria o próprio eco.

David expulsou a fumaça pela boca e retirou o cigarro dos lábios com os dedos, abaixando a cabeça e encarando o chão. Jonathan respirou fundo e pensou em como gostava de conversar mais com ele do que com Henrique, justamente pelo fato de que David não tentava animá-lo e nem tirá-lo da zona de conforto, só

escutava. E ser escutado, era tudo o que ele precisava naquele momento.

— Por que está dizendo isso? — O amigo perguntou.

— Porque estou me sentindo assim.

Jonathan não aguentava mais acordar todos os dias. Ele estava esgotado, parecia uma granada que poderia explodir a qualquer momento. E aquela não era a primeira vez que ele se sentia assim.

E então, quando os dois se aproximaram do local onde estavam planejando ficar, todos aqueles sentimentos pioraram assim que avistaram alguns caras do time de basquete sentados na arquibancada, na sua parte específica da arquibancada.

— Só faltava essa... — David jogou o cigarro na grama e pisou, resmungando ao cruzar os braços — Eles estão zoando com a nossa cara?

Continuaram caminhando até a arquibancada e pararam em frente a eles. Jonathan e David encararam os meninos sem reação, esperando que eles magicamente se retirassem de lá, mas nada aconteceu.

— Esse lugar é nosso — Jonathan tentou ser educado, mas acabou não disfarçando o orgulho se contorcendo e a insatisfação na voz.

— Por acaso está escrito seu nome aqui? — Gabriel, um dos jogadores retrucou, fazendo os outros rirem.

David cerrou o punho se segurando, enquanto Jonathan pensou o quão patético aquilo estava parecendo.

— Olhe, nós só queremos ficar de boa — Jonathan suspirou e Gabriel cruzou os braços, sem levá-lo a sério — E aqui é o único local mais afastado que não tem como ninguém nos ver. E vocês estão no intervalo do treino, então...

— Ou vocês saem daí — David interrompeu a falado amigo, sem paciência — Ou...

— Ou o quê? — Mike, um dos outros jogadores, se levantou, o encarando de forma desafiadora.

— Ou eu vou quebrar a cara de cada um de vocês — retrucou, fazendo um gesto de violência com as mãos.

Jonathan cresceu com duas mulheres em casa, nunca partia para a violência. Já David, cresceu com um pai violento, três irmãos briguentos e uma mãe ausente, então, na maioria das vezes, resolver as coisas com violência era tudo o que conhecia.

Não demorou muito para Mike tomar a iniciativa de tentar dar um golpe em David, que se defendeu agachando e o empurrando logo em seguida.

Estamos f errados, Jonathan pensou.

Eram cinco atletas com medalhas de campeonatos de esportes contra eles dois, que não eram absolutamente nada. Dois preguiçosos isolados, que só sabiam reclamar da vida.

E antes que Jonathan tomasse alguma providência responsável pelo que estava de fato acontecendo ali, um punho fechado atingiu seu rosto e o jogou no chão com força, o fazendo cair tonto na grama, sentindo todo o seu corpo pesar e a cabeça latejar.

Antes que ele recuperasse a consciência e conseguisse voltar a ficar de pé, recebeu um chute na barriga. E logo outro, e outro.

Eu sou um molenga, pensou.

— Não mexam com ele, seus imbecis! — escutou David rosnar e então, o cara que estava em cima dele foi jogado para longe.

Agora que estava livre, ele poderia levantar e ajudar David, mas se sentia completamente incapaz. Estúpido e fraco, John achava que merecia toda aquela dor. Por todas as coisas e escolhas que ele já tinha feito de errado na vida.

Doía. Todos os músculos de seu corpo ardiam muito, mas só assim podia sentir e saber que ainda estava vivo.

— Me ajudem! — escutou uma voz feminina gritando enquanto David brigava com mais dois dos atletas. Não sabia para onde os outros tinham ido até olhar para sua esquerda e ver os três gemendo de dor assim como ele.

— Alguém?!

A garota continuava desesperada presenciando a cena e então, com a visão menos turva, Jonathan pôde perceber um pessoal correndo na direção de onde eles estavam e os separando da briga.

Naquele momento, ele pensou no quanto seria cômico e patético se todos eles fossem para a coordenação:

"Por que estavam brigando?"

"Porque eles roubaram o nosso lugar."

E o que era mais patético ainda era Jonathan pensando naquelas coisas enquanto estava jogado no chão com sangue escorrendo da sua boca.

— Jonathan...? — reconheceu a nova voz feminina que entrou no ambiente e antes que ela se aproximasse para ajudá-lo, ele tentou levantar por si só e acabou falhando.

Por um segundo, queria continuar no chão mas, ao mesmo tempo, não queria que a garota o visse daquele jeito ou até mesmo sentisse pena.

— Vem aqui, deixa eu te ajudar — ela tocou em seu ombro e tentou agarrá-lo pelo braço, mas o garoto recusou, puxando seu braço de volta.

— Não preciso da sua ajuda — respondeu, fazendo questão de ser rude — Me deixe em paz, Davina.

Davina cruzou os braços e encarou a situação do garoto de cima abaixo.

Era estranho, ele nunca se metia em brigas.

— Olhe, Jonathan, você tem todo o direito de estar com raiva de mim pelo que eu te falei naquele dia... — ela começou e Jonathan quis arrancar os próprios ouvidos para não escutá-la — Mas isso não te dá o direito de ser cruel. Só estou tentando ajudar.

— Eu não pedi sua ajuda — levantou o tronco com dificuldade.

Todos diziam que o rancor e mágoa eram sentimentos horríveis. Jonathan também achava, mas por outro lado, era o que também o mantinha vivo.

Ele não se permitia esquecer as coisas que já aconteceram com ele ou com as pessoas que ele amava. E fazia questão de lembrar todas as noites e desejar sofrimento eterno a quem os machucou. Afinal, porquê ele perdoaria quem o fez mal e nem ao menos foi capaz de pedir desculpas? Talvez fosse mesmo um prisioneiro da dor.

— Davina, me ajude aqui com o Gabriel — uma das supervisoras chamou a atenção da garota, que a obedeceu e se

afastou de Jonathan.

Ao lado dela, estava Elisa.

John não sabia o que ela estava fazendo ali e nem quando ela chegou, mas queria que também fosse embora. Ele tentou encarar a garota discretamente, que observava a cena e toda a bagunça ao redor normalmente. Diferentemente dos outros, ela não parecia assustada e isso o deixou confuso.

— Elisa, por favor leve o Jonathan à enfermaria — A supervisora pediu, apontando para os dois.

Logo Elisa se aproximou dele, que tentou se afastar e recuar no início, mas acabou cedendo.

Não soube de imediato o que sentiu quando as mãos macias dela tocaram nele. Só sabia que, de alguma forma, tinha gostado. E naquele exato momento, Elisa percebeu que tudo o que Jonathan precisava era de alguém para salvá-lo, porque ele estava desmoronando.

parte II

*Acredito que o amanhã é mais forte do que o ontem
Acredito que a sua cabeça é a única coisa em seu caminho
Eu gostaria que você pudesse ver suas cicatrizes transformarem em beleza
Eu acredito que hoje está tudo bem não estar bem
Agente firme, agente firme
(I Believe - Christina Perri)*

ELISA

— TEM GENTE SANGRANDO NO GRAMADO!

Elisa estava quase cochilando na aula de Literatura quando Chelsea, uma garota que tinha ido ao banheiro, entrou na sala desesperada, gritando algo sobre *briga* e *sangue*, na área da arquibancada de esportes.

Desperta, a garota piscou os olhos e assim como os outros, começou a se sentir inquieta sem saber o que estava acontecendo

lá fora.

A professora imediatamente saiu para notificar os supervisores sobre o que estava ocorrendo no instituto e deixou a turma sem supervisão, que não resistiram à curiosidade e saíram agitados para ver com seus próprios olhos a confusão que estava acontecendo no gramado.

E assim que Elisa se aproximou da rodinha de pessoas que se armava, encontrou Jonathan lá na grama com os lábios e nariz sangrando.

Ela mordeu os lábios ao observar a cena do garoto desolado e inconscientemente, recordou-se de uma cena semelhante. Certa vez, em uma das constantes brigas familiares, sua mãe arremessou um copo de vidro em direção ao seu pai e acabou o acertando. Jacob tinha ficado machucado da mesma forma que Jonathan.

Mas naquele momento, John não estava sozinho. E Elisa conhecia a garota que estava ao seu lado, Davina. Já até tinham feito alguns trabalhos juntas durante o ano. Davina era presidente do grupo estudantil, todos a conheciam.

— Davina, me ajude aqui com o Gabriel — uma das supervisoras apareceu e apontou para cima da arquibancada, onde um dos jogadores estava sentado colocando um saco de gelo na cabeça.

Davina saiu sem reclamar e logo Elisa percebeu os olhos de Jonathan focados nela.

— Elisa, por favor leve o Jonathan à enfermaria — A supervisora passou por ela, apontando para os dois.

A garota se aproximou de Jonathan com cuidado e ele recuou, parecendo um animal com medo. Em seguida, se inclinou para ajudá-lo a levantar e apertou sua mão — tentando lhe passar um pouco de confiança — enquanto colocava o braço dele ao redor de seu pescoço e o ajudava a se equilibrar.

E, de alguma forma, naquele momento, pela ansiedade correndo em suas veias, Elisa soube. Soube que aquilo seria um dos seus maiores erros. Contudo, também sabia que já era tarde demais, porque já estava apaixonada.

Jonathan tinha uma armadura, uma armadura que ela queria atravessar e descobrir o que ele escondia. E talvez o que toda

pessoa complicada precisasse fosse alguém disposto a enfrentar sua cerca, retirar as máscaras e desfazer todas as armaduras que um dia você construiu em volta do seu coração.

É isso que deve ser o amor, a garota pensou, ingênua.

— Para onde levaram o David? — ele perguntou com sua voz de rouquidão diária.

— Não sei — deu de ombros, tentando não preocupá-lo — Mas ele deve estar bem. Não se machucou muito, pelo que eu consegui ver.

— Hum...

Elisa queria puxar assunto, mas percebeu que Jonathan não queria falar nada, portanto, manteve-se quieta.

Em menos de cinco minutos, eles chegaram à enfermaria. Elisa o soltou e John sentou na maca branca. O local cheirava a álcool e ele não gostava.

— Senhora Thompson? — Elisa chamou pela enfermeira que ficava de plantão na escola, mas não recebeu nenhuma resposta de volta.

Então, por si mesma, andou até o armário dela e o abriu, retirando uma caixa de primeiros socorros.

— Onde está doendo mais? — ela voltou, sentando-se em um banco para ficar do mesmo tamanho que ele.

Jonathan franziu as sobrancelhas, fazendo uma careta de dor.

— Você sabe como usar isso?

— Aham — balançou a cabeça, colocando a caixa vermelha em cima do colo e a abrindo.

— Tem certeza?

Ela não precisou encará-lo novamente, confirmando com a cabeça.

— Bom, meus pais brigam muito e às vezes um deles acaba saindo machucado — abriu um sorrisinho sem graça — Sei bem como usar isso.

E então Jonathan se sentiu mal por ter feito a pergunta inútil. Ele era um idiota, sempre fazendo perguntas desnecessárias nas horas erradas.

Suspirou.

Elisa pegou um pouco de algodão e o molhou com álcool. Se aproximou devagar e começou a limpar cuidadosamente sua sobranalha, onde havia um pequeno corte. Jonathan sentiu sua respiração muito perto dele; bem agitada. *Era medo? Ela estava com medo dele?*

— Olha... — ele tentou não machucá-la quando segurou seu pulso, impedindo-a de cuidar do ferimento.

Elisa o olhou e a primeira coisa que percebeu foi o quanto as mãos dele eram geladas. Em seguida, na mesma direção, percebeu o quanto a sua pele era branca e pálida e como ele estava sem casaco, notou cortes em seu pulso.

Ela engoliu seco e tentou disfarçar, falhando miseravelmente quando ele seguiu seus olhos até o próprio pulso.

As marcas não eram recentes, o que era bom, mas logo que comesçassem a desaparecer, ele faria de novo. E de novo...

Repetiria porque as cicatrizes que tomavam conta do seu braço eram parte da sua história, do passado que ele tinha medo de encarar e que ao mesmo tempo não podia esquecer. E também era a prova viva de que uma mente podia nos levar a sucumbir. Porque às vezes, seus demônios são fortes demais e suas garras afiadas o rasgavam como uma navalha.

Era difícil combater a si próprio.

— Não precisa fazer isso, você pode voltar para a aula. Eu me cuido.

— Eu posso cuidar de você — ela observou seus olhos escuros e tentou continuar a limpar a ferida. Todos nós temos cicatrizes, dentro ou fora. Elisa não era diferente.

— Por que? — Jonathan suspirou, frustrado — Por quê você é tão legal comigo?

De uma certa forma, ele gostava de receber toda aquela atenção de Elisa. Mas por outro lado, ele não entendia. Porquê ela era tão legal com ele, que simplesmente não tinha nada de interessante? Ele não valia a pena. Ele não valia o mínimo esforço que ela com certeza merecia transferir toda sua atenção para alguém melhor.

— Bom... — ela deu de ombros e ele forçou o maxilar ao sentir o remédio queimar em seus lábios. Gostava da dor, gostava porque

achava que merecia — Eu gosto de você.

Jonathan fechou os olhos com força, desejando não ter escutado o que ela havia dito.

Ele queria sumir, desaparecer.

Mas logo um sentimento estranho tomou conta de seu peito... Já tinha saído com algumas garotas da escola e fora dela, mas nunca realmente se relacionou com ninguém de verdade. E então, um pensamento particular passou por sua mente:

Como seria se sentir amado?

recomeçando com as estrelas

*“Mas será que somos todos estrelas perdidas
Tentando iluminar a escuridão?
Quem somos nós?
Apenas uma partícula de poeira dentro da galáxia.”
(Lost Stars - Adam Levine)*

JONATHAN

Depois da briga na escola ontem, Jonathan saiu antes que alguém o encontrasse.

Sumir também fazia parte de suas fases. Às vezes, ele só precisava escapar e deixar o mundo no mudo. Ele desaparecia sem deixar rastros. Entrar em um mundo paralelo onde ninguém o achasse e ficar lá até que ele mesmo se encontrasse novamente.

Percebeu que desejava entrar em contato com a natureza e por isso decidiu ir até a floresta de pinheiros localizada na saída da cidade onde sempre visitava. O silêncio, a paz e tranquilidade sempre o faziam bem. E estava precisando tanto sentir o vento gelido na cara e um refresh na mente, que nem notou as horas passarem e acabou adormecendo e passando a madrugada por lá.

— Estou cansado desse buraco... — murmurou para si mesmo enquanto jogava uns pedriscos do alto da montanha de pedras onde estava. Era final de tarde, ele podia ver o sol desaparecendo e deixando seu rastro degradê pelo céu — Estou cheio disso, vou sumir.

Ele tinha se perdido e não sabia como se encontrar. Sentia que necessitava de tempo para si mesmo. Talvez até se reinventar... Em outro lugar onde ninguém saberia seu nome ou sua história.

— *John...*?

Escutou uma voz feminina e assim que levou o rosto para o chão, conseguiu enxergar o topo de uma cabeça. Se inclinou e olhou para baixo novamente, encarando sua irmã mais nova escalando a montanha para alcançá-lo. Subia com dificuldade porque além do monte ser grande e enroscado por pedras, ela tinha medo de altura.

— O que você está fazendo aqui, Mad?

Ele levantou-se, esticando a mão para ajudar a mais nova.

— Como me achou? — perguntou.

— Eu sou sua irmã — Madison respondeu como se fosse óbvio — Sei de todos os seus esconderijos.

Ele soltou um riso fraco e a garota sentou-se na pedra onde ele tinha passado aquela última noite.

— Uau, a vista daqui é mais bonita do que eu imaginei...

Jonathan sentou-se ao seu lado.

— Olha! — apontou para baixo, observando uma pequena mariposa pousar na pedra ao lado em que ela tinha sentado — Que borboleta linda!

— É só uma borboleta comum — Jonathan desviou os olhos sem dar atenção.

— Não diga isso! — Madison o repreendeu, incrédula. Adorava insetos e qualquer ser humano minúsculo vivo — Uma borboleta nunca é comum, ninguém pode dizer o que essas pequenas asas já vivenciaram.

Ele riu enquanto ela se aproximava e pegava a pequena borboleta com cuidado. E então começou a refletir sobre o que sua irmã tinha acabado de falar.

“Ninguém pode dizer o que essas pequenas asas já vivenciaram.”

E era verdade. Até com nós, seres humanos. Ninguém poderia julgar o quanto uma pessoa já viveu ou sofreu.

— A mamãe chegou de viagem ontem a noite e eu disse que você foi dormir na casa do David — depois de colocar a borboleta em seu habitat natural, a garota apoiou o queixo em seus joelhos e abraçou as pernas — Você sabe que não pode fugir para sempre, né?

— Eu sei.

— Não importa o quanto você fuja das outras pessoas, não tem como fugir de você mesmo.

— É.

Madison virou-se para trás e trouxe para o seu colo a mochila que tinha levado junto em suas costas. Puxou o zíper e a abriu, esticando um sanduíche natural embalado em um saco plástico que havia preparado para o irmão de manhã. Em seguida, retirou uma garrafinha com suco e esticou em sua direção.

— Valeu — Jonathan não percebeu o quando estava com fome até dar sua primeira mordida.

— Você está com a boca inchada — A mais nova apontou — E um olho roxo.

— Foi só uma briga aí ...

Madison virou-se para frente e os dois ficaram em silêncio, observando o céu se tornar escuro aos poucos e os grandes pinheiros na paisagem à sua frente se camuflarem.

Os pensamentos suicidas estavam ficando cada vez mais frequentes. Pensamentos de como seria se ele fosse embora. Dúvidas de quem poderia sentir a sua falta... E então pôde escutar os pinheiros sussurrando que sim, alguém sentiria sua falta. Mas quem? Sua família? Seus amigos?

— Você acha que as árvores conversam? — ele perguntou, pensativo. As folhas dos pinheiros balançavam com o vento como se estivessem dançando solitárias ao som de uma melodia clássica.

— Acha? Como assim? — ela o encarou óbvia, sorrindo de forma divertida — É lógico que elas conversam. Não está ouvindo?

— Hum, acho que sim — Jonathan deu de ombros, entrando no universo da irmã — Só não entendo o que elas dizem.

— Estão contando histórias sobre nós, humanos — Madison voltou com seu semblante sério, meio tenso. Era como se ela pudesse sentir — São sempre histórias tristes.

— Como você sabe?

— Não está ouvindo o choro? — A garota fechou os olhos com uma expressão de dor. Às vezes, Jonathan perguntava se ela também se sentia vazia como ele. Se ela lutava contra demônios em seu interior igual a ele.

— Choro? — encarou Mad.

— Sim — sua irmã suspirou, triste — Estão chorando por nós.

— De medo?

— De pena...

— Ah — O garoto piscou os olhos, lamentando.

Anos perdidos, adolescência desperdiçada. Gostaria de saber o motivo da juventude ser tão desperdiçada entre os jovens enquanto ela deveria ser aproveitada. Porque não existiu nenhum único jovem que já se deitou sem se queixar de dúvidas sobre a sua existência.

Madison encostou-se em uma rocha e levou a cabeça para trás, encarando o céu estrelado. Jonathan fez o mesmo e seguiu seu olhar, observando as estrelas e inconscientemente lembrando-se de Elisa.

E como se estivesse lendo sua mente, Madison comentou:

— Elisa perguntou sobre você.

— Perguntou? — tentou disfarçar o seu interesse.

— Uhum. Ela gosta de você — sua irmã voltou a sentar para encará-lo — Você gosta dela?

— Eu... Não — fez uma careta desconfortável enquanto a garota sorria se divertindo com seu nervosismo — Quer dizer... Sim. Mas não desse jeito que você está pensando.

— Que jeito? — Madison arqueou uma sobrancelha e John desviou o olhar, tentando não entrar naquele assunto. Ela soltou uma gargalhada — De qualquer forma, eu gosto dela. Ela é legal e finalmente tenho alguma menina para conversar

Ele balançou a cabeça.

— Isaac já deve estar cansado de me escutar falando sobre calcinha e sutiã.

— Ele gosta de você — Jonathan a provocou, tentando deixá-la desconfortável da mesma forma que ele havia ficado.

Madison riu alto.

— John...

— Está vendo? — ele cruzou os braços, abrindo um sorrisinho — Não é legal quando as pessoas fazem isso com você...

— Jonathan.. — ela tentou se acalmar, em meio às gargalhadas. Suas bochechas doíam — O Isaac é gay

Surpreso, ele não conseguiu rir.

Não conseguiu porque sentia as vozes entrando novamente em sua cabeça.

— Desde quando?

— Desde sempre, ué — Mad deu de ombros.

E então, Jonathan começou a se sentir culpado. Culpado por não conhecer o próprio amigo.

Sentia que estava perdendo tudo desde que começou sua batalha interna.

Passava tanto tempo preso em si mesmo, tentando se entender e acabar com seus demônios que esquecia do mundo real e, conseqüentemente, esquecia-se das pessoas ao seu redor. Não conseguia mais captar os momentos alegres e tudo o que restava no final era a tristeza. E naquele momento... Só restou a culpa e tristeza por não conseguir reconhecer seus amigos como antigamente.

— Relaxa, John — Madison lhe deu um empurrãozinho leve, percebendo seu semblante tenso — Olha, você não pode mudar o passado, mas pode aprender com ele e transformar o futuro.

O garoto sorriu verdadeiramente.

Era tudo que ele precisava ouvir. E pela primeira vez, acreditou que podia fazer de seu futuro um lugar melhor, e ele podia ser melhor.

versões de pessoas

*“Antes de você chegar
 Meu coração nunca bateu tão rápido
 Antes de você chegar
 Eu estava pronta para ir mais devagar
 Antes de você chegar
 Eu estava à caminho de um pequeno desastre.”
 (Body Gold - Oh Wonder)*

ELISA

Jonathan tinha aparecido na escola no sábado de manhã para a aula de reposição e Elisa ficou animada com sua presença. Ele estava tendo aula de química naquele horário sentado ao lado de Henry enquanto a garota o observava do lado de fora.

Ela estava atrasada, mas ele estava sorrindo e aquilo era algo tão lindo e raro de se ver que ela não se importaria em perder quase um horário inteiro de geografia.

— Por que está espionando eles?

Elisa tomou um susto com a voz repentina atrás dela e rapidamente virou-se, dando de cara com Davina.

— Eu não estou espionando! — abriu um sorrisinho nervoso — Só estou observando... secretamente.

— Isso é espionar — retrucou, cruzando os braços — Você devia estar na sala de aula, por quê está olhando eles?

— Eu...

Elisa deu de ombros, sem saber o que dizer. Queria retrucar e falar que ela também deveria estar na sala de aula, mas se conteve. Apesar dela considerar Davina legal, não era novidade que vez ou outra a garota abusava do seu "poder" como chefe do grupo do grêmio estudantil.

— Bom, é que... — apontou para o vidro, em direção aos meninos que agora usavam óculos de proteção e riam juntos

enquanto observavam um líquido azul no recipiente transparente em cima da mesa — Eu estava passando e vi o John. Ele está tão feliz hoje.

Davina se aproximou da porta, interessada.

— Ele está até sorrindo — Elisa continuou, empolgada.

Ela não sabia ao certo se Davina conhecia Jonathan. Só sabia que estava tão animada o ponto de rir que não queria se importar com mais nada além disso.

— Alguma vez na sua vida você já viu Jonathan Blake rindo?

— Sim, já — Davina mentiu, incomodada — Nós já namoramos, caso você não saiba.

Elisa quase engasgou, piscando os olhos surpresa.

— Oh, eu não... — foi interrompida.

— Não se engane, esse sorriso lindo que você está vendo é só fingido.

Elisa se sentiu nauseada, ainda presa à revelação de antes.

Ela nunca tinha visto Jonathan com ninguém, muito menos com Davina. Será que era verdade? Será que eles realmente namoraram? E se sim, o que ele tinha visto nela? *Davina até podia ser uma garota legal, bonita e inteligente, mas não era o estilo de Jonathan*, pensou e logo revirou os olhos consigo mesma. Ela nem o conhecia direito para saber qual era o tipo de garota que ele gostava.

— E pelo visto você quer se aproximar dele... — Davina franziu as sobrancelhas, abrindo um sorrisinho de deboche.

— Nós somos amigos — Elisa explicou, tentando não ficar nervosa.

— Mas você quer mais do que isso — A garota levantou a sobrancelha provocativa, desafiando-a.

— Não, eu...

Elisa engoliu seco, sem gostar do rumo onde aquela conversa estava indo.

— Deixa eu te explicar uma coisa, Elisa... — ela deu um passo para frente, intimidadora — Caras como o Jonathan não combinam com garotas como você.

Elisa franziu a testa, a interrompendo:

— E você acha que combina com você?

Davina ficou calada por um segundo, fazendo uma careta.

— Isso. Não tem nada haver — gaguejou — Não vem ao caso agora.

Elisa suspirou e se encostou no armário ao lado da porta, sem entender qual a necessidade daquele assunto entre as duas, já que elas nem tinham intimidade.

— Estou querendo dizer que o Jonathan tem problemas — balançou a cabeça na direção de Elisa, que queria interrompê-la novamente e dizer que todos tinham problemas — Mas problemas do tipo... De verdade. E não como devem ser os seus.

— Cala a boca! — Elisa foi rápida e não precisou alterar seu tom de voz para mostrar que ela tinha ficado chateada — Você não sabe nada sobre os meus problemas.

Davina riu.

— É só olhar para você — apontou para a garota — Toda perfeitainha, nunca deve ter tido uma dificuldade na vida.

— Não é verdade!

Elisa começou a ficar com raiva. Queria que todos entendessem que cada pessoa era diferente. E que não se podia comparar a dor de ninguém, porque cada um sentia de uma forma única e diferente, da mesma maneira em que vivemos realidades completamente distintas.

— Você é uma mimada. As pessoas só te aturam porque você é rica e porque sua irmã era a garota mais legal e popular daqui — Davina não estava gritando ou falando alto, o que deixava tudo mais doloroso — E mesmo assim você nem chega aos pés dela e provavelmente nunca vai chegar.

— Para com isso!

Elisa transferiu um empurrão na direção da garota, que foi lançada para trás e acabou se batendo contra os armários, fazendo um grande barulho no corredor vazio.

Não soube o que tinha dado nela para ter partido para a violência, talvez a cena de Jonathan e os meninos brigando da semana passada, que voltou à sua mente. Ela só sabia que estava cansada. Cansada de ser sempre comparada com sua irmã mais velha e conseqüentemente sempre diminuída. Ela não merecia isso, ninguém merecia.

— Você está maluca? — Davina estava prestes a revidar quando uma figura apareceu no corredor onde elas estavam, interrompendo o climão e segurando uma vassoura de modo ameaçador.

— O que vocês duas estão fazendo aqui agora?

Davina foi rápida, se recompondo e virando-se para o zelador:

— Eu estava voltando do banheiro quando encontrei a Elisa *matando* aula — cruzou os braços, forçando uma expressão de desapontamento ao contar o fato para o senhor bigodudo.

— É mentira — A loira tentou se defender, mas então percebeu que, na verdade, não era totalmente mentira. A parte de matar a aula era quase verdadeira, portanto, Davina tinha um ponto — Quer dizer...

— Isso é muito feio! — O funcionário balançou a cabeça de forma negativa, desaprovando sua atitude — Eu vou te conduzir até a diretoria, vamos.

— Mas eu... — Elisa mordeu os lábios, ansiosa — Foi um mal entendido. Você não vai nem escutar a minha explicação?

O zelador negou, apontando para o corredor.

Mas antes que ela pudesse o acompanhar, Davina agarrou seu braço e sussurrou:

— É melhor você parar de ficar tentando se aproximar do Jonathan, ele precisa de alguém de verdade e não de uma versão perfeitazinha da Barbie.

remendando a dor

*“E eu tenho muitos sentimentos, muitas emoções
Eu nem sei mais o que é real
Eu só digo foda-se, e continuo em frente
E eu me afundo e me afundo, me sinto chapado.”
(Feels - Kiiara)*

JONATHAN

Jonathan não sabia o motivo de ter acordado feliz naquele sábado, depois de ter tido uma madrugada inquieta e torturante de insônia. Ele só sabia que suas emoções eram estranhas e não tinham controle.

Ele esteve na aula de química no laboratório com Henrique e por mais que odiasse química e todas as outras matérias convencionais, ele tinha gostado do tempo que passou com seu amigo. E tinha rido, na verdade, bochechas doídamde tanto que ele riu.

Agora no intervalo, eles caminhavam pelo corredor conversando sobre um show de rock que aconteceria naquela noite.

— Ter um show assim em Brixton é uma raridade, não podemos perder.

— Eu estou falando para vocês... Vou conseguir esses ingressos — David apontou o dedo para os dois, com confiança — Gravem o que eu estou dizendo.

— Se der certo, eu estou com o carro do meu pai — Henry comentou enquanto chegavam perto dos armários para guardarem o material — Vamos conseguir...

A conversa dos três foi interrompida assim que, estranhamente, observaram o grupinho dos meninos do time de basquete gargalhando em frente ao armário de Jonathan.

— O que é isso? — David rosnou ao analisar a cena.

Como o grupinho não fez questão de se afastarem, os três entraram

Quando eles se atravessaram no meio do grupinho e puderam se aproximar do armário, deram de cara com um desenho de uma caricatura mal feita e exagerada de Jonathan, pichado na parede do armário com alguns insultos ao redor do tipo "Zumbi", "Drogado" e "Maconheiro".

As gargalhadas no fundo aumentaram.

Jonathan engoliu seco e não reagiu, ao contrário de seus amigos, que transpareciam mais raivosos:

— Qual foi?

— Que merda é essa? Deem o fora daqui! — David avançou e estava prestes a espantá-los quando foi interrompido pela professora de biologia que passava pelo corredor:

— Algum problema aqui, rapazes?

Jonathan respirou fundo, sentindo-se cansado. Queria que eles apenas saíssem dali e não causassem mais confusão. Ele estava tendo um dia feio e seus pensamentos torturantes ainda não tinham aparecido. Só queria se manter tranquilo, só queria um dia de paz.

— Esses idiotas fizeram... — David apontou para o desenho e Jonathan o empurrou de lado.

— Cala a boca.

A professora Kátia se aproximou e então conseguiu ver o armário todo pichado. Abriu a boca parecendo horrorizada com o que tinha acabado de ver e virou-se novamente para os meninos:

— Destruição do patrimônio escolar — cruzou os braços — Posso saber quem foi o vândalo que fez esse absurdo?!

— Foi eu.

Jonathan respirou fundo ao confessar o que não fez e seus dois amigos o encararam sem entender. Os outros garotos também o encararam com uma mistura de confusão e divertimento, sem acreditar.

— Como assim você... — Henry piscou os olhos, atrapalhado.

— John... — David também tentou intervir fracassando.

— Sim, foi eu — Jonathan levantou o rosto, encarando a todos. Se ele apontasse o culpado, talvez nunca o deixassem em paz — O que foi? Eu não posso ter liberdade artística?

A professora balançou a cabeça, desaprovando-o.

— Você não é de fazer essas coisas, Jonathan — Kátia o olhou de cima abaixo, com estranhamento — Infelizmente isso vai para o seu histórico.

Jonathan balançou a cabeça em concordância e suspirou surpreso por ela ter falado seu nome. Geralmente ele era um dos alunos esquecidos.

— Para a diretoria, me acompanhe.

— Mas... — David resmungou, frustrado. Ele estava furioso com a atitude de John, queria que aqueles garotos pagassem pelo que fizeram. Talvez na hora da saída ele desse o que eles mereciam, mesmo que isso significasse sair com outro nariz sangrando — Isso não é justo!

Jonathan suspirou, acostumado.

— Posso ir ao banheiro antes? — perguntou e a professora concordou. Logo ele saiu, sendo acompanhado por Henry que estava calado e David que não parava de tagarelar sobre a idiotice que ele estava cometendo — Sozinho!

— O quê?

— Hã?

Os dois amigos o encararam.

— Não posso ir ao banheiro sozinho?!

E então Jonathan adentrou o local enquanto Henrique e David ficaram para trás. Andou em direção a última cabine vazia, entrou, fechou a porta e abaixou o vaso, sentando-se logo em seguida.

Seus olhos ardiam e pediam a passagem das lágrimas.

Seus sentimentos estavam confusos. Há alguns minutos ele estava rindo e agora já estava querendo chorar.

— Droga... — murmurou para si mesmo.

Levantou a manga do seu casaco preto e encarou o pulso pálido.

As marcas dos cortes desaparecendo e ele com vontade de fazer mais para lembrá-lo todo dia o que vivia, o que aquelas marcas significavam. Cortes que eram a prova do passado terrível

que ele teve. Da vida injusta. Dos abusos sofridos pelo seu pai e das sequelas que até hoje estavam presentes.

Ele sentia que ia desmoronar ali mesmo, encolhido no banheiro sujo do colégio. E não podia desmoronar ali, precisava guardar todo aquele sentimento e descontar outra hora, mas precisava de um lembrete e então, como se o universo concordasse com as vozes dentro de sua cabeça, ele olhou para o chão e encontrou, perto do lixo, um apontador de lápis abandonado.

Se inclinou e pegou o apontador.

Em seguida, o quebrou, retirando a lâmina com pouca dificuldade. Esticou o braço esquerdo no seu colo e encarou as marcas de seus últimos cortes. Respirou fundo e sem hesitar, passou a lâmina horizontalmente pela sua pele uma única vez e conseguiu ver o sangue subindo. Uma única vez por ora, para lembrá-lo de terminar o processo mais tarde.

Pegou um pouco do papel higiênico e colocou em cima, como forma de parar o sangramento que estava surgindo. Ficou um tempo com o papel no pulso e então jogou no lixo. Não estava sangrando muito, ele não havia feito para o sangue escorrer. Era só esticar a manga do casaco e não abaixar o braço que estava "tudo bem".

Levantou com a mão no peito e saiu da cabine.

Escutou um barulho estranho e olhou para trás, mas pelo visto não havia ninguém além dele. Assim que saiu do banheiro, Kátia estava o esperando para ir até a diretoria.

parte II

*"Eu acredito nas coisas que você faz
E eu quero acreditar que você acredita também
Todo o barulho no meu ouvido que eu ouço é sobre você."
(Paper Love - Allie X)*

ELISA

Quarenta e três minutos.

Fazia cerca de quarenta e três minutos que Elisa estava sentada no banco da coordenação à espera de alguma punição pelo que tinha feito, mas ninguém tinha aparecido até agora.

— Elisa! — A garota olhou para a porta onde teve seu nome chamado, encarando a professora Kátia ao lado de Jonathan — O que está fazendo aqui?

A garota mordiscou a unha, envergonhada.

— Eu estou esperando a diretora me chamar.

— Por que? Fez algo de errado?

Com a conversa fiada, Jonathan se encostou na porta e cruzou os braços, suspirando sem paciência.

— Não, eu... Quer dizer, sim — ela piscou os olhos, estranhando a curiosidade exagerada.

— Com certeza deve ter sido um mal entendido, você não é de fazer essas coisas — Kátia disse e Jonathan abriu um sorrisinho debochado ao notar que foi a mesma coisa que ela tinha lhe falado mais cedo — Eu vou falar com a diretora Alba, não se preocupe.

— Não precisa, eu...

Elisa não teve a chance de falar assim que a mulher adentrou a sala particular da diretora, os deixando para trás.

Jonathan se aproximou e sentou-se ao lado da garota.

— O que você fez? — ele perguntou, genuíno. Sua ideia de que Elisa aparentava ser perfeita estava começando a mudar e ele estava gostando.

— Matei aula e acabei empurrando uma garota contra o armário — ela fechou os olhos, morrendo de vergonha.

Eles permaneceram alguns segundos em silêncio e então, Jonathan riu.

Elisa olhou em sua direção para ter certeza de que não estava imaginando coisas. Logo, ela riu junto a ele. E então ele finalizou a gargalhada com um suspiro. Elisa não sabia o que aquilo significava, nem ele mesmo sabia.

— E você? — ela perguntou, mantendo a interação — O que você fez?

— Assumi a culpa de uma coisa que não cometi — com um tom irônico, Jonathan deu de ombros e suspirou novamente,

desolado.

Eles ficaram calados, sem assunto.

Surpreendentemente o silêncio não estava constrangedor, pelo contrário. Estava tudo muito confortável.

— Você vai para a festa na casa da Lindsay, hoje à noite? — Elisa perguntou, torcendo de ansiedade por dentro para que ele respondesse um "sim".

— Não gosto de festas — fez uma careta e ela murchou — Você vai?

— Provavelmente — concordou. Mesmo se não quisesse ir, Charlotte ou Lindsay iriam obrigá-la.

— Talvez eu passe lá — John sorriu de lado e ela pôde sentir suas bochechas queimarem. Lisa estava vermelha e ele sabia, achou engraçado.

Antes que eles pudessem falar mais alguma coisa e continuar interagindo, a professora Kátia voltou afirmando que a diretora Alba esperava por Jonathan.

O garoto se levantou e por um momento, escapou o pulso, onde Elisa conseguiu notar o corte recente por dentro do casaco. Ela não sabia ao certo se ele viu o que ela tinha visto e queria falar algo, mas não sabia o que. Quando percebeu, ele já tinha desaparecido.

— Conversei com a Alba sobre você, Lisa — A professora de biologia sentou ao seu lado, despertando-a.

— Sobre mim?

A menina piscou duas vezes, sem entender.

— Sim, querida — colocou sua mão em cima das mãos da garota. Elisa soltou um risinho, sem entender a preocupação e proximidade demasiada — Eu expliquei que por ter sido um mal entendido não precisaria chamar seus pais, não acha?

— Mas não foi um mal entendido — ela franziu as sobrancelhas — Eu realmente pulei uma aula e empurrei a Davina.

Elisa não sabia explicar como estava se sentindo.

Ela queria receber uma advertência e queria que a diretora chamasse os seus pais. Isso tudo era uma chance para que eles percebessem que precisavam dar mais atenção à ela. Que tinham

uma filha de dezessete anos que precisava de atenção como qualquer outro adolescente.

— Mas isso atrapalharia os seus pais. Eles teriam que vir aqui juntos e isso não daria certo, não acha? — Kátia sorriu para Elisa, que permaneceu sem entender as intenções da professora.

Sua única chance de chamar a atenção de seus pais estava sendo arruinada por uma mera professora de biologia, não fazia sentido.

— Já está dispensada. Pode ir e tenha um bom dia, querida — expulsou-a do local.

Elisa saiu da sala meio confusa.

Andou pelo corredor e foi em direção ao seu armário, pegar as suas coisas para voltar para casa. Eles só teriam duas aulas de reposição e como ela acabou perdendo a última, já estava liberada.

Elisa andou até a saída do colégio e precisou se apressar ao atravessar a rua para pegar o ônibus que já esperava no ponto. Ela entrou e sentou-se em um dos bancos vazios no meio, ao lado da janela. Assim que o automóvel começou a se movimentar, ela inclinou a cabeça e começou a observar as pessoas que passavam como *flash* na rua. Começou a imaginar como elas eram e como eram as suas vidas. O que faziam, o que desejavam, o que sonhavam.

Se os pais que apareciam de mãos dadas com seus filhos davam toda a atenção que eles mereciam. Se os casais que passavam com expressões apaixonadas realmente se amavam ou só jogavam um jogo de aparências.

Também gostava de se imaginar vivendo em uma daquelas vidas. Porque seus pais folgavam dia de sábado, mas mesmo assim permaneciam ausentes.

E naquele momento eles provavelmente deveriam estar procurando uma atividade que preenchesse seu tempo para não necessitarem ficar encarando um ao outro.

Era triste mas era a sua vida; e ela não tinha como escapar sem sonhar acordada.

a ideia da auto suficiência

*“Mãe, eu sei
Que você está cansada de estar sozinha
Pai, eu sei que você está tentando
Lutar quando sente vontade de fugir”
(Unsteady - X Ambassadors)*

ELISA

Elisa não precisou entrar em casa para descobrir o caos que acontecia ali dentro.

Do lado de fora, em frente ao jardim, ela estava conseguindo escutar os gritos de sua mãe brigando com seu pai. Não era algo diferente ou fora do comum. Ela já estava acostumada, contudo, apesar de estar acostumada, não significava que gostava. E não sabia se entrava na casa ou se continuava parada ali, em frente à porta.

— Algum problema, mocinha?

Elisa olhou para o lado, encarando uma idosa que passava pela calçada e parou para observá-la.

— Não — *Sim*. Seus pais estavam brigando alto e ferozmente. Ela podia sentir que até os vizinhos estavam escutando, mas não mudaria nada se contasse àquela velhinha. Ela não poderia fazer nada — Só estou esperando um colega.

— Compreendo — A senhora sorriu com simpatia e voltou a caminhar — Tenha um bom dia.

— Obrigada, você também.

E então, Elisa sentou-se na calçada de sua casa e suspirou alto, encarando o chão.

Seus pais se amavam? — era uma pergunta constante.

Porque, pelo que ela entendia, pessoas que se amavam, se casam. Alguns até tinham filhos.

Mas qual seria o motivo daquelas pessoas que se amavam tanto ao ponto de assinarem um contrato para passarem o resto de duas vidas juntas até a morte ou separassem, brigarem tanto? Ou então traírem uns aos outros?

O amor acabava? — era outra dúvida cruel.

Será que o amor sequer existia? Às vezes ela achava que sim, porque era o que sentia por Jonathan. *Amor*. Podia chamar assim? Tão nova e já com tantas certezas e incertezas. E se não fosse ele, quem seria?

— Essa porra de vida! — escutou seu pai bater à porta da frente forte e sair. De imediato, percebeu a filha sentada na escadinha da calçada e deu um passo para trás, hesitante — Elisa... Eu não vi você aí.

— É, eu sei — sorriu vaga.

— Por que você... — ele cruzou os braços sem jeito e desviou seu olhar — Olhe... Não precisa se preocupar com nada. Está tudo bem, eu e sua mãe só estamos estressados com o trabalho. É isso.

— Tá bom.

Ela voltou a encarar o chão.

Elisa achava incrível e irônico ao mesmo tempo a forma de como seus pais pensavam. Eles acham que escondendo a verdade dos filhos, estavam protegendo-os da dor. Mas, na verdade, era exatamente o contrário, tornava tudo pior.

— Eu vou sair... — Jacob foi interrompido:

— Para onde? É sábado, você não trabalha hoje.

— Vai ficar me controlando agora, é? — ele debochou de forma sarcástica e Elisa levantou as sobrancelhas, surpresa. Era só uma pergunta simples, não precisava de todo aquele desprezo.

— Eu só... — ela tentou se explicar, mas foi cortada:

— Vou sair e pegar um ar. Ou eu não posso?

E sem esperar uma resposta, seu pai entrou no carro e fechou a porta, dando partida logo em seguida.

Elisa não sabia ao certo o que devia fazer. Não sabia se devia contar à sua mãe o que ela achava que estava acontecendo, talvez Paola até já estivesse sabendo de tudo.

Hesitante, a garota levantou de onde estava e entrou dentro de casa. Como de costume, após uma briga, encontrou um copo de vidro quebrado no chão.

Dessa vez f oi só um— pensou.

Desviou e passou por cima com cuidado para não se machucar, subindo as escadas devagar. Passou pelo corredor e antes de ir direto para o seu quarto, escutou sua mãe falando alto e sozinha.

Observou Paola pela porta exclamando desesperada enquanto pegava as roupas do guarda-roupa e as jogava em uma mala preta em cima da cama.

— Mãe, o que está fazendo?

Elisa entrou no quarto do casal e foi na direção de Paola, sem entender.

— Eu vou embora daqui, não aguento mais! — ela gritava enquanto jogava as roupas na sacola — Estou cansada!

— Como assim?

Elisa tentou impedi-la de continuar fazendo as malas, mas foi empurrada para o lado.

— Mãe, você não pode ir...

— Eu posso fazer o que eu quiser!

— Mas... Mas e eu? — Elisa estava confusa, não entendia nada. Para onde elas iriam? — É a minha escola?

— Que se dane essa sua escola! — berrou, alterada — Você faz o que você quiser, fique com seu pai, eu não ligo!

Elisa parou de tentar guardar as roupas de volta ou desfazer a mala que estava em cima da cama, observando a mãe.

Ela não estava mais triste, mas também não estava bem. Se sentia estranha, decepcionada, como uma dor oculta que ela não via, mas sabia que estava ali dentro.

Como ela podia não ligar para a própria filha?

Dessa vez, Elisa sentia que não podia mais aguentar.

Quando tentou de todas as formas ser uma boa filha, tentou ser de tudo: bailarina, desenhista, pintora, cantora e até escritora. Tentou ser extrovertida, ser diferente, ser especial, ser mágica. Tentou fazer tanto para agradar sua mãe que acabou falhando em

tudo. Tentou tanto ser igual a irmã mais velha que acabou esquecendo de ser só a Elisa.

Andou até a porta e saiu, largando a mulher desesperada dentro do quarto.

Por que ela deveria se arriscar quando ninguém nunca se arriscou por ela? Tinha decidido. Não seria mais nada artificial para ninguém, não importava quem fosse.

Ela seria ela mesma. Por ela mesma.

parte II

*“E nós não sabemos como
Como entramos nesta bagunça, isso é um teste de Deus?
Alguém nos ajude porque nós estamos dando o nosso melhor
Tentando fazer funcionar mas cara, estes tempos estão difíceis.
(For The First Time - The Scripts)*

ELISA E JONATHAN

Depois de largar sua mãe sozinha em casa, Elisa pegou o ônibus e foi direto para a casa de Lindsay, onde aconteceria a festa que ela tinha sido convidada. Não se importou em chegar muito antes do horário marcado. Usou qualquer desculpa esfarrapada e Lindsay acreditou, sem fazer muita questão. Ela não ligava muito, nem Elisa.

Passou as horas ajudando a colega a arrumar a casa e montar uma pista de dança na sala, com um monitor de slide para conectar as músicas e algumas lâmpadas coloridas de LED. Espalharam alguns painéis divertidos pela sala e por fim, improvisaram um bar na cozinha.

Não demorou muito para o tempo passar rápido e a casa começar a encher.

Elisa passou a semana inteira animada para aquela festa e quando finalmente chegou o dia, ela só queria desaparecer. Estava

se sentindo tão vazia, tão exausta. Não aguentava mais fingir que estava bem, quando, na verdade, estava em cacos esmigalhados.

Enquanto isso, Jonathan acabava de entrar no local ao lado de Madison e Isaac.

Não sabia muito bem porque tinha decidido ir, talvez por causa de Elisa, ele queria conhecê-la melhor.

— Elas são insuportáveis, mas até que fazem uma festa legal — Isaac comentou, analisando a casa de Lindsay

— Eu gostei das luzes de discoteca.

— E até que a música é boa. Vamos para a pista?

— John, nós vamos dançar. Você vai ficar bem? — Madison olhou para o irmão, que concordou com a cabeça sem responder, enfiando as mãos no bolso da calça jeans escura.

Ele não estava à vontade no meio de toda aquela gente, mas também não estava desconfortável ao ponto de começar um ataque de pânico.

E assim que Madison e Isaac saíram juntos até a parte mais barulhenta e movimentada da casa, o garoto seguiu andando em outra direção. Em busca de um ambiente mais vazio e silencioso, acabou chegando na área dos fundos, onde o som estava abafado e algumas pessoas aproveitavam nadando na piscina.

Seu olhar se prendeu à Elisa, que encontrava-se sentada na borda da piscina com a cabeça baixa, observando as ondas na água provocadas pelo balançar de seu pé. Ela ainda vestia o uniforme do colégio, então ele deduziu que talvez tivesse ido direto para aquele lugar.

— Oi — Jonathan se aproximou e agachou-se ao lado da garota, que parecia hipnotizada pelo reflexo das luzes fluorescentes na água azul cristalina — Posso sentar aqui?

Ela não o encarou e ele estranhou. Parecia que navegava em outro universo, presa no mundo da lua.

— A piscina não é minha — murmurou, ainda imersa olhando para baixo — A vida é sua.

Jonathan soltou um riso rouco, assim que sentiu o hálito forte de álcool sair da boca dela.

— Quantas bebidas você já tomou? — perguntou.

— Eu não bebi! — exclamou — Só experimentei uns sete do copo vermelho bonitinho.

Elisa piscou os olhos, erguendo o rosto e finalmente encarando quem estava ao seu lado. Logo seus olhos se arregalaram de surpresa ao perceber ela estava, justamente, conversando com o garoto que gostava aquele tempo todo.

— Você veio...

John abriu um meio sorriso.

— Dia dif í cil,é? — ele encarou seus olhos e ela sentiu suas bochechas queimarem como pimenta. Estava vermelha.

— Um pouco — sorriu triste e ele tentou não sentir pena da garota.

— Como você está se sentindo agora? Tipo... agora mesmo?

— John perguntou, mordendo os lábios. Cada vez mais ficava curioso sobre Elisa. Ele a achava instigante. O que ela f azia,o que pensava. Não entendia o porquê, mas queria saber mais e mais.

— Me sinto perdida, eu acho — ela respondeu, jogando a cabeça para trás até conseguir olhar para as estrelas — E meio vazia.

— Vazia?

Era estranho. Jonathan estava começando a achar ambos muito parecidos. Com sentimentos iguais e pensamentos semelhantes. Só não sabia dizer se aquilo era bom ou ruim.

— Sim... Eu não sinto nada — Elisa começou a suspirar devagar, para não chorar. O suspiro era o choro da boca — Eu só... Acho que não me importo mais.

— Não se importa mais com o quê?

— Com tudo — deu de ombros — A escola, as pessoas daqui, eu mesma, meus pais...

— Seus pais?

Jonathan arqueou as sobrancelhas, surpreso. Ela deveria estar passando por algo muito grave para desistir até da própria f amí lia.

E ele sabia como ninguém que f amí lia era aquela que cuidava e se importava. Era quem protegia e estava com você em todos os momentos, sem considerar os laços de sangue ou sua árvore genealógica.

— Sim, meus pais — sentiu seus olhos lacrimejarem, mas conseguiu segurar — Desculpa... nem eu entendo.

Ele deu de ombros, compreensível. *Sentia o mesmo.*

Elisa não tinha perdido a vontade de viver, ainda tinha muita esperança dentro dela. Ela apenas estava em transe; observando sua vida de fora e sem saber qual passo tomar para dar continuidade ou fazer as coisas melhorarem. Ao contrário de Jonathan, que não conseguia mais ver nada de extraordinário no mundo. A mesma rotina, as mesmas pessoas, os mesmos costumes de sempre. A realidade chata e monótona em onde ele estava estagnado, como em um filme de loop infinito. O assustava só de pensar que seria sempre assim.

— E você? — ela arriscou perguntar, se recordando de quando Davina lhe disse que ele tinha problemas, sérios problemas — Você é feliz?

O garoto ficou alguns segundos calado, sem saber o que responder.

Ele sentia falta do antigo Jonathan. Uma pessoa que tentava ser feliz que tinha expectativas na vida e esperança. Hoje ele vivia dentro de um Jonathan que nem queria acordar ou viver. Um garoto amargo, vazio, solitário, dentro de um caos. E sua alma pedia socorro para o seu eu do passado.

Suspirou.

Assim que estava prestes a abrir a boca para finalmente dar-lhe uma resposta, Isaac apareceu entre os dois, nervoso e apressado:

— Jôô! — ele não parecia bêbado ou algo do tipo. Ele parecia chateado e agitado — A gente precisa sair daqui!

Jonathan franziu as sobrancelhas.

— O quê?

— Confia em mim! — Isaac agarrou a mão do amigo e o puxou, fazendo-o se afastar da garota e levantar — Vamos logo dar o fora antes que alguém te veja.

Jonathan mal conseguiu dar um “tchau” à Elisa, ao ser levado para longe. Ambos não estavam entendendo nada.

Foi quando Elisa os seguiu e chegou até a sala de estar, onde uma rodinha de adolescentes estava se formando, um burburinho

começava a se espalhar, alguns riam e outros mantinham uma feição de espanto enquanto olhavam para o telão de projetor de slide.

A tela transmitia um vídeo editado de Jonathan. A imagem tremida e sem qualidade mostrava o adolescente no banheiro, encarando os próprios pulsos. Logo depois ele pegava um apontador no chão e o quebrava, passando a lâmina e se fazendo um corte propositalmente. Em seguida, começou uma edição mal feita, repetindo várias e várias vezes a cena em uma velocidade maior com uma música brega de fundo.

Elisa ficou assustada com a imagem, mas logo depois aquele sentimento se transformou em raiva e tristeza, ao observar as pessoas ao redor da sala assistindo o vídeo como se fosse alguma espécie de filme.

Ela se perguntava onde estava a empatia dentro delas; onde foi parar o respeito pelo próximo. E pela primeira vez, teve certeza de que grande parte da humanidade estava perdida.

entendendo a válvula de escape

“Conte-me seus segredos e faça-me suas perguntas

[...]

Ninguém disse que seria fácil

Mas também não disseram que seria tão difícil

Oh, me leve de volta ao começo.”

(The Scientist - Coldplay)

JONATHAN

Vazaram uma edição mal feita e de bem mau gosto do Jonathan se cortando em um momento de tristeza.

Ele não chegou a ver o que gravaram e transmitiram no telão, mas ficou sabendo logo depois que foi arrastado daquela festa por Isaac, que fez questão de contar tudo.

— Por que você voltou a fazer isso, John?

Os dois estavam sentados lado a lado dentro do carro estacionado em frente à casa de John. Madison já havia se despedido do amigo e entrado na residência, indignada e revoltada com o que tinha acontecido na festa de Lindsay.

— Foi só uma vez — tentou justificar.

— Mas por quê? — O amigo insistiu, tinha que haver um motivo por trás daquilo tudo. Isaac não gostava e nem entendia, mas tentava respeitar o máximo que podia. Ele sabia que não devia falar nada até compreender de verdade o que aqueles cortes significavam, até entender a necessidade que eles se tornavam.

— Eu não sei... — John murmurou e aquilo ia de pessoa em pessoa.

Alguns usavam os cortes como um grito de socorro, esperando que alguém note, que alguém os ajude. Eram pessoas que precisavam de um pouco de atenção e carinho para verem que não

estavam sozinhos. Elas precisavam de amor e estavam implorando por ele.

— Desculpa... — Jonathan abriu a porta e saiu do carro com a cabeça baixa, antes que Isaac falasse mais alguma coisa.

Para muitos, os cortes fazem o coração parar de sangrar. Faziam parar uma dor que não conseguiam entender e lidar tão bem quanto a dor física. Era a substituição de uma dor pela outra, na esperança de que a dor física fosse maior que a dor emocional, mesmo que o efeito possuísse um prazo curto.

— Vai ficar tudo bem, John! — escutou Isaac gritar enquanto ele abria a porta e entrava em casa.

Em seguida, escutou o barulho do carro e então fechou a porta, subindo as escadas em direção ao seu quarto.

Fugia de sentimentos muito fortes. Quando estava com muita raiva, muito triste, muito ansioso, muito vazio, muito decepcionado e simplesmente não conseguia lidar com todos aqueles sentimentos, aquela era sua válvula de escape.

Para os que queriam morrer, os cortes eram a salvação. O que os mantinham ali mais um dia, mais uma hora, mais um minuto. Era o que precisavam fazer para algo muito pior não acontecer. O corte era seu porto seguro.

Alguns também sentiam que precisavam se punir por não serem como queriam. Na verdade, por não serem como a sociedade os fazia acreditar que precisavam ser. Eles se cortavam como punição por serem como eram.

Para outros, o corte já se tornava um vício. Eles precisavam ver o sangue pingar, precisavam sentir a lâmina rasgando a pele, precisavam observar aquele momento em que o corte ficava branco antes de se encher de gotinhas, precisavam segurar o metal frio entre os dedos e precisavam sentir o controle. E acabava virando um ciclo, tornando-os dependentes.

Jonathan suspirou, sentindo-se pesado.

Entrou no quarto e andou até a janela, atravessando-a e, com facilidade, subindo até o telhado. Estava frio e escuro. Ele sentou-se nas telhas e abraçou as pernas, apoiando seu queixo nos joelhos.

— Merda...

Sentiu sua garganta arder, ao tentar prender as lágrimas que insistiam passagem em seus olhos.

Era como se ele carregasse dentro de si todos os sentimentos ruins, sentindo de tudo um pouco e mais precisamente o vazio. Tão imenso, tão doloroso, tão entorpecente que ele não sabia se conseguiria sentir mais alguma outra coisa, não sabia se ainda possuí a aquela capacidade.

Então ele se cortava. E sentia o grande alívio da dor. *Ele sentia*. Ele via que estava sentindo alguma coisa e que precisava daquele lembrete.

— Eu odeio essa vida — murmurou, observando de cima a rua vazia e escura.

Encarou seus pulsos e, no braço direito, observou a pequena tatuagem que tinha feito há uns meses quando decidiu parar e recomeçar. Ela se localizava bem em cima de cortes antigos. Um ponto e vírgula usado quando o autor poderia ter escolhido finalizar uma frase, mas escolheu continuá-la. Um ponto e vírgula com o significado pessoal de que Jonathan era o autor de sua vida e naquele momento, escolheu não finalizar a sentença e sim continuar. Pela primeira vez, John sentiu que podia simplesmente parar e recomeçar. Já tinha decidido parar e recomeçar tantas vezes desde então e recaído muitas vezes também.

Ele não tinha controle sobre o que sentia. Ele simplesmente *sentia*.

Cortes eram mais do que se podia imaginar. Aquelas linhas brancas eram dores, segredos, histórias escritas. Histórias de dores que não se podiam contar em voz alta.

— John? — escutou Madison o chamar pelo andar de sua janela.

Ele se encolheu e torceu para que ela não subisse, precisava ficar sozinho por um momento.

Tristeza. Angústia. Desespero. Ânsia. Vergonha. Humilhação. Raiva. Medo. Aflição. Rancor Egoísmo. Desgraça

Pegou um isqueiro e retirou um cigarro da cartela que carregava no bolso do seu casaco, acendendo-o. Queria fumar todos os cigarros do mundo até morrer de câncer. E, ao mesmo tempo, sentiu-se o ser humano mais ridículo do mundo por ter

aquele pensamento egoísta enquanto muitas pessoas lutavam contra o câncer para sobreviver.

— O que está pensando? — observou sua irmã aparecer, saindo da janela e andando em sua direção.

— Em como o mundo inteiro agora é feito de concreto — ele disse, expulsando a fumaça de sua boca e a observando desaparecer lentamente no ar.

Madison se aproximou e sentou-se ao seu lado. Ela fez uma careta com o cheiro da nicotina e o abraçou.

— E as pessoas... — A garota foi interrompida:

— Sim, as pessoas — ele concordou, focando seus olhos em um horizonte distinto à sua frente — Seus corações são de concreto também.

Madison olhou de relance para os pulsos do irmão e sentiu-se aliviada por só haver um corte, já houveram momentos piores.

— Ei — ela se animou, inclinando-se para trás — Olha o que eu fiz.

A garota voltou até a janela com dificuldade para pegar algo e quando retornou, esticou um quadro na direção do irmão.

— É como eu vejo você.

A pintura em aquarela mostrava uma caricatura borrada em preto e branco de Jonathan, em um fundo claro rodeado por flores coloridas e galhos verdes. A ilustração do garoto que era ele, estava de olhos fechados com um semblante calmo e, ao mesmo tempo, de alguma forma, perturbado.

Ele piscou os olhos, tão fascinado com o desenho que acabou jogando o cigarro fora. Então pegou o quadro em mãos, o segurando com encantamento.

— E as flores — ela continuou — Elas representam os pensamentos especiais que crescem em sua mente.

parar de fugir do presente

*“Eu estou preso em areia movediça
Estou tentando não me afogar
Caindo mais fundo desta vez e eu estou lutando para sair
E a dúvida entra na minha alma
Agora, eu descobri que não há mais nada para segurar.”
(Oasis - Jasmine Thompson)*

ELISA

Após ocorrido da festa, Elisa saiu e foi andando direto para casa. Não era muito tarde e nem muito longe, então não havia problema.

Chegou à frente de sua residência e parada em pé, observou o lar assombrado com apreensão. Pelas janelas, dava para perceber que as luzes estavam apagadas. A escuridão, a ausência de barulho e a calma excessiva depois da tempestade geravam ansiedade em Elisa, que não sabia o que tinha acontecido e tinha medo do que poderia ser.

A adolescente abriu a porta com cautela e assim que adentrou a casa, encarou a sala de estar toda bagunçada. Lençóis e vidros misturados em um completo caos.

— Mãe?

O medo começou a palpitar dentro do seu peito, inúmeras perguntas em sua cabeça.

Será que ela tinha realmente ido embora? Será que ela seria mesmo capaz de deixá-la ali?

Caminhou em silêncio, dobrando o corredor em direção à escada onde encontrou Paola, sentada em um dos últimos degraus, encolhida e com a cabeça baixa enquanto segurava uma folhagem.

— Mãe... — A garota sentou-se ao lado da mulher e a abraçou com cuidado, como se fosse um espinho que a qualquer hora poderia espetá-la — O que aconteceu?

Elisa podia se sentir como um acúmulo de faltas, insuficiências, medos, abandonos e inseguranças, mas, mesmo assim, não deixava de ser quem ela era. Não deixava de acreditar no que acreditava, porque apesar de haver tanta coisa ruim no mundo, ela nunca quis ser uma.

— Não chore — inclinou a cabeça, tentando consolar sua mãe. Sempre foi muito gentil, mesmo quando a vida ou as pessoas tinham lhe arrancado pedaços, nunca magoaria ninguém — Vai ficar tudo bem.

Paola levantou o rosto, expondo seus olhos inchados e vermelhos. Então esticou o papel branco e amassado na direção de Elisa, que o agarrou e leu a frase formada com letras recortadas de folhas de revista: **"O SEU CASAMENTO ESTÁ DESMORONANDO."**

Elisa queria corrigir: "*Sua família está desmoronando*" — porque era exatamente o que estava acontecendo.

— Seu pai está me traindo — A mulher contou e a garota sentiu um gélido correr pelo seu corpo, mesmo já tendo uma ideia sobre aquilo antes — Ele está nos abandonando, ele tem outra família.

Elisa fechou os olhos e sentiu as lágrimas escorregarem pelo seu rosto com facilidade.

Traição era uma das piores coisas, pois, quando você traía as pessoas que amavam, quando você as fazia vê as piores coisas que havia no mundo, você mudava tudo. Não tinha mais volta porque você quebrou os laços que trabalhou duro para construir e quanto mais fortes os fossem, mais difícil seria para os recompor.

— Não sei o que fazer — Paola começou a chorar e encostou a cabeça no ombro da filha — Não quero mais continuar vivendo assim, não vou aguentar muito tempo.

Elisa só queria sua avó naquele momento. Ela sabia o que dizer, o que fazer. Ela sabia organizar e colocar as coisas em ordem, ao contrário da adolescente de dezessete anos que não fazia a mínima ideia de como agir.

— Vai dar tudo certo — sussurrou, mesmo sem ter certeza de que as coisas iriam se resolver.

Só tinha a certeza de que, vendo sua mãe tão sensível e abalada naquele estado, ela não podia começar a chorar e desabar também. Precisava ser o apoio que Paola necessitava, não podia desmoronar naquele momento e, ao mesmo tempo, tinha medo. Tinha tanto medo de cair porquê sabia que não teria ninguém para segurá-la. Era sempre ela que segurava os outros quando eles caíam, mas se ela caísse, iria cair sozinha.

— Eu sei que vai... — A mãe suspirou ao tentar se recompor e sorriu para disfarçar o momento de fraqueza — Vou dormir, boa noite.

Ela levantou e saiu, largando Elisa sozinha na escada.

E depois de ficar um longo tempo encarando um ponto fixo qualquer no chão, a garota levantou, rasgou o papel que tinha ficado na sua mão e o jogou no chão, subindo para seu quarto.

Hoje tinha sido mais um daqueles dias difíceis de sobreviver. Um daqueles dias em que, ao final do dia, Elisa sentia uma sensação de vazio e inexistência. E, ao cair da noite, ela também sentia que já havia chegado ao seu limite. Suportou demais, lutou demais. Um daqueles dias em que a esperança não se manifestava dentro de seu corpo e a fazia chorar e querer fechar os olhos para nunca mais acordar.

E como um daqueles dias, Elisa só conseguiu dormir depois de deixar o travesseiro completamente encharcado. E, ao contrário do que tinha pensado, não conseguiu descansar e relaxar completamente.

Não demorou muito para ela abrir os olhos novamente e se sentir dentro do desconhecido.

Observou o local ao seu redor e ao observar árvores grandes e escuras, deduziu estar dentro de uma floresta. Como ela havia chegado ali?

Olhou para si mesma, percebendo que vestia uma camisola azul de hospital.

— Mas o quê... — sussurrou confusa para si mesma.

Longo, sem saber o porquê, começou a correr

Sentia que um exército também estava correndo atrás dela. Caçadores. Predadores. Não sabia o que era e não conseguia virar sua cabeça para olhar para trás; Elisa só conseguia correr. Corria o máximo que podia, como se estivesse em uma esteira de academia na velocidade máxima. Ela estava começando a cansar e eles estavam f amintos.

Quando tudo f icaria resolvido?

Quando f icaria f ora de perigo?

Será que ela já podia parar de correr?

Elisa sentia-se perdida. Perdida no mundo e dentro dela mesma. Não entendia como era possí vele odiava ter que passar por isso: aquela fase, aquela tristeza que eles sempre diziam que passaria. Não lembrava-se de como tinha começado e não sabia quando terminaria, nem ao menos sabia se conseguiria vencer aquela luta.

Elisa achava que não é capaz e, no f undo, ela era.

Após correr por um tempo, a menina escondeu-se na sombra de uma árvore. Estava exausta, consumida.

Olhou para si mesma e para as mechas loiras do seu cabelo solto, que se transformaram e começaram a escurecer, agora molhados. Também sentiu seus pés af undarem em algo gelado e parecia que ela estava sendo mergulhada em um rio.

Mas logo conseguiu levantar e sair de onde estava. E voltou a andar, dessa vez sem pressa. Contudo, paralisou no meio do caminho assim que uma criança apareceu à sua frente, uma garotinha loira, com grandes olhos azuis e usando a mesma camisola azul de hospital.

Era uma versão criança de Elisa, aos sete anos.

E ali estava, Elisa do presente frente à frente a Elisa do passado.

— Me ajuda! — Elisa do presente pediu, tentando não assustar a Elisa do pretérito.

— Não posso — A garotinha respondeu como se f osse óbvio, encarando-a de f orma curiosa — Eu sou do passado.

— Mas eu não sei o que f azer, não quero mais viver aqui — L isa conf essou triste — Quero voltar a ser você.

— Mas você não pode — A criança inclinou a cabeça — Você tem que sobreviver à tempestade.

Antes que Elisa retrucasse, ela sumiu. A garotinha simplesmente não se encontrava mais à sua frente.

E então Elisa abriu os olhos.

Suada e transpirando, ela estava assustada com o sonho que tinha acabado de ter. Nem tinha certeza se havia sido um sonho, talvez pesadelo. Porque seus pensamentos eram capazes da autodestruição, mas aquilo só aconteceria se ela deixasse e não deixaria, enfrentaria a tempestade e sobreviveria.

demonstrando esperança

*“Mas você poderia me salvar?
Venha e me salve
Se você puder, salve-me
Deste bando de esquisitos
Que suspeitam que nunca irão amar ninguém.”
(Save me - Aimee Mann)*

JONATHAN

No instante em que Jonathan pisou os pés no colégio, todos os olhares se concentraram em sua direção.

Não que ele estivesse esperando por algo diferente; não depois do vídeo que vazaram. E, para falar a verdade, nem estava ligando tanto. Já tinha parado de doer, de sangrar, de lamentar, de chorar, de sentir. Ele só tinha parado de se importar.

Ao contrário de Madison, que estava fervendo de raiva ao seu lado. Quanto mais ela conhecia as pessoas, mais elas a assombravam.

— Não é possível — sua irmã resmungou assim que avistou o grupinho do time de baseball rodeando o armário de Jonathan, *de novo* — Será que eles não vão nos deixar em paz?!

“Nos” - porque se mexessem com ele, estavam mexendo com ela vice-versa. Aquilo era fã mia.

— Deixa para lá, Mad... — ele sussurrou, suspirando cansado — Não quero brigar.

Madison revirou os olhos com a impassibilidade do irmão e eles continuaram andando pelo corredor, até desviarem do grupinho para chegarem até os armários.

— Pelo menos eles não picharam o...

Ela se calou assim que um papel caiu voando sobre seu irmão no momento em que ele abriu o armário.

Jonathan tentou esconder o papel onde tinham feito um desenho mal feito e manchado com algo vermelho que poderia ser tinta, esmalte ou ketchup, mas foi em vão, visto que sua irmã mais nova puxou a folha de sua mão:

— Me deixa ver!

Escutaram os meninos no fundo soltando algumas risadinhas.

— Vai uma gilete aí? — um deles gritou.

— Sim, com certeza! — Madison virou-se furiosa para encarar o grupinho — Tem mais utilidade do que esse seu pinto pequeno.

Alguns alunos que passavam no redor prenderam o riso e outros até pararam para observar o que estava acontecendo.

Os meninos do grupo de baseball se aproximaram, atacados.

— Mad, pare — Jonathan tentou impedir a irmã que já cruzava os braços e arqueava as sobrancelhas de formidadora, pronta para a discussão — Não vale a pena...

— Se eu fosse você, eu escutaria seu irmãozinho, que é o único que te suporta.

Madison riu sarcástica, balançando a cabeça sem acreditar:

— Ah, fala sério, seu...

— Algum problema por aqui, pessoal? — um professor interrompeu a cena, entrando no meio da rodinha de alunos que estava começando a se formar

— Nenhum — Jonathan foi rápido ao responder, puxando a irmã — A gente tem aula.

E então ambos deram as costas.

Afastaram-se daquele cenário e continuaram caminhando pelo corredor; Madison sendo arrastada pelo irmão com os braços cruzados e uma feição emburrada, enquanto John a escutava reclamar sobre a atitude dele mais uma vez.

Longo eles se encontraram com os outros e com a sirene do instituto, cada um seguiu para suas aulas.

O garoto caminhava pelo corredor do lado de fora, à procura da sua sala, quando encontrou Elisa sentada em um dos bancos e com a cabeça baixa, encarando a grama verde da quadra de futebol.

Quando ele tentou se esconder, desviar e dar meia volta, escutou seu nome ser chamado:

— Oi, Jonathan! — ela gritou ao perceber sua presença.

John suspirou derrotado e foi na direção da menina, apesar de não estar se sentindo bem para conversar com ela, não depois do vídeo exposto. Ela também deve ter visto e ele estava com vergonha de si mesmo.

— Oi.

— Tudo bem? — ela fez uma careta para si mesma, assim que percebeu a pergunta idiota que tinha feito. *É claro que ele não estaria bem depois do que aconteceu na festa*

O garoto deu de ombros, desajeitado:

— Estou sobrevivendo.

— É, eu também — Elisa comprimiu os lábios, o surpreendendo com a resposta que deu.

Ele suspirou, coçando a nuca.

— Ainda vou ter que lidar com todos na sala me encarando...

— Então fica aqui comigo — ela o interrompeu sem pensar e John levantou a cabeça, achando não ter escutado direito — Quer dizer... Se você quiser, é claro.

Ficou calado por um momento.

— Por que você é tão legal comigo?

— O quê? — riu sem entender.

— Olha para mim, eu sou um idiota. Quase nunca falo direito com você.

— Para de dizer isso — ela balançou a cabeça, sem gostar da forma como ele se referiu a si mesmo.

— Mas estou falando sério — sentou-se ao lado da garota — Você não pode ser tão boazinha comigo!

— Por que não?

Foi aí então que Elisa percebeu o quanto Jonathan era solitário. Porque ele nunca havia recebido um gesto de simpatia, um comentário gentil antes e na primeira vez que recebeu, se assustou. Não acreditou.

— Já disse, sou um idiota.

— Não é não — ela retrucou, o fazendo desistir de contestar a forma como ele falava de si mesmo, a forma de como ele se rebaixava até ficar minúsculo e inexistente, era abuso. Autodestruição. E aquilo era um vídeo — Vai querer ficar aqui?

— Já tenho f ditas demais — respondeu, o que não era uma mentira, seu boletim escolar estava comprometido.

Eles ficaram mais alguns minutos sem falar nada, em completo silêncio e então Jonathan tomou a iniciativa de levantar e continuar seu caminho. Até ela chamá-lo novamente:

— Espera!

Ele virou-se para encará-la.

— Que horas termina a sua aula?

— Daqui a pouco — franziu as sobrancelhas, confuso — Por quê?

— Vou te esperar — Elisa sorriu, determinada. Estava tentando transformar a tempestade não só dela, mas a dele também, em arco-íris.

Jonathan piscou os olhos sem reação e por dentro, não negou a si mesmo a pequena curiosidade que surgiu dentro do seu peito:

— Faça como quiser.

parte II

*“Eu não quero morrer ou desaparecer
Eu só quero ser alguém
Bem, não é o que todos querem?
E se você sente em um momento ímpar
Eu quero ser aquele a quem você guia
Pois eu acredito que você poderia mostrar o caminho.”
(Someone To You - BANNERS)*

ELISA

Depois que Jonathan se afastou, Elisa teve que passar um tempo escondida no banheiro para que ninguém desconfiasse que ela não assistia à aula com os outros. Saiu assim que percebeu o sinal tocar para o intervalo.

Ela estava com um misto de sensações diferentes. Uma mistura de ansiedade, antecipação e nervosismo. Nunca tinha

matado uma aula sequer em toda sua vida e agora se encontraria com Jonathan.

Era muita novidade para uma Elisa só.

— E então? — Tomou um susto quando a voz masculina conhecida soou atrás dela. *Era ele* — Que lugar você tem em mente?

A garota sorriu e virou-se para encará-lo, que mantinha sua expressão séria de sempre.

— Tem uma praça aqui perto.

Era uma praça que ela costumava ir quando era pequena e fazia questão de visitar sempre que podia. Muitas memórias alegres permaneciam lá e onde também vendia algodão-doce, o que trazia mais nostalgia que nunca, Elisa amava a nuvem comestível colorida.

— Acho que eu sei qual é — John começou a caminhar ao lado dela — Por onde quer sair?

— Pelo portão principal...? — ela quase riu, sem entender a pergunta. Sairia por onde ela entrava todos os dias.

— Tá falando sério? — dessa vez foi Jonathan que riu. E riu de verdade. Elisa podia passar o resto da sua vida observando ele rir. Era uma gargalhada gostosa. Parecia melodia para seus ouvidos — Assim a gente nunca vai escapar, Elisa.

Foi a primeira vez que ela escutou ele chamando-a pelo seu nome. E ela gostou, sentia que cada vez que conhecia um pedaço dele, se apaixonava mais ainda.

— Por que não, John? — ela retrucou soando divertida e ele sorriu maroto.

— Porque alguém vai nos ver — disse como se fosse óbvio. E a garota se sentiu burra por não ter pensado nisso antes — E se alguém nos ver, vamos parar na diretoria — continuou explicando — E ninguém quer levar uma suspensão.

— Faz sentido, John.

Ele a puxou em direção à grama verde da área perto da quadra.

O sinal tinha acabado de tocar, então não tinha muita gente nas arquibancadas. Eles passaram por debaixo delas e então Elisa

conseguiu ver um buraco no arame da grade que protegia e dividia a área de esportes da avenida do outro lado.

— Saí da secreta — Jonathan comentou e ela se animou, sentindo a adrenalina correr em suas veias. Nunca tinha feito nada daquilo antes, estava se sentindo uma rebelde —, Conheça Elisa — ele brincou, agachando e atravessando o buraco com facilidade, esticando sua mão para a garota fazer a mesma coisa.

— Só Lis — ela passou pela grade, atrapalhadamente — Ou Lisa.

— Certo, Lis ou Lisa.

Ele sorriu. Ela também.

No início do convite, Jonathan não estava muito animado de seguir a garota, mas agora, no meio da fuga deles, o rapaz estava se sentindo muito bem.

Assim que os dois deram as costas para o arame do instituto, encararam a rua movimentada do outro lado.

Elisa que quase nunca saía de casa e naquele instante podia muito bem chamar o que estava sentindo de liberdade. Mas, no fundo, sabia que liberdade era muito mais do que aquilo. Liberdade seria ser livre para você fazer o que gostava, dizer o que pensava, agir naturalmente, se permitir sentir e ser sincero consigo mesmo — e com os outros —; liberdade era tudo que te deixava livre para ser quem você era.

— Vamos, é para lá — A garota apontou para a rua à sua direita, indicando o caminho da praça em que eles iriam.

Antes que Jonathan respondesse algo, a garota agarrou sua mão e o puxou, correndo pela rua.

Jonathan sentiu um frio subir pelo seu braço. Um sentimento novo surgindo no seu interior, algo que ele não sabia identificar e que nunca tinha sentido antes.

— Eu me sinto tão livre! — ela gritou enquanto eles corriam em sincronia e então, entrelaçou seus dedos. Ele percebeu de imediato, se sentiu estranho, mas não conseguiu desfazer o ato.

Eles pararam para atravessar a rua e continuaram a correr.

Elisa não sabia como estava tão feliz, parecia que Jonathan era um remédio do qual ela precisava diariamente para conseguir ver o mundo com mais alegria.

Chegando à praça, o local não estava tão cheio como ela imaginou. Claro, eram apenas nove horas da manhã. Só se viam algumas pessoas passeando com seus cachorros e umas moças empurrando carrinhos de bebês.

Elisa passou os olhos pelo ambiente ao redor e assim que avistou o carrinho de algodão-doce, abriu um sorriso largo:

— Vem, vamos comprar um — saiu embalada na direção do homem.

Jonathan permaneceu parado onde estava e em vez de seguir a garota, andou em direção a um dos balanços velhos e enferrujados de crianças.

Ele observou Elisa comprar o doce e logo depois rodar o rosto à procura dele. Ela sorriu quando o encontrou e foi em sua direção, sentando-se logo no balanço ao lado.

— Pega — ela esticou o algodão azul em sua direção e ele balançou a cabeça, negando — Tem certeza de que não vai querer?

— Não gosto.

— Não acredito. Sério?

— É — deu de ombros, simplório. Para ele era só uma invenção enjoativa com açúcar camuflada que se você comesse uma boa quantidade poderia causar diabetes. Muito intenso.

— Eu adoro — ela disse, colocando outro pedaço na boca — Me lembra da minha infância.

Eles ficaram em total silêncio naquele momento.

Elisa recordando-se de toda as tardes que passeava com seus pais e Eleonora no parque. A garota não sabia quando, como ou porquê a relação deles tinha mudado; de todos os quatro. Ela e sua irmã sempre foram muito próximas quando crianças e seus pais também, mas, depois de um tempo, parecia que tudo havia esfriado e os laços entre eles tinham se desfrito.

Já Jonathan sentia saudades. Saudade da infância. Saudade dos dias em que ele deitava no ombro da mãe e chorava porque tinha medo dela partir. Ou quando deitava ao lado do pai quando este estava sóbrio e escutava suas histórias de viagens à trabalho. Saudade de quando sorria sem motivos e sem ser por efeito de drogas ou bebidas alcoólicas. Saudades, muita saudades.

— Você não respondeu minha pergunta na festa — ela interrompeu seus devaneios enquanto ele retirava uma cartela de cigarro no bolso e o acendia com o isqueiro — Você é feliz?

Jonathan tentou não revirar os olhos, incomodado.

Não gostava daquela pergunta porquê as pessoas não entendiam que felicidade era um sentimento momentâneo. Não tinha como ser feliz toda hora, assim também como não tinha como ficar triste a todo momento.

— Nesses últimos dias não, não sou feliz. Não me sinto bem — ele não queria ter que explicar o motivo de suas olheiras ou explicar que ele havia ficado as últimas madrugadas inteiras pensando em suicídio, então resumiria o máximo possível — Estou chateado, não gosto de quem eu sou.

Ele não era o que gostaria de ser e mesmo se fosse não estaria satisfeito. Porque ninguém se contentava com a realidade, esta que era real, única. Sempre precisaríamos de opções. E era aquilo o que Jonathan queria: opções, alternativas, possibilidades, caminhos. Poder fugir quando a coisa ficava ruim. Ter outra vida, outra história.

— Eu gosto de quem você é.

Elisa virou para observá-lo e ele fez o mesmo, rindo logo em seguida — sem resistir —, quebrando o momento de reflexão.

Ela estava com o canto da boca manchado de azul, então Jonathan se aproximou ao inclinar o banco para o lado e esticou a mão para limpar o doce do canto dos seus lábios com o polegar, fazendo Lisa se sentir dentro de um filme de romance adolescente clichê.

Então, a gente se aproximou dele e fechou os olhos.

Agora seria o momento em que a mocinha e o mocinho se beijavam, certo?

— Não — ele sussurrou com seus rostos bem próximos um do outro, Elisa abriu os olhos sem entender — Não agora.

Pois é, Elisa

Quase tudo estava como nos filmes, contudo, havia uma coisa que ela precisava entender, Jonathan não era o mocinho.

comparação e loucura

*“Em um ano todos nós teremos partido
 Todos nossos amigos irão se mudar
 E eles estão indo para lugares melhores
 Mas nossos amigos irão embora
 Nada é como já foi
 E sinto tanta saudade de seu rosto.”
 (Rivers and Roades - The Head and The Heart)*

ELISA

Os dois voltaram para a escola em completo silêncio.

Elisa pensava no quanto ela se sentia envergonhada por ter achado que Jonathan a beijaria enquanto ele vagava por seus pensamentos, quieto e misterioso como um túmulo.

— Então...

Eles pararam um em frente ao outro assim que atravessaram a grade da saída secreta, de volta para escola.

— Hoje foi legal... — Jonathan comentou.

— É, eu também gostei — ela sorriu, achando engraçado a forma desajeitada como ele tinha falado.

— A gente se vê por aí... — antes que ela pudesse se despedir, ele virou e saiu.

Elisa suspirou aliviada pela aventura ter dado certo e olhou ao redor, o pátio vago e os corredores do colégio vazios, agradecendo aos deuses por eles terem chegado logo na hora do final da última aula, assim ninguém suspeitaria.

Ajeitou-se rapidamente passando as mãos pela roupa e quando ia virar o corredor, acabou se batendo com Kátia, a professora de biologia, que sorriu exageradamente para ela e Elisa franziu as sobrancelhas, sorrindo de volta.

Após o último horário de aula finalizar Elisa não demorou muito para chegar em casa.

E assim que abriu a porta, deu de cara com sua mãe sentada no sofá, com os cabelos bagunçados e a maquiagem borrada, enquanto segurava uma garrafa de vinho como uma verdadeira personagem desolada de filme dramático.

— O que aconteceu? Por quê está tão alegre? — Paola perguntou, incomodada com a felicidade da filha.

— Por nada — A menina encostou-se na porta, cautelosa — Está tudo bem?

Paola levantou a garrafa e tomou um longo gole, sem responder. Elisa também não insistiu ou fez muita questão, preferia ficar na dela e manter sua própria felicidade.

Subiu até seu quarto, largou a mochila na cadeira da escrivaninha e se jogou na cama com um sorriso nos lábios. Virou-se de barriga para cima e encarou o teto. Tinham estrelinhas fluorescentes coladas no teto que brilhavam no escuro. Elisa as tinha desde pequena e resistiu quando estava crescendo e seus pais a mandaram tirar. Ela adorava e não conseguia abrir mão; era sua fantasia.

E então, pensou em Jonathan.

Como alguém como ele poderia ser tão autodestrutivo? Ela não entendia e queria que ele se enxergasse com os olhos dela. Queria que ele se visse como ela o via.

Será que eles se aproximariam mais? Será que Jonathan compartilharia seus segredos e pensamentos com ela? Elisa gostava de pensar que sim.

E com todas aquelas dúvidas de probabilidades, ela fechou os olhos, adormecendo na cama com a farda desconfortável e um pensamento aconchegante de que um dia ela e John se tornariam um casal.

— Elisa?!

A garota despertou com os gritos de seu pai e sua mãe no corredor. Levantou desajeitada e assustada, abrindo a porta para tentar entender qual era o motivo da gritaria dessa vez.

— Mãe..? Pai? — suspirou descendo as escadas.

Antes de virar o corredor, conseguiu escutar parte da discussão:

— É tudo sua culpa! — J acob gritava com a esposa.

— Minha?! — Paloma soltou um riso irônico. Ela parecia bêbada e se tivesse tomado toda a garraf ade vinho de hoje cedo, realmente estava — Você é o principal causador disso tudo. Dessa zona!

— *Ah, você só pode estar louca...*

Elisa entrou na sala onde seus pais estavam:

— Alguém me chamou?

Ambos encararam a garota com uma expressão de surpresa. J acob rapidamente limpou a garganta enquanto Paola resmungou algo que Elisa não conseguiu entender e respirou alto.

— Só estávamos conversando... — O pai dela disse, mas f oi interrompido:

— Tá bom. O que f oi?

— A escola me ligou dizendo que você não assistiu às três aulas do horário — cruzou os braços, encarando a f ilha — Só a primeira e a última.

Elisa engoliu seco, surpreendida.

Ela e J onathan f oram tão cuidadosos ao saí rem escondido... será que alguém os tinha pego? E se sim, desde quando a escola f aziaaquele tipo de coisa? Desde quando ligavam para os pais sem comunicar aos alunos primeiro? Na maioria dos casos eles davam uma detenção ou advertência. Dessa vez, a diretora tinha se superado.

— E ele disse que é minha culpa! — Paola colocou os braços na cintura, indignada.

— Não importa mais de quem é a culpa — J acob se aproximou da f ilhasem olhar para a cara da esposa — Tem algo a nos dizer?

Elisa estava nervosa.

Seus pais não f aziam aquilo há muito tempo, toda aquela "preocupação" que estava mais para um interrogatório. Uma competição de quem poderia agir como se importasse mais. Ela nem sabia se falaria a verdade ou não. Eles se importariam o

suficiente para perguntar o motivo, a julgariam ou apenas brigariam e lançariam um castigo..?

— Eu... Sai com um amigo.

Paola soltou um riso frouxo e seu pai suspirou.

Decepção? Ela não sabia ao certo.

— Bem, você perdeu um teste surpresa de física — ele comentou, sério — Ficarão com nota abaixo da média.

Elisa não ligou muito e se sentiu culpada, porque deveria ligar. Era algo importante, seus estudos, suas notas que comprometem seu futuro.

— Depois você reclama que eu falo demais — sua mãe encarou o marido e logo virou-se para observar Elisa — A Eleonora já perdeu algum teste surpresa antes?

— Não.

Teve que se segurar para não revirar os olhos ao se lembrar da irmã mais velha. Eleonora. Sempre ela. A favorita.

— E por quê não? — antes que Elisa respondesse, ela mesma completou: — Porquê ela também nunca tinha *matado* aula!

— Foi só essa vez — A garota se irritou e acabou elevando seu tom de voz — Não entendo porque vocês sempre me comparam a ela! Nós somos irmãs, mas somos completamente diferentes!

Elisa estava cansada. O peso que a vida tinha lhe dado para carregar estava doendo suas costas. Ela não queria aquele fardo, pesava muito e ela não aguentava mais carregar.

— Não grite comigo, Elisa Miller! — Paola exclamou, tentando colocar ordem no local.

— Eu não estou falando só com você, estou falando com o papai também! — virou-se para Jacob, que começou a mexer no celular durante a briga antes mesmo que as duas conseguissem ter percebido.

Paola se aproximou do marido com raiva e tomou o celular de sua mão em um movimento rápido, o jogando com força contra a parede.

— Tudo isso é culpa sua e você não se toca?! — ela gritou e Elisa se assustou com o barulho da tela do celular se quebrando contra a parede, rachando no chão.

— Minha culpa?! — ele se aproximou do aparelho quebrado, agachando-se para juntar as peças que se partiram — Você enlouqueceu!

— Você é um idiota!

A mulher se aproximou e começou a distribuir tapas no marido:

— Destruindo tudo! Você é ridí culo!

Elisa deu um passo para trás, nervosa enquanto Jacob segurava os pulsos de Paola, controlando-a e fazendo os tapas pararem:

— Você está louca..?! — ele riu de forma debochada, fazendo a mãe de Elisa disparar outro comentário ofensivo.

Elisa suspirou frustrada e deu meia-volta daquele ambiente, correndo de volta para o seu quarto. Eles não perceberam sua saída e ela não ficou surpresa.

"Mãe, pai, vocês não sabem me criar."

Queria que eles soubessem o quanto era horrível ser uma adolescente como ela, uma filha que não recebia o mínimo de atenção dos pais. E ela sabia muito bem como eles deveriam educá-la, por isso ficava brava ao ver que eles não conseguiam enxergar aquilo, não conseguiam enxergar o mínimo.

Tinha apenas 16 anos, mas guardava tanta coisa dentro dela que eles seriam incapazes de entender.

no meio do negativo e positivo

*“Eu tenho o lado bom de você
O enviei para a tristeza
As pessoas dançaram
Ao som do seu coração
O mundo cantou conforme ele se despedaçava.”
(The Good Side - Troy Sivan)*

JONATHAN

Depois de escutar a campainha de sua casa tocar repetidamente, Madison desceu e finalmente abriu a porta, dando de cara com Henry e David.

— O Jonathan está aí? — David perguntou, direto e sem rodeios.

— Oi David, tudo bem? Como é bom te ver! Sempre tão meigo... — A garota sorriu irônica, escancarando a porta ao dar espaço para eles entrarem.

Ele a ignorou enquanto entrava em sua casa.

— Oi, Mad — Henrique deu um abraço gentil na amiga, que retribuiu o ato — Mas é sério, o John está aí? A gente precisa falar com o seu irmão. Rápido.

Antes que Madison respondesse um sincero e despreocupado "ele não está em casa", Rose apareceu cantarolando na sala.

Ela andava muito ocupada naqueles dias.

Tinha acabado de chegar da última viagem a trabalho e a próxima conferência só seria no próximo mês. Enquanto isso, como não gostava de ficar parada, arranjou um trabalho como voluntária de um projeto do hospital da cidade. Tinha como pretexto se fantasiar e fazer as crianças sorrirem na ala de recuperação do câncer. Rose usava perucas, máscaras e maquiagem colorida e

assim ninguém percebia ou comentava nada ofensivo sobre sua aparência.

— Meninos! — ela sorriu e andou até dois, abraçando cada um deles como se fossem seus próprios filhos.

— Tudo bem, tia Rose? — David a cumprimentou com um sorriso atencioso e Madison estreitou os olhos, sem acreditar.

— O Jonny veio com vocês?

— Não, mas tenho certeza de que daqui a pouco ele já chega — David foi rápido ao responder e a mulher sorriu satisfeita.

— Vamos para o quarto — Henry agarrou a mão de Madison e a puxou em direção às escadas. David subiu logo atrás.

Rose saiu de casa e andou até o jardim. Foi até a caixa de correio e a abriu, ansiosa. Levantou a pequena tampa de metal e franziu as sobrancelhas, não tinha absolutamente nada. O que era estranho, já que toda semana ela recebia uma carta anônima com comentários que diziam o quanto ela era amável e linda.

Poderia ser besteira, mas desde que Victor incendiou a casa e o quarto em que ela dormia no passado, sua autoestima baixou tanto que ela quase entrou em uma depressão profunda. Aquelas cartas surgiram logo depois, misteriosamente, recuperando toda sua esperança e sorriso.

— John! — antes de entrar e voltar para dentro de casa, ela observou o filho chegando — Eu já disse que não gosto de ver você fumando!

Ele automaticamente pegou o cigarro dos lábios e o jogou no chão, pisando logo em seguida. Rose fez uma careta de desaprovação e ele se aproximou, dando um abraço forte na sua mãe:

— Eu te amo.

Ela sorriu, rolando os olhos com afecção e retribuindo o abraço do mais velho com todo o amor que tinha.

— Também te amo, Jonny

E então, os dois entraram juntos para dentro de casa ficaram conversando na cozinha. Enquanto isso, no quarto de reunião, Madison lutava para se controlar e não gritar de emoção.

— Por que vocês estão preocupados com isso? É maravilhoso! — ela riu animada enquanto os dois melhores amigos

do seu irmão a encaravam confusos — Eu ainda não acredito que eles estão se aproximando tanto...

— Meu Deus, dá pra calar a boca? Você não está entendendo nada! — David retrucou.

— Não me mande calar a boca! — ela rebateu e Henrique revirou os olhos com a atitude dos dois. Pareciam crianças — É claro que isso é uma boa notícia.

Madison não se referia ao fato de Jonathan ter matado a aula, mas sim dele e Elisa terem passado a manhã juntos.

— Olha, Mad... — Henry foi tentar explicar, mas a garota o interrompeu:

— Se ele estiver mesmo se apaixonando por Elisa... — ela pensou — Isso vai fazê-lo parar com os pensamentos destrutivos. Meu irmão pode melhorar de verdade dessa vez.

— Na verdade vai acontecer exatamente o contrário — David cruzou os braços e ela fez uma careta na direção dele. *Por quê ele tinha que ser sempre tão rabugento e pessimista?*

— Acho que o David tem razão... Quanto mais o Jonathan se sentir atraído por ela, mais ele vai querer se afastar — Henrique conseguiu finalmente explicar — É difícil de entender, mas é exatamente como ele é. Ele vai se afastar porque vai começar a achar que não é o suficiente e que ela merece alguém melhor.

— Igual ao que aconteceu com a Beatriz.

No meio do corredor, antes de entrar em seu quarto, Jonathan parou ao escutar o nome de sua ex-namorada. Poderia chamar assim? Já fazia tanto tempo.

Ele ainda se lembrava de quando eles pararam de se amar. Beatriz foi embora porque disse que John era triste demais. E ele não queria admitir na hora, mas sabia que era. E hoje podia gritar que sim, Bea, ele era triste demais. E um dia esperou que ela pudesse tirá-lo daquela tristeza, porque, como dizia o dicionário, *Beatriz* significava aquela que fazia os outros felizes, mas ela mal tentou.

Um mês depois da sua partida, a garota fez uma visita. Era seu aniversário e ela deu-lhe uma corrente com um pingente preto e branco do símbolo chinês Yin-Yang. Era um clássico, todo mundo usava. Bea explicou e disse que o símbolo lembrava ele, toda

dualidade existente no universo. Jonathan tinha o positivo e o negativo dentro de si mesmo e era o único que podia decidir qual permaneceria.

Então Bea voltou para sua nova cidade e ele voltou para seu mar de tristeza.

— Vocês estão enganados — O garoto entrou no quarto onde seus amigos e sua irmã conversavam. Os três pararam e encararam John, surpresos — Eu não estou apaixonado e Elisa não significa nada pra mim.

Aquela frase doeu. Machucou porque ele sentia que Elisa estava começando a ter um significado para ele, um significado especial.

E no fundo, todos sabiam que a frase que ele tinha dito era mais para si mesmo do que para os outros. Porque ele não podia se apaixonar, mas sentia que já era tarde demais para tentar reverter.

sentimentos e biquínis fluorescentes

*“Com cada pequeno desastre
Eu vou deixar as águas paradas
Me levarem para algum lugar real
Porque eles dizem que lar é onde seu coração está
É onde você vai quando está sozinho.”
(Home - Gabrielle Aplin)*

ELISA

Sábado.

Para Elisa, o dia havia começado muito bem para ser verdade. Eram quase duas horas da tarde e ela ainda não tinha escutado nenhum f alatório rude ou discussão por parte de seus pais.

E pensando por outro lado, ela não sabia o que era mais estranho: acordar em plena duas horas da tarde ou contar todas as vezes que seus pais brigavam. Ou melhor, era mais f ácil contar todas as vezes em que eles *não* brigavam, o que deveria ser mais estranho que tudo.

Depois de tomar um banho e colocar uma roupa leve qualquer, a garota abriu a porta do seu quarto e colocou a cabeça para f ora.

Nada.

Nadinha.

Nenhum barulho, grito ou sinal de briga.

Saiu do cômodo com passos lentos e desceu as escadas devagar. Na porta da cozinha, encontrou J acobe Paola almoçando na mesa. Sentados um em f rente ao outro. Civilizadamente e sem trocar nenhum tipo de f arpa ou of ensa.

— Boa tarde, f ilha — seu pai f oi o primeiro a perceber sua presença, abrindo um breve sorriso — Finalmente você acordou.

Ela ainda estava boquiaberta, encostada no batente da escada.

Será que realmente tinha acordado?

— Oi.

— Não querí amoste acordar, deixamos você dormir à vontade

— A mulher sorriu para filha e apontou para a cadeira ao seu lado

— Venha comer, eu fiz lasanha.

A garota andou até eles e se sentou em uma das cadeiras, desconfiada.

— Você não estava de dieta? — ela perguntou à mãe, observando a refeição e colocando um pedaço em seu prato.

— Bom... seu pai teve vontade e eu fiz. Que se dane a dieta!
— ela riu como se fosse coisa mais engraçada do mundo e Elisa encarou seu pai, que parecia sorrir forçadamente. Se ela não conhecesse sua mãe direito, acharia que estava drogada.

— Está tudo bem entre vocês? — Elisa perguntou com receio.

Jacob desviou seu olhar para o prato, sem responder

— Claro que sim! — Paola exclamou sorridente e antes de Elisa fazer outro comentário, sentiu seu celular vibrar no bolso de seu short.

Abaixou a cabeça e pegou o aparelho. Antes de encarar a mensagem recebida de Lindsay, sua mãe esticou o braço e tomou o celular da mão dela. Por um momento, a garota achou que ele seria arremessado na parede assim como ela tinha feito com o de seu pai, mas a única coisa que sua mãe fez foi soltar um suspiro controlado e falar calmamente:

— Hora de falar, Elisa.

E então devolveu o celular, mandando-a guardar. A garota obedeceu.

— Continuando, sobre as brigas de antes... Foram só um desentendimento — Paola sorriu novamente, virando-se com um semblante afetuoso para observar o marido.

Elisa riu para si mesma, balançando a cabeça negativamente. E então uma frase ecoou em sua cabeça: "*A beleza do amor está na ingenuidade de achar que a pessoa não vai te magoar de novo*". Ela não lembrava onde tinha escutado aquela frase antes, mas, com certeza, era uma verdade sobre aquele momento.

Os três almoçaram silenciosamente. Se Elisa se esforçasse, conseguiria escutar o barulho de ambos mastigando a lasanha

dentro de suas bocas; os dentes quebrando e amassando o alimento enquanto tentavam engolir a seco aquela situação.

— Para ficar perfeito só faltava a Eleonora — Paola sonhou e Elisa suspirou, revirando os olhos. Já estava demorando.

— Bem, eu tenho que ir — Elisa se apressou, levantando-se da cadeira.

— Mas você nem terminou sua comida — Jacob apontou para o prato.

— Pode terminar, se quiser — ela empurrou o prato na direção do pai, que a repreendeu com o olhar — Já estou cheia.

— Elisa! — sua mãe brigou.

A garota andou até o cabideiro e puxou sua bolsa, saindo pela porta sem se despedir.

Não sabia muito bem transmitir o que estava sentindo naquele momento. Ela se sentia um trem desgovernado; perdida em sua própria vida, seus próprios pensamentos e sentimentos. Queria sentar em alguma praça e olhar as estrelas, fazer com que o sentimento de solidão desaparecesse. Mas ainda estava de dia e o sol batia forte queimando em seu rosto, não muito amigável ou consolador.

A adolescente andava pelas ruas sem saber onde ir, sentindo-se sem rumo.

Dava passos rápidos, encarando sua sapatilha cor de mel. Sentia o tempo passar, rodava e rodava e não conseguia chegar a nenhum lugar. Parecia presa em um labirinto, presa no próprio tempo.

E então parou assim que seus pés a levaram até a frente de uma casa em um bairro afastado.

Parou e encarou a porta escura. Bateu duas vezes, chamando pelo conhecido. Agora não podia mais voltar atrás, apesar de que podia, se conseguisse correr a tempo de alguém atender.

— Elisa? — A garota levantou seu rosto quando seu nome foi chamado, não por quem ela imaginava.

— Jonathan? — ela o encarou sem entender

— O que você está fazendo aqui?

— O que você está fazendo aí?

Ela quase riu por tamanha coincidência.

Tinha batido na casa de Isaac, mas quem atendeu a porta foi Jonathan. Não deveria estar tão surpresa, afinal, eles eram amigos.

— John! — ela escutou Madison gritar de dentro da casa e logo observou sua silhueta se aproximar — O que você está...

A irmã de Jonathan encarou Elisa de baixo para cima e abriu um sorriso largo, pulando em sua direção e a abraçando de surpresa:

— Lisa! — ela sorriu amigável e Elisa retribuiu — Veio aqui ver o Isaac?

Elisa concordou sem jeito e percebeu Jonathan abaixar a cabeça incomodado, voltando para dentro da residência. Imediatamente, Madison abriu a porta e a colocou para dentro da casa:

— Ele está se trocando, mas daqui a pouco aparece.

— Ah, não tem problema — ela inclinou a cabeça e encarou a sala de estar, onde John havia sentado e agora conversava com Henrique — Eu volto outra hora.

— Não, espera aí ... Me diga uma coisa, está ocupada? — Madison perguntou — Vai fazer algo de importante hoje?

— Não...

— Nós estamos indo para a praia, você quer vir?

Elisa não percebeu, mas Jonathan virou-se e encarou as duas, de lado. Não sabia direito se queria que ela fosse ou não. Só sabia que tentaria manter o máximo de distância possível.

— Acho melhor não... — abriu um sorrisinho sem graça, sem jeito. Não queria atrapalhar ou nem se intrometer em nada.

— Ah, por quê não? — A garota de cabelos curtos cruzou os braços, insistente — Vamos, por favor! Eu juro que vai ser divertido. Além do mais... sou a única garota aqui. Não vou conseguir sobreviver no meio desses trogloditas, tenha pena de mim!

Elisa riu e Henrique, que estava sentado no sofá, virou e fingiu-se constrangido:

— Os trogloditas aqui têm sentimentos!

E elas riram novamente.

Elisa quase conseguiu escutar Jonathan rir. E Madison a olhou com expectativa, esperando por uma resposta positiva. Realmente queria que ela aceitasse o convite.

— Eu aceitaria, mas nem estou de biquí ni.

— Isso é o de menos! — A garota agarrou a mão da loira, a puxando para outro cômodo da casa — Tenho biquí nis fluorescentes, se preferir. Maiôs também, você escolhe.

Passaram pela cozinha e por um corredor grande, até chegar em um quarto feminino bagunçado. Elisa a observava sem entender.

— As vezes eu esqueço minhas coisas aqui e a irmã do Isaac rouba.

A garota franziu as sobrancelhas, soltando um risinho.

— E então? — Madison esticou as duas mãos, segurando um biquí ni azul na esquerda e outro tom de azul na direita — Fluorescente ou não fluorescente?

parte II

*“Eu prometo que um dia estarei do seu lado
Te protegerei, te mantereí viva
No momento, está tudo muito louco
E eu não sei como parar ou ir mais devagar
Pegue um pedaço do meu coração
E torne-o todo seu
Assim você nunca estará sozinha.”
(Never Be Alone - Shawn Mendes)*

ELISA E JONATHAN

Durante o trajeto de carro, Elisa pensou que se sentiria desconfortável — como uma forasteira no grupinho —, mas foi praticamente impossível. Todos eles eram acolhedores demais e a tratavam como se já fossem amigos há muitos anos.

E assim que chegaram no litoral, a garota percebeu que a definição de passear na praia deles era diferente do que ela estava acostumada. Em vez de irem diretamente até as barracas disponíveis e os quiosques locais, eles atravessaram e foram diretamente para o meio da areia que ficava a metros da praia.

Madison esticou uma toalha grande no chão enquanto Henry e Isaac ajudavam e aterravam um sombreiro na areia. Elisa os ajudou a colocar algumas cadeiras de praia que eles tinham levado e então logo todos sentaram-se.

— Isso é o verdadeiro paraíso — Isaac suspirou, sentando-se na toalha no meio de Elisa e Madison, de frente para o mar

— Paraíso so... É mesmo.

Elisa confirmou, observando as ondas quebrarem e logo depois passando os olhos pelo céu limpo azulado cheio de nuvens brancas que refletiam a intensidade do sol em seus olhos, não tão intimidante ou ameaçador quanto mais cedo.

E isso para ela era incrível, parecia até um lembrete.

Já era a hora de acordar para a vida

— Vou pegar minha prancha — Henry saiu, de volta ao estacionamento onde David e Jonathan já deveriam ter chegado.

Os dois tinham resolvido ir de moto, levando a prancha de Henrique.

Apostaria que se John tivesse ido no carro junto à ela, ficaria vermelha até chegar na praia.

— Ei, me ajuda — Madison jogou o protetor solar para Isaac, fechando os olhos e colocando suas mechas do cabelo curto atrás da orelha.

Isaac começou a espalhar o protetor no rosto bronzeado de Mad.

Elisa a observou, apreciando os traços semelhantes que ela tinha com o irmão. Os dois apresentavam o mesmo formato quadricular do rosto; os cabelos e sobrancelhas extremamente escuros, completamente pretos. Cílios grandes. A pele de Madison era mais bronzeada e escura que a de John, pálida e sem vigor. A maior diferença era que Madison tinha os olhos claros, esverdeados. Os olhos de John eram tão escuros quanto suas olheiras.

— Oh, chegamos a tempo — David disparou, segurando um capacete de moto e se aproximando ao lado de Henry — Vai dar para alcançarmos o pôr do sol.

— Aqui está a sacola, para quem quiser comer alguma coisa. Tem água, refrigerante... — Henry empurrou a cesta perto do

sombreiro — Salgadinhos, muita besteira.

Por um momento, Elisa sentiu falta de mais alguém.

Virou o rosto para procurar Jonathan e imediatamente seus olhos se encontraram em meio à claridade do sol. Ele tinha lindos olhos escuros, realmente. E eles eram como o mar que a arrastava para dentro de seu labirinto e das suas ondas de personalidades e sentimentos.

— Quem vai entrar no mar comigo? — Madison levantou, tirando seu vestido e encarando a todos com seu conjunto de biquíni preto e verde fluorescente.

— Vou esperar as ondas aumentarem — Henry se encostou na cadeira.

Madison bufou, esperando pelos outros.

— Eu vou dormir... — David abriu um sorrisinho, colocando seu óculos de sol e se esticando na cadeira pequena. Madison revirou os olhos, fazendo uma careta em sua direção.

Logo virou-se para Isaac e Elisa.

— Nem olhe para mim — Isaac esticou o dedo, apontando para a loira ao seu lado — A Lisa vai com você.

Madison olhou animada para Elisa que, no momento, sentiu que não poderia negar. Madison sempre foi muito legal com ela, não seria justo.

Lisa levantou da areia, tirou seu shorts e sua blusa, desconfortavelmente. Jonathan estava à sua frente, por sorte, não encarou seu corpo muito tempo. Mas então ela mordiscou os lábios nervosa e começou a divagar besteiras. Tinha algum problema? Seu corpo era feio? Ela era feia?

Todos aqueles pensamentos foram espantados quando Madison agarrou sua mão e saiu correndo em direção ao mar, a puxando junto.

Ela era uma maluquinha, Elisa pensou.

— Ah, nem está tão gelada quanto eu pensei — Madison mergulhou na água, voltando à superfície com o cabelo completamente molhado — Eles são os trogloditas mais covardes que já vi.

Elisa riu.

A água não estava gelada, mas a maré estava cheia e a corrente estava forte.

De longe, Jonathan conseguia observar as duas se divertindo com as ondas, da areia de onde ele e os outros estavam sentados. Apesar de ele não gostar de praia, o balanço do vento e da brisa natural acalmava seu coração de uma forma que ele mesmo não conseguia entender, e mostrava um lado positivo de estar vivo.

— Onde você vai? — escutou Henrique perguntar assim que ele tirou os tênis e levantou-se da cadeira.

— Vou andar um pouco — enfiou as mãos no bolso.

— Não demore muito — Isaac comentou e ele concordou — Vamos assistir o pôr do sol juntos.

— Daqui a pouco eu volto.

Jonathan andava pela terra macia e sentia seus dedos na areia, seus pés afundando a cada passo salgado que dava. Para ele, era isso o que significava ir para a praia. P.R.A.I. *A Parar, respirar, andar, imaginar, acalmar.*

Depois de alguns metros afastado, ele se aproximou da água do mar. Sentiu as ondas molharem seus dedos dos pés e a correnteza puxá-lo com força, como se ele pertencesse àquelas águas misteriosas e desconhecidas.

Às vezes, ele pensava em como as pessoas eram ingênuas quando entravam na água acreditando que estariam seguras com os pés na areia.

Era irônico, um pouco surpreendente. Meio imprevisível, muito incerto.

Porque em um momento estava tudo bem porque estavam no raso. Mas em outro segundo, você ia se aproximando e entrando cada vez mais. Aos poucos. E aí as ondas começavam a bater uma atrás da outra e você sentia a força te puxando, e de repente, não tinha mais areia sob seus pés e não havia onde se segurar. Você tentava voltar à margem, mas a força da natureza te agarrava, vencendo seus braços e pernas, e então sua força era subjugada. Você prendia a respiração e submergia voltando à tona e finalmente respirando.

Não, Jonathan nunca tinha se afogado.

Mas às vezes ele gostava de ficar comparando sua luta diária com como deveria ser uma luta contra os mares e as profundezas.

Com o sol desaparecendo e o dia acabando, Jonathan decidiu voltar a onde seus amigos estavam. Eles já devem estar preocupados.

— Jonathan! — sentiu uma cabeleira loira voar em seus braços, bloqueando o seu campo de visão. Um calor quente o acolheu. Quando tomou consciência, percebeu que estava sendo abraçado por Elisa.

A garota percebeu que ele não retribuiu o abraço, mas não se incomodou. Ela se endireitou e o encarou nos olhos:

— Você sumiu por quase duas horas.

Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso. Perdeu totalmente a noção do horário.

— Está todo mundo te procurando.

— Parece que você me achou — ele respondeu sem pensar e ela soltou um sorriso sincero.

— É, parece que sim — A garota entrelaçou seus dedos e o puxou de volta para o caminho — Vem, vamos voltar.

Jonathan a seguiu ainda com seus dedos entrelaçados.

Ele se sentia estranho. O mesmo sentimento que tinha experimentado quando estava com ela nas outras vezes. E então piscou os olhos por um segundo e percebeu que estava gostando de Elisa. Gostando de verdade. Ela parecia tão necessária e certa quanto o mar e o céu em sua vida.

— Eles estão ali! — Isaac gritou para os outros assim que avistou Elisa e Jonathan de mãos dadas. Olhou para Madison e sorriu propositalmente.

Não demorou muito para todos esquecerem da agonia e sentarem-se novamente na toalha no chão da areia.

— Agora é o pôr do sol — Henrique disse, encarando o céu — O momento perfeito.

— O momento mais lindo da vida — Isaac completou.

David, que àquela altura já tinha acordado, pegou uma caixa grande que tinha trazido na mala do carro e retirou um violão de lá. Ele desceu até a toalha no chão e posicionou o violão, preparado para dedilhá-lo.

— Desde quando você toca violão? — Madison encarou o garoto com uma sobrancelha arqueada, um tom de implicância em sua voz.

— Desde quando é da sua conta? — David retrucou com uma careta.

Os outros riram com a pirraça dos dois.

— Oh, isso é tão clichê — I saac deu um empurrãozinho no amigo com o violão — Vai logo, está esperando o quê? Toca alguma coisa para gente.

Eles riram de novo.

Elisa e Jonathan ainda estavam com os dedos entrelaçados e naquele momento ela poderia ficar horas e horas observando o azul do céu e do mar. E, no mesmo instante, percebeu que seria exatamente igual com o sorriso de Jonathan.

coincidência ou destino

*“Não há razão para as coisas serem assim
É como eles sempre foram e tendem a permanecer
Não posso explicar porque é que vivemos desta forma, fazemos isto todos os dias
Mas o amor virá me libertar
O amor virá me libertar, eu sei que ele virá.”
(Ain't No Reason - Brett Dennen)*

JONATHAN

Jonathan estava no auditório ao lado de Madison, David, Henry e Isaac.

Eles eram de turmas diferentes, mas por alguma razão que o professor estava prestes a explicar, estavam todos juntos, reunidos em grupos no auditório.

— Elisa, aqui! — Madison gritou, levantando o braço e acenando assim que viu a garota entrando no meio da multidão de adolescentes.

Ela balançou a mão, tentando chamar a atenção da loira enquanto recebia olhares de desaprovação dos outros alunos.

Isaac percebeu que Elisa estava ao lado de Lindsay e Charlotte, que sussurraram alguma coisa para ela com cara de reprovação em relação a eles e seus amigos. Ele estava preparado para Elisa concordar e se sentar com suas amiguinhas, quando a garota simplesmente revirou os olhos e seguiu na direção deles, deixando as outras duas para trás.

— Ela definitivamente entrou no nosso grupo — ele sorriu, observando a garota desviar dos outros alunos até chegar neles.

— Oi, gente.

Elisa cumprimentou cada um e no final deu um abraço apertado em Jonathan, que se sentiu desconfortável, já que todos ali estavam observando.

— Sabe por quê a diretora reuniu todo mundo aqui? — Henry perguntou e L isa negou com a cabeça. Ela sentou-se entre ele e J ohn.

— Não deve ser coisa boa — David fez uma careta, expulsando a f umaça do cigarro da sua boca.

— David, joga esse cigarro f ora! — Madison se inclinou na direção do amigo do irmão e tentou pegar o objeto vicioso da mão do garoto, que desviou.

— Ele sabe que é proibido — J onathan comentou, recebendo um olhar de julgamento da irmã e do amigo — O quê é?

— Você também f uma, J ohn — Mad rebateu — Não tem direito de f alar nada.

Elisa soltou um risinho.

— Ih, podia f iar sem essa — I saace Henrique comentaram na mesma hora, começando a rir da cara deles.

— Mas eu não fumo na escola — ele tentou se explicar, f azendo os outros rirem mais ainda.

— Uhum, sei...

Madison revirou os olhos, conseguindo f inalmente pegar o cigarro dos lábios de David:

— Sua irmã é um saco — ele resmungou depois que Madison levantou e f oi em direção ao lixo mais próximo.

Depois de todos os alunos das duas turmas conseguirem sentar nas escadas das arquibancadas e se organizarem, um grupo de orientadores adentrou o espaço. Dentre eles estava Kátia, que procurou Elisa especificamente no meio da multidão e f ranziu as sobrancelhas com uma f eição que a garota não sabia identif icar o que signif icava.

A diretora do instituto também apareceu, chamando a atenção da turma e pedindo para que todos f izessem silêncio.

Com alguns minutos, a barulheira ansiosa dos jovens à f br da pele diminuiu e a coordenadora conseguiu, f inalmente, anunciar o que estava querendo enquanto alguns prof essores distribuí am panf letos para os alunos.

O último trabalho do semestre.

— Todos aqui sabem que estamos perto do f inal do ano — arranhou a garganta com o tom de voz f irmee autoritário — Como é

o último ano de vocês e a maioria aqui está se dividindo entre estudar para passar de ano e para o vestibular, recebi algumas reclamações de que as notas não estão muito agradáveis.

— Admiro quem está conseguindo estudar para a escola e o vestibular ao mesmo tempo — Madison murmurou, próxima de seus amigos — Porque só estou focando no vestibular e aqui, pela primeira vez, as minhas notas estão realmente péssimas.

— As minhas *sempre* estão péssimas — Henry comentou, fazendo eles rirem baixinho.

— Por isso — A diretora prosseguiu, aumentando o tom de voz e calando o murmurinho — Decidi juntar as duas grandes turmas e com o auxílio dos professores maravilhosos de vocês, fazer um projeto que valerá pontos extras.

Alguns alunos comemoraram com burburinhos e outros resmungavam.

Elisa gostava de projetos da escola — ainda mais se valesse ponto —, ao contrário de Jonathan, que odiava. Para ele, era uma das piores coisas ter que fazer trabalho em grupo ou qualquer outra coisa que tivesse relacionado a interagir com as pessoas do seu colégio; era um pesadelo.

— O professor de artes, Eduardo, e a professora de história, Nathalia, irão explicar tudo o que será cobrado e anotar todas as observações sobre cada aluno — cruzou os braços e os dois professores ao seu lado sorriram abertamente para a turma — Isso será explicado mais detalhadamente na sala de vocês, estou apenas passando uma comunicação geral.

Todos ficaram em silêncio por um momento.

Elisa observou Jonathan suspirar e encarar o chão. *Ele estava nervoso...?* Ela não sabia ao certo.

— E a Kátia? Ela não é biologia? O que ela está... — Isso foi interrompido pela diretora, que respondeu sua pergunta sem mesmo tê-la escutado.

— A professora Kátia irá junto na viagem como orientadora e organizadora. Ela será a responsável por vocês, então, sejam gentis com ela.

Algumas risadinhas soaram pelo auditório.

Antes que a coordenadora continuasse, uma voz tímida ecoou pela sala silenciosa e uma garota sentada no banco da arquibancada levantou a mão. Ela tinha cabelos ruivos presos em um rabo de cavalo impecável.

— Sim?

— *Vamos viajar?* — A garota perguntou.

— Está tudo no papel que vocês estão recebendo — A mulher continuou, pegando um panfletinho e o esticando à mostra — Vocês farão uma viagem de ônibus até o museu mais antigo da capital aqui de Bristol, que é localizado logo próximo à divisa. Sairão nesta sexta de manhã, se dividirão em duplas e ficarão instalados em uma pequena pousada que já está inclusa no pagamento.

Os alunos escutavam com atenção enquanto ela continuava o discurso:

— No sábado de manhã vocês irão até o museu e conhecerão os objetos artísticos, científico, patrimônio material e imaterial de diferentes culturas, de acordo com o que os professores de vocês irão solicitar. No domingo de manhã vocês retornarão.

E então a agitação e o tumulto começou.

Uns reclamavam dizendo que não podiam perder seu final de semana, enquanto outros comemoravam porque receberiam nota extra e a probabilidade de passar direto aquele ano.

— Quartos em dupla, hein... — David piscou sorridente e encarou de passagem a bunda de uma garota sentada à sua frente. Madison fez uma careta e deu-lhe uma cotovelada forte, ele que gemeu de dor — Qual o seu problema?

— Quem em sua consciência iria querer dividir um quarto com você, David? — ela retrucou, óbvia — Se toca!

Isaac gargalhou.

— Menino com menino e menina com menina, nem está valendo — Henry se espreguiçou, lendo o folheto sobre o trabalho.

— Não está valendo para vocês, né — Isaac lançou um olhar malicioso para os amigos, que riram enquanto Elisa abria a boca surpresa. Ela não sabia que ele era gay.

— Ei — Madison cutucou a garota — Quer ser minha parceira de quarto?

— Ah, claro — sorriu em resposta, animada. Não estava nem um pouco à vontade em dividir um quarto com Lindsay ou Charlotte mesmo, Madison meio que salvou a sua vida.

E então Jonathan se pegou observando Elisa.

Ela estava sorrindo, ele quase.

— Está animado? — A garota perguntou, virando o rosto para ele.

— É, eu estou — mentiu, fingindo um sorriso simples.

Não sabia o que estava acontecendo direito. Às vezes, ele acreditava que o destino queria juntá-los — o que parecia uma incrível fantasia fictícia — mas, por outro lado, sabia que chamar de coincidência também não seria certo. Seria injusto porque ambos sentiam que era muito mais que isso. *E talvez fosse.*

um ombro para cochilar

*“Você me dá sensações que eu adoro
Começa na ponta dos meus pés
Me faz enrugar o nariz
Não importa onde vai
Eu sempre sei
Que você me faz sorrir”
(Bubbly - Colbie Caillat)*

ELISA

Elisa não sabia ao certo se a semana tinha passado rápido porque o tempo realmente estava passando rápido ou se era porque ela seguia ansiosa contando os dias para a viagem escolar no final de semana.

Além do fato de seus pais não terem brigado a semana inteira, o que fazia os dias seguirem sem interrupção, sem drama ou desordem em casa; o que era uma boa notícia, porém, estranha. E não que ela estivesse achando ruim. Talvez, tivesse se acostumado tanto com as brigas que ver a calma assim tão de perto a deixasse meio confusa, dissociativa.

Às vezes, sentia até pena de si mesma com seus pensamentos.

Não deveria ser estranho ter um lar pacífico.

— Bom dia!

Assim que ela adentrou o estacionamento do colégio, observou a grande turma de alunos que se encontravam na área externa do instituto, sendo organizados em filas pelos professores, em frente aos três ônibus grandes que os levariam para a viagem.

Perdida no meio da aglomeração, escutou alguém gritar seu nome:

— Ei, L isa! — Madison acenou, saltitando estranhamente animada demais comparada aos outros alunos sonolentos em plena oito horas da manhã — Aqui!

Elisa andou até ela.

— Bom dia! — A garota de f ranjinhae cabelos curtos deu-lhe um abraço — Adivinha? Ficamos todos no mesmo ônibus.

— Sério? — ela sorriu alegre — Com quem você vai sentar?

— Com o meu irmão — ela sorriu e Elisa se sentiu nervosa ao pensar com quem dividiria seu banco, já que Madison era sua primeira opção — O I saac está guardando seu lugar ao lado dele.

— Ah, vocês são incrí veis.

Ela respirou aliviada, sendo puxada em direção ao último ônibus.

— Eu e o J ohn estamos logo aqui — apontou para os assentos no meio, onde havia duas mochilas pretas ocupando o lugar — Ele deve estar com o David ou Henry por aí .

Elas andavam pelo corredor pequeno e apertado do automóvel até chegar em um dos últimos assentos, onde encontraram I saac acomodado ao lado da janela, distraí do com seus f ones de ouvido.

— Sua colega de banco chegou — Madison sorriu, puxando um dos f ones do amigo.

Elisa sentou-se ao seu lado, recebendo um abraço do garoto.

Eles gostam muito de abraçar, ela pensou.

— Foi mal, só consegui encontrar esse lugar vago aqui no f undo — ele resmungou — É uma merda.

— Não é uma merda — A loira retrucou, observando dois adolescentes sentados bem ao lado deles e conseqüentemente ao lado do banheiro. Pela f eiçãodos dois, o cheiro não devia ser muito agradável — Poderia ser pior.

I saac f ez uma careta:

— Verdade.

— Coitados — Madison tentou disf arçar

L ogo depois, o ônibus começou a encher à medida que todos f oram entrando e se acomodando em cada assento. Elisa f icou conversando com I saacsobre como seria uma visita interessante ao museu enquanto Madison voltava para o seu assento.

— Chega para lá — ela pediu ao irmão, assim que sentou-se ao seu lado — Valeu.

— A Elisa veio? — ele perguntou, surpreendendo Madison com o interesse.

— Veio. Está ali atrás com o Isaac — sorriu para si mesma e Jonathan se conteve para não virar para trás e observar a garota.

O início do trajeto na estrada estava silencioso. Eram oito e alguma coisa da manhã, a maioria dos alunos e professores estavam dormindo.

— O que está fazendo? — Jonathan perguntou ao ver sua irmã subindo em cima do banco e virando-se para trás.

Ela inclinou-se e começou a chamar por Elisa. Alguns dos adolescentes que estavam tentando dormir acabaram acordando e começaram a reclamar com a garota. Ela não estava nem aí.

— Vou trocar de lugar — respondeu.

Jonathan começou a se sentir nervoso.

— Por que? A gente tinha combinado... — ele foi interrompido, rapidamente:

— Aqui está muito frio pra mim — apontou para o ar-condicionado no teto bem acima deles dois, inventando uma desculpa como pretexto. Ela era uma ótima mentirosa.

— Mas você...

Ele franziu as sobrancelhas confuso e foi interrompido pela irmã novamente, quando ela levantou e passou por ele, até desocupar o banco:

— Não fique tão nervoso e seja gentil — avisou — Vocês vão me agradecer por isso depois.

Logo, assim que ela saiu, Elisa apareceu em seu lugar e ele se deu conta de que Madison estava fazendo tudo aquilo de propósito. Trocando de lugar com Elisa para que eles dois ficassem juntos.

E, como todos os sentimentos dentro de si, ele não sabia como se sentir. Uma parte dele tinha apreciado a ideia, outra parte insegura tinha ficado com um pé atrás.

— Oi, John.

Elisa passou por ele e sentou-se ao seu lado, sorrindo levemente. Por dentro, estava a mil. Podia sentir o suor e o tremor de suas mãos, o coração batendo em seu peito como um dispositivo

que acabara de encontrar seu tesouro perdido. E ali, bem ao seu lado, Jonathan era o seu tesouro. E ele estava mais encontrado do que qualquer coisa.

— Oi — John a cumprimentou, escutando a voz da Madison ecoando pela sua cabeça. "*Seja gentil*" — Tudo bem?

— Eu estou bem — sorriu com a pergunta — E você? Como está se sentindo hoje?

Desconfortável. Jonathan estava definitivamente desconfortável.

— Bem — ele respondeu.

— Bem mesmo? — reforçou pergunta. Era importante saber se ele realmente estava se sentindo bem. Às vezes, as pessoas só falavam que estavam bem para que as outras a deixassem em paz. Isso não aconteceria com Elisa tão fácil.

— Acho que sim — deu de ombros, sem certeza. Suas crises tinham se acalmado e não apareceram naquela semana. O que não significava que ele estava completamente feliz, ele só não estava completamente triste.

— Que bom — ela bocejou, sorrindo para si mesma. Estava realmente feliz por ele estar se sentindo melhor que seus dias diários — Você se importa?

— O quê?

Jonathan só sentiu o rosto de Elisa se aproximando e se acomodando em seu ombro esquerdo. Ele conseguiu sentir o cheiro de sua colônia doce, que horas depois ficaria grudado em seu casaco. Quase como se ela estivesse marcando definitivamente sua entrada na vida dele; e em seu coração também.

Elisa estava quase adormecendo quando sentiu finalmente Jonathan relaxar e encostar sua cabeça na dela. Era tão confortável estar em seus braços pela primeira vez e sentir seu perfume ficar grudado nela.

Parecia que o mundo tinha parado e que só existiam eles dois. Foi inevitável ela não sorrir feito boba e não amar estar naquele lugar com ele.

parte II

*“Me imagine em um automóvel
A cem milhas por hora, se você sabe como me sinto
Sozinho com minha mente, deixe minhas preocupações para trás
Eu posso até alcançar a fronteira, é só uma questão de tempo.”
(Automobile - Kaleo)*

JONATHAN

Elisa e Jonathan acordaram juntos, no mesmo instante. Um pensamento estranho de que eles dois estavam ligados começou a entrar na cabeça do garoto. Ligados de um jeito que ele ainda não entendia e odiava quando ficava incapaz de compreender alguma coisa.

— Finalmente — ele sussurrou, assim que escutou a professora Kátia avisar que eles haviam chegado na capital de Bristol.

— Até que não demorou tanto...

Elisa ainda mantinha a cabeça encostada no ombro dele.

— Claro que não, a gente dormiu a viagem inteira — Jonathan retrucou e Elisa concordou, soltando uma risadinha. Ele riu junto com ela.

Demorou um pouco para o motorista chegar no local da pousada em que eles ficariam instalados.

Os alunos estavam eufóricos. Jonathan podia escutar a voz de Madison e Isaac conversando alto no fundo.

— Atenção aqui, pessoal! — Kátia chamou a atenção dos alunos e focou seus olhos especialmente nos dois. Elisa não percebeu, mas Jonathan ficou incomodado — Para não criar confusão, vamos todos sair com calma e esperar até o comando dos...

A professora foi interrompida por um aluno que, ao observar a pousada pela janela do ônibus, gritou:

— Que maneiro, isso parece casa de filme de terror!

Em seguida, o tumulto e a agitação começaram. Os adolescentes curiosos passaram para o lado direito do ônibus, sobrecarregando um lado do automóvel e causando confusão com

os outros alunos ao tentarem chegar até a janela e verem a tal casa de filme de terror

— Que horror — algum jovem reclamou.

— Isso é de quando? Do século quinze? — Madison perguntou impressionada e então Jonathan cedeu à curiosidade e se aproximou da janela com Elisa ao seu lado.

A pousada era grande e tinha dois andares. As paredes cobertas por uma pintura escura e amarelada desbotada, as janelas empoeiradas e, em frente ao enorme portão de grade, uma freira aguardava em pé enquanto o ônibus estacionava.

— Muito bem dito, srta. Blake — o professor Eduardo concordou com o que Madison tinha falado, sem entender a ironia da jovem — Nós resolvemos que vocês gostariam de ficar aqui na pousada da freira Lúzia para terem a experiência própria de como eram as instalações do século quinze. Excelente!

Os alunos começaram a resmungar mais alto dessa vez, sem acreditar. Ninguém estava satisfeito com as acomodações, além do aluno que disse que a pousada parecia uma casa mal assombrada de filmes de terror

— Agora peguem suas mochilas e se posicionem em fila para descermos — A professora pediu e todos começaram a obedecer — Um por um, por favor

Aos poucos, os alunos desceram do automóvel com suas pequenas bagagens. Do lado de fora, os estudantes que vieram nos dois primeiros ônibus já haviam descido e estavam em fila.

Jonathan se posicionou ao lado de seus amigos e de Elisa.

A freira Lúzia deu as boas vindas a todos e os chamou para entrarem e conhecerem seus alojamentos. E depois de um rápido tour pela — não tão adorável e aconchegante — pousada preservada do século quinze, os alunos foram pedidos que se dividissem em duplas e fossem para os seus determinados quartos divididos em dois corredores no segundo andar. Madison puxou Elisa, Isaac seguiu com Henry e Jonathan ficou com David.

— Isso aqui é medonho — seu amigo comentou, ao entrar no quarto em que eles passariam a noite — Preferia ter ficado sem ponto.

David jogou a mochila em cima de uma das camas baixas, esta que fez um barulho.

Jonathan foi em direção à pequena janela entre as duas camas e a abriu com dificuldade, espalhando poeira para todos os lados. Seu nariz coçou e ele tossiu.

— Eles deviam tirar um dia para limpar toda essa sujeira — John disse, passando o polegar pela pequena tábua de madeira empoeirada ao lado da janela — Preservar não é deixar sujo.

— Pois é — O outro concordou, tirando um maço de seu bolso e colocando um cigarro na boca, sem ligar — Parece que não vem gente aqui desde o último exorcismo.

Eles riram e Jonathan tossiu novamente com a poeira.

De repente, os dois tomaram um susto quando uma sirene alta e com um som estranho que começou a tocar. Saíram do quarto e encontraram todos os outros estudantes que também se assustaram do lado de fora.

— Um rápido anúncio! Todos vocês podem tirar o dia de hoje livre para fazerem o que quiserem, conhecerem a cidade ou descansar para amanhã — A voz da professora Nathalia ecoava no final do corredor, já que ela usava um alto-falante — Só peço que tomem cuidado e estejam de volta até as 19:00!

Para finalizar ela soltou um gritinho de empolgação e os alunos chiaram, ninguém estava animado.

Os dois garotos voltaram para dentro do quarto. David se agachou e começava a abrir sua mochila em cima da cama quando Isaac, Elisa, Madison e Henrique entraram no quarto.

— Alguma ideia de onde a gente pode ir hoje? — Henry perguntou.

— Não, mas eu sei o que a gente pode fazer — David tirou duas garrafas grandes de Vodka de dentro da sua mochila, arqueando as sobrancelhas e abrindo um sorrisinho sacana.

Os quatro sorriram animados enquanto Elisa ficou parada, sem reação. Não era de seu costume fazer ou beber aquelas coisas.

— Eu queria passear pela cidade — Madison sentou na cama de David, ficando de frente para ele e puxando uma garrafa de sua mão — Pesquisei um pouco sobre a capital e o bairro que estamos,

para ver se tinha algo de interessante. Sabe... A gente podia conhecer os bares escoceses.

— Bar escocês? — Jonathan e I saacretrucaram ao mesmo tempo.

Elisa riu, achando tudo aquilo engraçado.

— É, ouvi dizer que eles são muito f amosos aqui na região.

— Não precisamos sair — David revirou os olhos, sempre discordando de Madison — Eu trouxe bebida.

— Duas garraf inhas, David — A garota retrucou de volta.

— Me f ale um único motivo que me f aça querer visitar esse ba e se f or interessante, eu irei.

Ela riu desacreditada e deu de ombros, achando que o mesmo só tinha f alado por f alaç até encarar seus outros amigos que esperavam por uma resposta:

— É sério, isso? — ela questionou, f ranzindo as sobrancelhas.

— Eu não me importaria em f icaraqui mesmo... — Henry se jogou na cama de J onathan, que sentou ao seu lado.

Elisa e I saac deram de ombros, sem uma opinião.

— Bom... — Madison piscou os olhos — Ouvi dizer que os garçons usam saias.

— Não brinca?! — I saace Henrique exclamaram juntos e ela balançou a cabeça em conf irmação.

— Ah, isso eu quero ver — J onathan comentou, f icando de pé.

— Deve ser engraçado — Elisa concordou.

E então David suspirou derrotado.

Madison o encarou e abriu um meio sorriso, lançando um olhar competitivo e vencedor na sua direção. Ele entortou os lábios e pegou as duas garraf as de bebida alcoólica que trouxe:

— A gente pode beber no caminho — abriu uma das garraf as com a boca e após cuspir a tampa, a levou até os lábios, jogando a cabeça para trás e virando quase metade do lí quidode uma vez só — Alguém quer?

Todos eles se aproximaram e tomaram um pouco. Até mesmo Elisa, que não disf arçou a careta ao sentir o gosto adocicado e f orte passar pela sua garganta. J onathan percebeu e prendeu o riso.

Ele se sentia tão bem quando estava com Elisa que nem sabia como explicar. E sentia-se dividido entre duas partes em seu interior.

Uma que insistia em se aproximar cada vez mais dela e outra que insistia em se afastar

O garoto ainda não sabia qual daquelas partes ele queria que ganhasse, mas no momento ficaria com a primeira.

— Vamos logo — Isaac chamou, abrindo a porta do quarto
— Os garçons de saia nos esperam.

fotos, felicidade e esperança

*“Eu e todos os meus amigos
 Estamos sendo mal compreendidos
 Eles dizem que nós não defendemos nenhuma causa
 E que nunca vamos
 Nós apenas sentimos que não temos um caminho
 Então continuamos esperando
 Esperando o mundo mudar.”
 (Waiting On The World Change - John Mayer)*

ELISA E JONATHAN

Os seis adolescentes andavam agitados pelas ruas asfaltadas do bairro escocês de Bristol. e parte daquela agitação era efeito do álcool que ingeriram mais cedo.

Elisa, David e Isaac já estavam cansados de andar quando pararam exatamente em frente ao bar em que tinham combinado de ir. Do lado de fora, eles conseguiram escutar uma música alta tocando dentro do estabelecimento. Madison se animou e puxou seus amigos para dentro.

Eles adentraram o bar e se depararam com um ambiente rústico. Mesas, balcões e bancos escuros feitos de madeira, a decoração excessivamente composta por quadros, adesivos e uma grande estante com vários tipos de bebidas existentes. Sem contar com os cinco grandalhões que tiveram sua atenção tomada pelo barulho do pequeno sino da porta, identificando os seis adolescentes que haviam acabado de entrar naquele ambiente.

Um silêncio estranho pairou no ar.

— Eles parecem... Ogros — Elisa sussurrou atrás de Madison, que estreitou a cabeça e concordou, displaying uma careta.

A música tinha parado e os cinco homens continuaram encarando os adolescentes, estes que estavam calados e sem

reação, encarando-os de volta.

— Hum... Boa tarde? — I saac arriscou e um deles se levantou, mostrando ser o dobro da altura de todos eles.

O grandalhão f oise aproximando até f icarf rente a f rente com eles, mais intimidante do que nunca.

Jonathan segurou sua vontade de dar meia volta e fugir enquanto Elisa se aproximou mais ainda do garoto e sem perceber, juntou sua mão na dele e entrelaçou seus dedos. John sentiu seu toque quente e tentou não se mover. Estava tudo *perfeit*o naquele momento secreto só deles; ele não queria estragar tudo como sempre f azia.

— *Beò ann an Escócia...?* — Madison soltou a f rase escocês para a surpresa de todos. Ela sorriu entusiasmada, disf arçando seu nervosismo.

E então o rosto rabugento do grandalhão na f rente deles se transformou em um grande sorriso. Ele virou o rosto para trás e gritou para os seus outros amigos e de repente a música voltou a tocar. Deu espaço para os adolescentes entrarem e indicou uma mesa para eles se acomodarem de f rente à janela.

— O que acabou de acontecer? — David arregalou os olhos, conf uso e impressionado.

— Onde você aprendeu a f alar escocês? — Jonathan perguntou. Era um dos muitos f atospeculiares sobre sua irmã que ele ainda não tinha conhecido, até aquele dia.

— Eu assisti um documentário com a mamãe um dia desses... — ela riu dando de ombros — Essa f rase f icou na minha cabeça.

— E o que signif ica? — Henry sentou no banco, curioso.

— Viva a Escócia.... Eu acho — ela sorriu, sem se importar. O que quer que ela tenha f alado, deu certo.

— Madison, você é *uma gên*ia! — David a elogiou, alterado.

Ela revirou os olhos, o ignorando.

— É gênio, David — Henry deu dois tapinhas nas costas do amigo que já estava mais alcoolizado e animado do que o normal — A Mad é um gênio mesmo.

Elisa e Jonathan riram com a cena, lado a lado.

O grandalhão voltou carregando uma bandeja cheia com seis copos de 600ml para cada um deles e em seguida, voltou com uma

garrafa gigante de chopp, posicionando-a no meio da mesa.

— Me — O homem se virou para a irmã de Jonathan e apontou com o dedo para o próprio peito — Vladimir.

Ela sorriu com o gesto, achando f of o.

— Me — repetiu o ato — Madison.

Depois f ez questão de apresentar todos os seus amigos.

E então Vladimir se retirou, deixando os seis adolescentes sozinhos e livres com seus copos enormes de cerveja.

— Eles sempre bebem assim? — I saa perguntou ao observar o tamanho do copo à sua f rente.

Os outros deram de ombros sem saber e Madison af irmou com a cabeça.

— Vou me mudar para a Escócia — David declarou animado, enchendo o copo dos amigos até o topo.

— Aí você teria que usar saia — Henry comentou, f azendo os outros começarem a zoar e f azer piadinhas com o colega.

David inclinou o rosto curioso e encarou a roupa xadrez de um dos homens que estavam do outro lado do local, f azeno um bico com a boca e tirando suas próprias conclusões:

— Até que eles não f icam tão ruins de saia...

Os cinco explodiram de rir novamente.

No iní cio, Elisa sentiu-se uma intrusa inocente no meio deles. E, ao contrário do que achava, os quatro f oram tão abertos e receptivos com ela que nem f oi dif í cile encaixar. Antes, a garota tinha a impressão de que sua vida passava sobre seus olhos e ela não aproveitava. *Tinha razão*. Mas ali, no meio de seus novos amigos, L isa f inalmente sentia que estava aproveitando como deveria.

— Vem, vamos dançar — Madison levantou meio tonta devido aos dois copos de cerveja que tinha acabado de virar e agarrou a mão de Henry, puxando-o.

O garoto tatuado recusou e virou-se para trás, conversando com David.

— Eu vou com você! — I saadevantou, andando até Mad, que sorriu e começou a dar pulinhos animados.

— L is, John! V enham também!

Elisa inclinou o rosto para observar Jonathan que estava sentado ao seu lado e sorriu sugestiva. Sua garganta ardia um pouco e sua boca tinha o gosto do álcool puro do chopp escocês.

Jonathan não a encarou de volta dessa vez. Todo mundo sabia que ele não dançava e não seria Elisa que o fariam mudar de ideia. Não assim, não tão rápido.

— Você vem..? — ela colocou sua mão sobre a dele em cima do balcão, delicadamente.

John negou com a cabeça.

E ao contrário do que ele imaginava, a garota não ficou chateada ou o contestou e nem insistiu para que ele fosse. Ela apenas levantou sozinha e caminhou em direção aos outros dois amigos que dançavam desajeitadamente a música forasteira no meio das poucas pessoas naquele bar.

Eles não ligavam para a opinião alheia e aquilo era uma das coisas que Elisa mais admirava.

— E aqui estamos nós, os três mosqueteiros — David piscou os olhos, enfiando-se no meio dos dois e passando o braço pelo pescoço de seus melhores amigos, agarrando-os e os puxando para um abraço embriagado e desengonçado.

— Vamos eternizar o momento — Henry se inclinou e retirou uma câmera polaroid de sua mochila. Esticou o braço e segurando o aparelho, posicionou a câmera na direção dos três, fazendo Jonathan imediatamente virar o rosto na tentativa de se esconder — Qual é, John!

David bufou, dando um empurrãozinho no amigo.

— Vocês sabem que eu não curto muito fotos...

Jonathan não tinha certeza se odiava fotos por não gostar de si mesmo, do próprio reflexo ou pelo simples fato de ter que sorrir obrigatoriamente. *As falsas aparências e sentimentos disfarçados. Não era justo.*

— Tenha misericórdia — Henry retrucou — A última foto que eu tenho revelada de nós três é de quando tínhamos onze anos e ainda usávamos pijamas de peixinhos.

Os dois amigos riram com seu comentário e pegos distraídos em um momento desprevenido, Henry conseguiu finalmente tirar a foto dos três; com Jonathan sorrindo.

— Você não presta... — David murmurou, dando um beijo na bochecha de cada um dos dois — Meus garotos.

Não demorou muito para Madison chegar até eles acompanhada de Isaac e Elisa, todos suados e agitados. Ela observou de longe os três tirarem uma foto e agora, cobrava o mesmo com todos os seis juntos. E isso era algo que nenhum deles poderia recusar.

— Sorriam! — Henry exclamou antes de apertar o botão enquanto todos se ajeitavam e se misturavam para aparecer na foto.

Elisa estava encolhida ao lado de Jonathan — quase em um abraço de lado —, com um pensamento de que depois iria com certeza, definitivamente, pedir a Henry para ficar com uma das diversas fotos que tiraram e quando chegasse em casa, a guardaria em um porta-retrato especial no seu quarto.

Eles não eram apenas seus amigos. Já faziam parte dela; a curavam todos os dias.

Assim como Jonathan, que também a salvava todos os dias. Quando o pensamento de desistir de si mesma invadia seu subconsciente, era só pensar nele que sentia a esperança invadir seu peito. Esperança e felicidade. Esperança de existir uma saída, um abrigo cheio de felicidade. Com pessoas que a faziam acreditar que existiam dias incríveis com amor genuíno, acolhimento, confiança, cumplicidade e muitos motivos para sorrir. Pessoas que faziam o risco da permanência na vida valer a pena.

a tinta amarela de Van Gogh

*"Fiz exatamente o que você disse
Agora estou me sentindo muito melhor
Porque você me fez rir e você me fez esquecer
Então me diga onde você corre, eu quero correr também
E mesmo se você cair, eu vou cair com você
Vou ser aquela que vem para salvá-lo."
(Run - Jasmine Thompson)*

ELISA

"Todos discutem minha arte e fingem compreender, como se fosse necessário compreendê-la, quando é simplesmente necessário amar."

— Que nome estranho... — David comentou, estático enquanto observava a pintura impressionista exposta na parede do museu — *Claude Menet*.

— É Monet.

— O quê? — virou-se e encarou Madison ao seu lado, suspirando com uma careta para explicar novamente:

— Não é *Menet*. É Monet.

— Ah.

David piscou os olhos e balançou a cabeça, voltando a observar os quadros. Madison seguiu ao seu lado, parecendo gostar e estar aproveitando o museu, diferente dos outros alunos que não estavam dando tanta importância à visita do trabalho escolar.

Elisa olhou para Jonathan ao seu lado e ele sorriu, dando um passo para frente até encarar de perto a tela do famoso Vincent Van Gogh, "A noite estrelada".

— Eu gosto dessa — ele afirmou, absorto.

Podia sentir suas pupilas dilatadas com o efeito das camadas de cores e a quantidade de tons de azul e amarelo que se

encaixavam e misturavam-se perfeitamente na pintura. Como se as estrelas estivessem realmente piscando e o céu estivesse se movimentando em forma de redemoinhos, o deixando hipnotizado.

— É um clássico — A garota murmurou, concordando.

Os outros alunos se aproximaram de onde os dois estavam, acompanhados pelo orientador.

— Essa tela é uma das mais famosas e importantes de Vincent Van Gogh. Ela representa a vista que ele tinha da janela de seu quarto no hospício, quando se internou voluntariamente depois de ter surtado e cortado a própria orelha — O guia do Museu explicou — Não é genial? Mesmo em um de seus momentos mais perturbadores, ele ainda conseguiu encontrar inspiração e motivação para a criação desse quadro encantador.

Jonathan seguia com seus olhos por todos os detalhes da tela. Dos montes no horizonte, das pequenas casinhas até as estrelas no céu. *Estrelas*. Ele olhou para Elisa ao seu lado e a garota imediatamente sorriu, abertamente. *O quadro parecia muito com ela*, ele pensou. Lindo, encantador, brilhante e, ao mesmo tempo, triste e solitário, meio ilusionário.

— Em uma carta para seu irmão Theo, Van Gogh escreveu: “Através da janela com grades de ferro, posso ver pela manhã o sol nascer em toda a sua glória”.

Quase como uma esperança no final do túnel John pensou, talvez.

— Vamos, se não ficaremos para trás — Elisa agarrou sua mão e antes de correr em direção à turma que já estava mais na frente, ele a puxou de volta e a girou no meio do caminho.

— Eu não me importaria em ficar uns minutos para trás — encarou Elisa, que sorriu surpresa com o ato de afeto que estava recebendo.

— É, nem eu.

Os dois riram, tímidos.

— Quanto tempo ainda temos? — ele perguntou, querendo passar um tempo a sós com a garota. Por mais que tentasse negar, ele se sentia atraído por ela.

— Uns quinze minutos — Lis levantou o rosto e percebeu John encarando fixamente seu rosto com um meio sorriso

incompreensível — O que foi?

— Seus olhos... Estão brilhando. São lindos.

Jonathan já tinha observado os grandes olhos azuis de Elisa antes. E parecia que a cada dia, ficavam mais lindos e iluminados.

— Obrigada... Mas eles são normais — sentiu suas bochechas quentes, como sempre.

— Não são não.

— São sim.

— Talvez você não veja eles como eu vejo — retrucou por fim e a menina sorriu, satisfeita. Ela estava soltando fogos por dentro, de tão feliz como ele a fazia se sentir

Jonathan se aproximou e Elisa sentiu a mão dele timidamente em sua cintura. Seus rostos estavam próximos e com o ambiente vazio sem os outros alunos, ela conseguia até escutar a respiração dele. Olhos concentrados nos lábios um do outro e as bocas cada vez mais próximas, quando...

— Posso saber o que vocês dois estão fazendo aqui, que não estão com o resto da turma?

Elisa e Jonathan se afastaram abruptamente com o susto.

Com os corações batendo mais rápido que um tambor, viraram-se para frente e deram de cara com a professora de biologia, Kátia, em pé e de braços cruzados enquanto observava os dois com um semblante irritado.

— Onde vocês pensam que estão? Em um encontro? — A mulher soltou um riso sarcástico, cuspidando as palavras grossas na direção dos adolescentes — Lamento desapontá-los, mas estão aqui por um trabalho. Além disso, cresçam. O amor é uma ilusão, não vale a pena.

Jonathan e Elisa se entreolharam, confusos.

Kátia com certeza deveria estar passando por um momento difícil: alguma desilusão amorosa para ter falado daquele jeito. Ela, com certeza, não estava em um de seus melhores dias.

— O que estão esperando? — apontou para o corredor vazio — Andem!

Os dois saíram correndo, de mãos dadas. Correram até sair da visão da professora mal-humorada.

Quando pararam, começaram a rir.

— O que será que deu nela? — Jonathan perguntou, fazendo Elisa dar de ombros:

— Quem sabe...

Eles gargalharam novamente.

Estavam na sala errada. Tinham se perdido do resto da turma e não estavam nem um pouco preocupados com isso.

— John, olha... — A garota o chamou em direção a um quadro amarelo.

Ele se aproximou e conseguiu identificar com clareza outra obra famosa de Vincent Van Gogh. Um vaso com girassóis. Tudo em diferentes tons da sua cor preferida, amarelo.

— Você conhece a história da tinta amarela de Van Gogh? — ele perguntou, já imaginando a resposta.

Mas Elisa negou, para sua surpresa.

Quem nunca tinha ouvido falar sobre o amarelo de Van Gogh?

— Me conta.

— Bem... — ele observou os olhos claros de Elisa — Van Gogh amava a cor amarela.

A garota encarou seus olhos e antes de começar a prestar atenção no que ele dizia, encostou a palma da sua mão na dele e antes de entrelaçá-los, esticou os dedos. A mão dele era um pouco maior que a dela, mas mesmo assim, se encaixavam perfeitamente.

— Se pararmos para ver, podemos perceber que Vincent usou o amarelo para pintar basicamente tudo. As estrelas, flores, móveis, tons de pele... Afirma que ele gostava porque achava uma cor alegre, feliz, capaz de curar qualquer dor no mundo — desviou os olhos para o quadro amarelo — Alguns dizem que, em seus últimos anos de vida, ele até começou a beber a tinta amarela.

Elisa franziu as sobrancelhas, pega de surpresa:

— Isso é sério?

Ela já havia escutado sobre o pintor algumas vezes, mas nunca tinha parado para pesquisar sua história. O único fato que sabia era que ele havia arrancado a própria orelha em uma crise, assim como o instrutor do museu tinha explicado.

— É — Jonathan concordou — Falam que ele achava o amarelo tão feliz que pensou que se começasse a ingerir a tinta, a felicidade que ele enxergava naquela cor faria parte dele.

Isso era tão triste Elisa pensou.

Não ter nada que o fizesse sentir e então ser capaz de fazer tais coisas absurdas para poder, de fato, sentir algo.

— E quanto mais ele a ingeria, mais ela o intoxicava — John continuou — E aí surge a questão, algumas pessoas dizem que ele sabia que a tinta era tóxica. Já outras dizem que não.

E então Elisa entendeu a existência de algumas frases que lia na internet sobre o questionamento de "quem é a sua tinta amarela".

Suspirou, decepcionada.

Estavam todos errados. A frase estava sendo usada completamente equivocada e de uma forma totalmente romantizada. Questionar "*Quem é sua tinta amarela?*" pelo pintor que comia a tinta tóxica achando que seria e não só era uma forma simples de enxergar a depressão, como também culpar a pessoa por sua doença. Era como se a pergunta quisesse dizer "*Ah, então o que é que vocês estão fazendo para se tornarem deprimidas?*". Era cruel.

Logo Jonathan interrompeu seus pensamentos:

— Eu também li em algum lugar que a tinta amarela de Van Gogh tem sido associada a uma planta medicinal que, naquela época, era usada no tratamento de doenças. E ele costumava usá-la na tentativa de amenizar as crises que tinha. Se eu não me engano, os pacientes que consumiram essa substância em excesso desenvolveram uma doença que alterava a percepção das cores de quem sofria por ela. Parece que eles começaram a ver objetos com uma tonalidade amarelada. Então, talvez, Van Gogh via o mundo através de um filtro amarelo causado pelo remédio que ele tomava — inclinou o rosto — Ou simplesmente, ele era ciente de tudo e o único objetivo que pretendia alcançar bebendo essas substâncias seria envenenar o próprio organismo. Não sei...

Ele deu de ombros.

Ninguém poderia dizer o que se passava dentro da cabeça de uma pessoa que se encontrava em um mundo sem saída, sem prazer em existir. E Jonathan sabia disso como ninguém.

— Enfim, isso nós...

— Nunca saberemos — Elisa completou, pensativa.

Ela esticou a mão e entrelaçou seus dedos, o puxando para perto:

— É uma história muito, muito triste.

— É...

— Você acha que ele se mataria se soubesse do sucesso que ele faz hoje? — Elisa o observou, piscando os olhos reflexiva — Ou que... Algumas pessoas, de todo o mundo, entendem o que ele passou ou também passam por algo semelhante?

— Não sei... E se for exatamente por sua história comovente que ele recebeu grande parte do reconhecimento?

— É triste pensar assim.

— *A tristeza vai durar para sempre*, foi o que ele escreveu para o irmão antes de morrer — John suspirou, como se estivesse cansado — Gostaria de saber se passaria caso ele tivesse tomado outra escolha.

— Nunca saberemos.

pequenos e significativos passos

*“Então nós desmoronamos e partimos o coração um do outro
Se quisermos viver um amor jovem, melhor começarmos hoje
Tem que ficar mais fácil, oh, mais fácil de alguma forma.
Porque eu estou caindo, estou caindo.”
(Not Today - Imagine Dragons)*

JONATHAN

Jonathan abriu os olhos e não sabia mais onde estava.

Parecia estar na varanda de um prédio. Ele não sabia reconhecer.

E então observou através da varanda que o ambiente se dava de frente para as outras varandas do prédio vizinho. Seus amigos estavam todos ali, inclusive Elisa, um em cada varanda de um prédio diferente.

O garoto não entendeu e queria perguntar o motivo deles estarem naquele local desconhecido. Em seguida, Jonathan escutou um rastro de um eco forte. Como se algum Deus superior do universo estivesse gritando para ele. Seus amigos não tinham reação, o que era estranho. Pareciam robôs, paralisados enquanto encaravam John.

O coração de Jonathan apertou e sem conseguir gritar ou expressar nenhum som ou palavra, se aproximou da grade que o impedia de cair daquela altura e encarou o abismo do prédio. Mais de quinze andares, ele chutaria. Abaixo, ele não tinha certeza se o que via era uma neblina forte ou eram nuvens.

Antes que o garoto gritasse agoniado para os seus colegas, começou a chover. Gotas começaram a cair do céu e no mesmo instante, Henrique começou a correr como se fosse se jogar do prédio.

— Mas que merda você pensa que está fazendo?! — Jonathan berrou agoniado, quando viu o amigo se segurando na pilastra. Um movimento em falso e Henrique desapareceria no meio daquilo tudo — Você quer morrer?!

Madison, Isaac, David e Elisa continuavam parados, estáticos. Pareciam hipnotizados com a névoa no ar. Jonathan estava nervoso, não sabia o que fazer. Estava dentro de um quarto branco que não tinha porta, só a varanda à sua frente.

Quando virou-se novamente, Henrique não estava mais lá. E consequentemente Isaac também não.

Ele não conseguia acreditar. Onde ele estava e por quê aquilo estava acontecendo? Seus amigos estavam se jogando de um prédio, suicidando-se do nada? *O que estava acontecendo?* Jonathan não conseguia expressar a confusão de seus sentimentos naquele momento.

E então, dessa vez, foi David que se aproximou e se jogou.

— Madison, Elisa! O que está acontecendo? — gritou para as duas meninas que restaram. Ele sentia seu interior agoniado, inquieto, dolorido — Por quê vocês não me respondem?!

Jonathan estava sentindo sua garganta arder e seus olhos estavam começando a marejar.

Madison correu e pulou, se jogando no abismo, como um pássaro. Jonathan se encostou em um canto qualquer daquele lugar e agachou, encolhendo-se e cobrindo o rosto com as duas mãos, tentando desaparecer daquele pesadelo.

Quando ele levantou o rosto, observou Elisa se aproximando. Era a vez dela. Depois que ela pulasse, ele ficaria sozinho naquele lugar desconhecido. Totalmente abandonado. Por isso que mesmo sabendo que seria em vão, gritou para ela. E foi quando a menina estava passando a perna direita pela grade que ele escutou outro grito como resposta e então finalmente abriu os olhos, encarando grandes pupilas azuis e curiosas à sua frente.

Ele estava acordado.

Desperto.

Jonathan estava no ônibus da escola ao lado de Elisa.

Tinha sido só um sonho; pesadelo.

— Está tudo bem? — A garota perguntou e ele se endireitou no banco, passando a mão pelos seus fios de cabelo bagunçados que caíam sobre suas sobrancelhas.

— Uhum.

Ele engoliu seco, pegando uma garrafinha de água da sua mochila e destampando-a.

— Tem certeza? — Lisa continuou virada para ele — É que você chamou meu nome...

— Eu o quê? — John se engasgou com a água e consequentemente acabou derramando metade do líquido nele mesmo. Sua camiseta preta estava encharcada.

Elisa soltou um risinho e arranjou um pano qualquer. Ela mesma se apressou em colocar o pano em sua camisa na área do peitoral, tentando retirar o excesso do líquido.

Jonathan se sentia estranho com Elisa tocando nele e ela sentia-se da mesma forma.

— Não vai adiantar... — ela comentou — Acho que você vai ter que tirar a blusa.

Elisa sentiu suas bochechas queimarem ao pensar em John sem camisa. Sua pele parecia ser bem branquinha, pálida. Ele só usava preto e quase nunca tomava sol quando saía. Parecia um vampiro.

— Eu não acho que precisa — O garoto respondeu, desconfortável.

Lisa deu de ombros e voltou a se encostar no banco.

Jonathan resmungou para si mesmo, incomodado com a camiseta molhada que estava grudando em sua barriga. Por sorte, lembrou que tinha trazido um casaco na mochila e imediatamente o pegou. Em seguida, retirou a blusa rapidamente e Elisa conseguiu observar os pequenos detalhes secretamente de canto de olho. Ele era branquinho, como ela tinha imaginado e os pelos em seu peitoral eram lisinhos e quase invisíveis.

O garoto colocou seu casaco e fechou o zíper virando a cabeça para o lado da janela.

Eles estavam um pouco longe de voltar para a casa; tudo que se via na estrada eram pinheiros. John gostava. E enquanto tentava pensar em alguma justificativa ou significado convincente para o

sonho que tinha tido há alguns minutos, Elisa rabiscava em um papel.

— John.. — ela o chamou e o garoto virou-se. Colocou o papel no colo de Jonathan e encostou sua cabeça no ombro dele.

Ele pegou a folha rabiscada e sorriu de lado com o desenho. Era algo simples, nada comparado às pinturas de Madison, mas era tão delicado. Dois bonequinhos nomeados como "John" e "Lisa", um ao lado do outro, separados por um coraçãozinho no meio.

— John... — A garota o chamou mais uma vez.

— Hum?

Ele não precisou virar o rosto para vê-la, já que ela se acomodava em seu ombro.

— Você sabe que eu gosto de você... — falou sonolenta e o garoto ficou um pouco tenso.

— Sei — respondeu com apreensão, não gostava muito de falar sobre aquelas coisas. Geralmente era quando sua insegurança atacava.

— E você não sabe se gosta de mim ainda... — *ainda*.

— Eu gosto de você — ele franziu as sobrancelhas e Lisa tentou explicar com mais clareza o que estava tentando dizer:

— Mas não do mesmo jeito que eu gosto de você.

John se calou, confirmando o pensamento de Elisa. Ela não ficou chateada, nunca ficava. Levou tanto tempo para que ele finalmente a notasse que ela não se importaria de levar mais um pouquinho para conquistá-lo.

E antes que terminasse de dizer o que queria, para sua surpresa, Jonathan se expressou:

— Não sei ainda o que sinto por você de verdade... Mas se você me prometer ficar, eu prometo que vou tentar descobrir.

E ele estava falando a verdade. Porque começou a admirar a persistência e coragem de Elisa por ficar insistindo tanto tempo em uma pessoa tão complicada como ele. *Isso deveria significar algo, não?*

— E se você me prometer ficar.. Eu prometo que vou tentar te conquistar a cada dia — A loira concluiu sorridente, sentindo-se satisfeita com o caminho que eles estavam levando. Era um pequeno progresso muito importante na vida dos dois.

realidade por fora das câmeras

*“Todos nossos amigos iriam rir de nós
Mas nós vamos rir junto porque nós sabemos
Que nenhum deles já se sentiu assim
E pelo tempo que passamos juntos
O mundo nunca mais será o mesmo
E você é a responsável.”
(Hey There Delilah - Plain White T's)*

ELISA

Tudo estava indo tão bem na vida de Elisa que até parecia um sonho.

Seus pais não brigavam há uma semana, Eleonora se mantinha tão ocupada com a formatura que nem tinha tempo de ir visitá-los (o que significava que Elisa estava livre de comparações ou comentários que a deixavam triste durante o final de semana). Estava tão feliz, acordando todos os dias mais leve e com menos medo de voltar para casa depois da escola. E o melhor de tudo: ela e John estavam cada vez mais próximos.

— Já pensou no que vai fazer quinta? — Henry perguntou, fazendo todos se virarem para encarar Jonathan.

Os seis estavam deitados na grama no fundo da quadra da escola; fugiram da aula para ficar de bobeira.

Elisa estava deitada de costas com a cabeça encostada no peito de Jonathan, que tinha seu braço aconchegado ao redor do pescoço dela, fazendo com que suas mãos se entrelçassem. Vez ou outra, ele brincava com os fios loiros e encaracolados da garota.

— Hoje já é segunda, você tem que pensar logo — Henry continuou, ansioso — Já sabe se vai dar uma festa?

— Espera... — Elisa levantou sua cabeça para encarar o rosto de John, que sorriu ao vê-la. Seu mundo estava tão mais leve e

colorido com ela dentro — O que vai ter na quinta?

— O John vai fazer o tão esperado dezoito anos — Madison sorriu, observando o irmão.

— É sério? Quinta é o seu aniversário? — A loira arqueou as sobrancelhas sem acreditar e ele confirmou com a cabeça — Por quê você não me contou?

A garota saiu de seus braços e o encarou de frente. Parte dela estava chateada, mas outra parte não queria colocar culpa nele.

— Você não contou pra ela? — Lisa indagou, confuso — Mas vocês não estão namorando?

— Cala a boca, Lisa — David e Madison o interromperam em uníssono, na mesma hora. Trocaram olhares rápidos e insignificantes, achando aquilo estranho e logo David continuou, tentando definir o melhor amigo:

— Se serve de consolo, Jonathan só me contou a data do aniversário dele depois de dois anos de amizade.

E então todos riram, descontraindo o momento desconfortável. Elisa já não estava mais chateada ao ver John sorrindo.

— Desculpa não ter te contado, eu esqueci completamente — ele disse, sem mentir. Jonathan definitivamente tinha esquecido. Não era tão fã de aniversários como a maioria das pessoas; não via o porquê de comemorar menos um ano de vida.

— Tudo bem — Lisa piscou os olhos, dando um beijinho rápido em sua bochecha.

Em seguida, mordeu os lábios e sorriu para si mesma quando a pergunta de Lisa ecoou em sua cabeça: "Mas vocês não estão namorando?".

Elisa e Jonathan não estavam de fato namorando. Nunca houve um pedido de namoro oficial ou algo do tipo, só uma pequena promessa em forma de declaração no ônibus que valeu muito mais que estas formalidades. E estava tudo bem, porque eles estavam juntos mesmo assim. E era o que importava.

— Eu queria que a gente fizesse uma festinha, mas o John não quer... — sua irmã disse enquanto despedaçava as pétalas de uma pequena flor que encontrara na grama.

— Para mim, a gente podia passar meu aniversário assim — Jonathan apontou para todos eles — Bem assim. Conversando de

boa.

Ele observou David mexer no celular e então se inclinou, pegando o estojo escolar de Elisa e o jogando na direção do amigo, que se assustou com o objeto e o encarou sem entender.

— Sem tecnologia — enfatizou, finalizando sua frase.

Jonathan não se sentia arrependido de ter perdido seu celular. Na verdade, ele até poderia agradecer àquele ladrão por tê-lo levado. Só usava o aparelho quando não tinha nada para fazer mesmo assim, rolando o dedo sem parar naquela tela tecnológica, ficando entediado. Não entendia qual era a graça de ficar assistindo a vidas falsas das pessoas. Sempre transparecendo felicidade, quando na realidade não acontecia um terço do que elas registravam.

Ele não queria mais viver de filtros; era um mundo tóxico. Você procurava sempre alcançar a perfeição que parecia existente na vida dos outros e acabava frustrando a si mesmo, porque simplesmente aquela perfeição não existia.

— Foi mal — David fez uma careta e Madison tomou o celular de sua mão, guardando-o em sua mochila — Ei!

— E então? — Henry chamou a atenção dos outros, esperando por uma resposta.

Jonathan deu de ombros, sem saber

— Antes da sua irmã tomar o celular da minha mão... — David cerrou os olhos na direção de Madison, que conteve um meio sorriso — Eu vi que vai rolar uma *rave* em um bairro perto da saída da cidade.

Isaac inclinou o rosto.

— Uma *rave*...

— Nada mal — Henrique comentou.

— Eu nunca fui em uma *rave* antes — Elisa contou, animada e Madison riu, achando a garota com tamanha ingenuidade e inocência.

— E vai rolar bem no dia do seu aniversário — David continuou — Conheço um cara lá... Se ele souber que é seu aniversário, vai deixar a gente entrar de graça.

Todos encararam Jonathan com ansiedade e ele não resistiu à pressão, cedendo aos amigos com um sorrisinho no rosto:

— Fechado, então.

Lis o abraçou.

Os quatro soltaram gritinhos animados e começaram a se levantar. Jonathan e Elisa resolveram ficar mais um pouco na grama.

— Então... O que você quer que eu te dê de presente na quinta? — ela perguntou, pensando em uma infinidade de coisas que ele gostava.

— Nada — ele deu de ombros, simples — Você já me deu. Tirou o vazio que eu estava sentindo.

Elisa sorriu e o abraçou novamente. Jonathan a envolveu em seus braços e apertou a garota forte contra seu corpo, quase como se estivesse com medo de que ela desaparecesse. Nos seus braços ele se sentia seguro, e não era diferente com ela.

— Agora eu tenho que voltar... — ela se levantou rindo ao ver o garoto tentar puxá-la de volta para a grama — Te vejo no final da aula.

— Vou te esperar. Te levarei para casa hoje.

— Combinado.

parte II

*“Fingindo que está tudo bem
Suas costas estão contra a parede
E tudo é culpa sua
Quando tudo começou a incendiar, o incêndio era você
Porque você me prometeu desistir disso
Me prometeu que tudo ficaria bem
Mas isso parece bom pra você?”
(Promise Not To Fall - Human Touch)*

JONATHAN

Tudo era tão novo para Jonathan.

Aquele negócio de amar e andar de mãos dadas. Ou simplesmente o fato de uma pessoa estar o tempo todo ao seu lado, de fazer questão de estar sob sua companhia. Não era uma coisa

ruim, pelo contrário; ele gostava. Só tinha medo do que poderia acontecer depois, porque era um fato, algum dos dois sairia com um coração quebrado. *Talvez os dois.*

— John... — Elisa o chamou e, ao mesmo tempo, agarrou sua mão ao atravessarem a rua. Ela percebeu que ele andava um pouco desligado do mundo — Posso te perguntar algo?

— Uhum.

— Por que você não deixa as pessoas se aproximarem de você?

Era uma dúvida que Elisa tinha desde o início. Não sabia se era uma forma de escudo — para se proteger — ou se simplesmente ele não gostava de criar intimidade ou pequenos laços com as pessoas.

— Como assim?

— Ah, você sabe... — não, ele não sabia — Demorou muito para a gente chegar onde estamos.

— Ah — O garoto coçou a nuca, meio incerto. Era uma coisa que ele também se perguntava toda noite. Algo que, na maioria das vezes, ainda o atormentava ao ocupar sua mente — Acho que é porque eu não confio nas pessoas.

Era difícil de entender, mas Jonathan tinha um coração quebrado e uma confiança traída. Para ele, era difícil acreditar em sentimentos. E por mais verdadeiros que eles fossem, sempre haveria uma parte dele que acharia que tudo não passava de uma ilusão.

Por isso que todos tinham que ter paciência com ele. E por isso também algumas pessoas desistiam rápido demais. Por sorte, Elisa não era uma delas.

— A não ser que elas provem ser confiáveis — O garoto continuou — E são poucas as pessoas capazes de fazer isso.

A menina sorriu, sabendo que estava no caminho certo.

— Sabe de uma coisa — ela tentou não parecer envergonhada — Eu gostava de você antes mesmo da gente se falar

Jonathan arqueou as sobrancelhas tímido e tentou não ficar nervoso ou vermelho. Ele já tinha a visto de longe várias vezes antes, mas nunca realmente tinha parado para observar a garota

direito; para realmente prestar atenção nela. Não depois que ela o ajudou a escapar da delegacia.

— Me conta uma coisa... — ele mudou de assunto — Seu pai é mesmo um policial?

— Sim — concordou pensando em Jacob e soltando uma risadinha — Imagina se ele me vê com você...

— Será que ele se lembra de mim? — Jonathan tentou não levar a frase que ela tinha falado na negativa. Preferiu pensar que ela estava se referindo ao dia em que eles se falaram pela primeira vez.

— Eu não sei. Acho que não — *ela esperava que não* — E o seu pai? Quero conhecê-lo um dia. E a sua mãe também...

Jonathan imediatamente soltou as mãos da garota e parou de caminhar. No mesmo instante, Elisa percebeu que tinha feito algo de errado.

— John... Está tudo bem? — ela murmurou ao observá-lo, preocupada.

Nada estava bem. Nunca esteve.

Às vezes, ele queria perguntar como era viver com uma figura paterna em casa. Como era ter um pai entrando em seu quarto secretamente, para ver se o filho finalmente dormiu. Como era ter um pai que te levava em uma consulta ao médico? Um pai que assinava o boletim da escola. Como era ter um pai para perguntar que horas ele voltou do trabalho? Ou para segurar as lâmpadas enquanto ele subia na escada?

Como era andar de bicicleta com um pai? Como era escutar o ronco terrível e se sentir protegido? Como era ter um pai para te orientar — mesmo que pateticamente — sobre transar com segurança?

Como era ver um pai beijando a mãe, sussurrando qualquer coisa que a fizesse enquanto você se escondia para que não o vissem?

Jonathan sempre quis saber tanta coisa, mas nunca perguntaria. Porque "Pai" era uma palavra banida não só do seu dicionário, mas também da sua vida, da sua história.

— Eu não tenho pai. Ele não existe — responde automático, como se já estivesse a resposta ensaiada na ponta da língua — *Ele*

não existe.

Elisa se assustou de iní ciocom o tom de voz que saiu da boca de John. De uma hora para outra sua voz tinha engrossado e se tornado sombria. Nem parecia que era o mesmo garoto que conversava tranquilamente com ela, segundos antes. E aquele era o problema dele. Bastava um pequeno detalhe para tudo desmoronar. Odiava como se sentia tão f raco e cedia a tais coisas com tanta f acilidade.

— Tudo bem... — ela tentou agarrar na sua mão de volta para entrelaçar os dedos mas o garoto as escondeu no bolso de sua calça — Desculpa.

— Não é sua culpa — ele retrucou, f ranzindoas sobrelancelhas — É a minha.

— Não, também não.

Elisa não sabia qual era a história por trás ou o que tinha acontecido com o pai de Jonathan, mas tinha certeza de que não era culpa dele. *A culpa nunca é dos f ilhos* tinha certeza disso.

— Você já está perto da sua casa, eu tenho que ir — O garoto olhou para trás e antes que Elisa pudesse f alar uma palavra ou se despedir, f oi embora.

Andou calmamente sabendo que estava sendo observado e assim que virou a esquina onde a garota já não podia mais vê-lo, começou a correr. Corria para tentar impedir que as lágrimas de seu rosto caís sem Se f osse há um tempo atrás, elas nem ousariam aparecer. Parecia que Elisa o deixava vulnerável.

A vulnerabilidade... Era a parte ruim de gostar de alguém.

Você deixava a pessoa entrar na sua vida até que ela descobrisse todos os seus pontos f racose f ortes, podendo depois, usá-los contra você mesmo. John não queria que aquilo acontecesse com ele e Elisa. Ele não podia deixar aquilo acontecer e, portanto, não a deixaria entrar em sua vida. Já estava bom o suf iciente. Não era necessário ultrapassar de onde estavam.

E depois de correr por algum tempo, Jonathan f inalmente cansou e encostou-se em um muro qualquer.

Ele se sentia tão autodestrutivo. À s vezes, se perguntava também se era bipolar. Porque uma hora estava se sentindo bem e outra simplesmente surtava. Virou-se de f rente para o muro coberto

por cimento e tijolos desgastados. Sentia-se com raiva por quem ele era. *Por quê ele tinha que ser tão problemático?*

Fechou a mão com força e com um impulso, passou a fileira dos dedos na parede do muro. Arranhando feio os ossos entre a parede, sentiu sua pele rasgar. E passou novamente, sentindo o local arder e ficar cada vez mais vermelho. O sangue estava subindo. Na tentativa de sentir alguma coisa, repetiu o ato, finalmente revelando o sangue no osso entre seus dedos. Mas não sentia a dor, não ainda. Aquilo o frustrava. Tudo o frustrava.

Era como se sua vida fosse como o clima de Bristol: na maior parte dos dias tinha sol, mas quando chovia era devastador.

Parou de arranhar sua mão assim que o sangue ameaçou começar a escorrer.

Respirou profundamente, tentando se recuperar do que tinha acabado de fazer. Ainda estava vivo, é claro. Mas já não tinha a mesma certeza por dentro. Para ele, o que não te matava te fazia desejar que você estivesse morto.

E talvez ele se matasse. Daqui a seis segundos ou daqui a seis minutos, ou a seis horas ou dias. Daqui a seis semanas ou seis meses. Poderia ser que levasse anos... Ou talvez ele nunca se matasse de verdade. *Aquilo era depressão.* Nunca saber como você acordaria, como se sentiria. Um dia querendo viver a vida e outro querendo muito acabar com ela.

banheiro do pensamento

*"Parece que há oceanos
Entre você e eu mais uma vez
Nós escondemos nossas emoções
Sob a superfície e tentamos fingir
Você sabe que eu prefiro me afogar
Do que continuar sem você."
(Oceans - Seafret)*

ELISA

E eles voltaram para o começo. Elisa tinha certeza de que, infelizmente, tinham voltado para a estaca zero.

— É normal, isso tudo é muito novo pra ele — Madison disse ao seu lado, tentando consolá-la enquanto a garota focava seus olhos em um ponto qualquer no chão da sala de aula.

— Mas... Foi tão estranho — Elisa continuou — E eu sinto que ele está me ignorando, Mad.

— Tudo bem, relaxa — A irmã de John gesticulou como se não fosse nada demais, fazendo movimentos com as mãos assim que o professor de geometria se virou para elas.

— Srta Blake, srta Miller... gostariam de compartilhar esse assunto tão importante que conversam desde o início da minha aula?

Elisa baixou a cabeça constrangida, mostrando arrependimento e respeito ao professor enquanto Madison agarrou o lápis e apontou para o quadro, confiante:

— O senhor errou ali — apontou para um polígono desenhado na lousa branca — Em vez de ser *ax* você colocou *bx*. Assim a raiz nunca dará positiva.

O professor virou seu rosto para o quadro murmurando o quanto Madison era uma aluna atrevida até, de fato, perceber seu

erro. Alguns alunos riram e tiraram sarro do orientador enquanto Madison virou-se novamente para Elisa, dando de ombros sem importância.

— Prometo que vou conversar com ele — disse, se referindo a Jonathan.

Em seguida, a sirene do intervalo tocou e as duas saíram juntas.

Madison ficou na cantina enquanto Elisa foi em direção ao banheiro. A adolescente estava prestes a entrar no toalete feminino quando alguém saiu do local com pressa e acabou trombando de frente com ela.

— Oh, desculpe... — Elisa levantou o rosto e reconheceu Kátia facilmente. A professora de biologia mantinha a mão no rosto inchado e avermelhado, chorando. A jovem não sabia muito bem como reagir — Está tudo bem, professora?

— Por favor, saia da minha frente! — Kátia jogou Elisa para o lado com um empurrãozinho e continuou seu caminho.

— Nossa...

A garota deu de ombros sem entender e adentrou o banheiro vazio.

Ela entrou em uma das cabines e abaixou o vaso, sentando-se em cima da tampa. Para falar a verdade, não sabia o motivo de ter ido ali. Talvez na esperança de encontrar Jonathan no meio do caminho.

Ou talvez, na verdade, aquilo tudo fosse coisa da sua cabeça. Talvez aquele afastamento que ela achava que estava acontecendo por parte de John nem estivesse realmente acontecendo. Será que ela ainda poderia ir para a *rave* em comemoração de seu aniversário quinta? Porque ele poderia não saber, mas ela mentiu para os pais só pra poder ir.

Seus pais. Estavam tão bem, por incrível que pareça.

E era maravilhoso. Parecia que, desde que Jonathan e ela tinham se aproximado, as coisas na sua vida começaram a melhorar.

Queria que estivesse acontecendo o mesmo com ele, mas parecia que não. E apesar da garota não saber direito sobre as coisas que atormentavam Jonathan, não se importaria em descobrir

para ajudá-lo. Ela poderia abrir mão da sua paz para ajudá-lo a atravessar o seu caos. Mas no momento, ela só queria que ele voltasse a tratá-la normalmente. Não que a estivesse maltratando, nunca. Só não era a mesma coisa.

Elisa estava enlouquecendo, era fato. E só tinham se passado dois dias. Como se ela estivesse viciada e Jonathan fosse sua droga.

Levantou-se do vaso depois de ficar pensando por um bom tempo e saiu em direção ao refeitório. No meio do corredor, perto da sala da coordenação, por algum motivo desconhecido encontrou seu pai.

Elisa riu e franziu as sobrancelhas, pensando ter olhado errado, até o mesmo virar e encarar a filha. Jacob também parecia surpreso e acenou rápido enquanto a garota foi em sua direção.

— Pai?

— Elisa — deu-lhe um abraço rápido.

— O que o senhor está fazendo aqui?

— Nada demais, só vim conversar com a diretora.

Elisa quase riu, com a raridade que estava acontecendo.

Ele era o pai e tinha todo o direito de ir na escola para verificar como estava o seu comportamento, só que ele nunca tinha feito aquilo antes; era super estranho.

— Sobre mim? — ela franziu as sobrancelhas, pensando se tinha feito alguma coisa de errado — Por quê?

Jacob não deu uma resposta direta. Ficou parado por alguns segundos, pensando no que responderia.

— Preciso de um motivo para vir até a escola conversar sobre a minha filha? — questionou, soltando uma risadinha — Eu já vou, tenho que voltar para o trabalho.

Sem nenhuma despedida, ele alisou o topo de sua cabeça e desapareceu no meio do corredor.

o passado não pode ter controle

*“Quando seu dia é longo
E a noite é somente sua
Quando você tem certeza de que já teve o bastante desta vida
Agente firme
Não desista de si mesmo
Pois todo mundo chora
E todo mundo se machuca, às vezes.”
(Everybody Hurts - REM)*

JONATHAN

Era 2 de outubro, 8 horas da manhã e Jonathan Blake completava exatamente seus não tão esperados 18 anos na vida.

Na vida. Porque “de vida”, não fazia sentido para ele. Na verdade, ultimamente quase todas as coisas não estavam fazendo muito sentido para ele.

O garoto foi acordado pela mãe e irmã, cantando o famoso clássico *parabéns para você*. Rose tinha preparado brownie de chocolate — o doce favorito de John desde os seus doze anos — e Madison não parava de tagarelar sobre o quanto a *rave* daquela noite seria incrível.

Rave, ele teria esquecido totalmente se sua irmã não o lembrasse a cada minuto. No fundo, ele não queria mais ir. Queria ficar em casa, trancado no quarto, escutando músicas e comendo quantos brownies ele conseguisse até ficar com a barriga completamente cheia.

Estava se sentindo exausto, o que era irônico porque ele não tinha feito exatamente nada naqueles últimos dias. Talvez tivesse percebido que o plano de evitar Elisa era mais difícil do que pensava.

— O que você acha? — sua irmã virou-se em sua direção, segurando um sutiã preto de glitter por cima da blusa.

— Brilhoso.

— Há-há. Engraçadinho.

A mais nova revirou os olhos e voltou a mexer em seu guarda-roupa. Faltavam poucas horas para os outros chegarem e irem à *rave* juntos, no carro de Isaac como tinham combinado.

Enquanto isso, Jonathan estava deitado na cama de Madison, olhando para os quadros de pintura da garota ao mesmo tempo que pensava em como ignoraria Elisa durante todo o seu aniversário.

— John... — Mad pulou em cima da cama e sacudiu o irmão mais velho — Já tem um tempo que eu quero falar com você sobre isso...

— Sobre o quê?

— Elisa.

Automaticamente Jonathan mudou sua expressão facial de tédio para tédio com um interesse camuflado. Suspirou.

— Não tem nada para falar — deu de ombros, desviando o assunto — Tínhamos tudo para dar errado... E demos.

Madison abriu um sorriso, percebendo claramente que ele estava mentindo.

— John... Está tudo bem — ela cutucou as mãos do irmão — Eu sei que você deve estar se sentindo confuso, com todas essas sensações novas...

É sim, ele estava. Assustado e confuso. Porque Elisa era a única que ainda não tinha desistido. Ela estava tentando muito e aquilo o deixava intrigado. *Por quê?*

— Estar apaixonado é terrivelmente assustador — Madison continuou, enquanto ele prestava atenção em cada palavra — Mas também é maravilhoso.

— É só que... — ele fez uma careta, sem saber se expressar

— Se você ficar procurando razões para não ficar com alguém você sempre vai encontrar, John — Mad levantou, indo em direção à sua prateleira de quadros — Às vezes é preciso deixar as coisas fluírem por um momento... Deixar o seu coração receber o que ele merece.

A garota virou-se, segurando uma tela que tinha pintado dele. Semelhante com a que ela o tinha mostrado quando os dois estavam no telhado. A diferença era que ele estava mais colorido, a tinta preta estava menos borrada e as flores ao redor tinham uma mistura de lilás, rosa e verde.

— Você é uma pessoa boa, John. Incrível na verdade — seguiu, o fazendeiro desviou os olhos — Só que algumas pessoas te magoaram e fizeram com que você se esquecesse disso.

Jonathan encarou Madison, que transmitia sinceridade em seu olhar.

— E você não pode deixar isso acontecer. Elas não podem ter esse poder sobre você — prosseguiu — Por quê deixar o passado te controlar? Por mais que tenha deixado cicatrizes, ele não existe mais.

Jonathan admirava tanto sua "irmãzinha". E também queria bastante seguir seu conselho, queria muito. Mas a maioria das coisas que aconteciam em sua mente ele não tinha controle.

— Sabe... — ela foi interrompida pela buzina do carro de Isaac, que ecoou pela janela do quarto — Às vezes a felicidade está bem na sua frente, só que você não percebe porque só olha para trás.

Em seguida, a garota se retirou do quarto.

Ele levantou da cama, indo até a janela.

A felicidade está bem na sua frente — enquanto pensava sobre a frase que sua irmã tinha lhe falado, Elisa apareceu, descendo do carro junto com os outros. Ele sorriu para si mesmo. E pela primeira vez, notou que não tinha ficado desconfortável com a conversa que teve sobre seus sentimentos. Não tinha ficado porque sabia que era a verdade.

Ele estava apaixonado.

Talvez estivesse apaixonado desde o começo.

Ele só não queria que ela se aproximasse, não queria que ninguém se aproximasse, na verdade. Não queria porque ele se machucava muito e tinha medo de machucar os outros no meio de seus surtos. Porque passava o dia ansiando explodir todos os sentimentos dentro dele e não sabia quando melhoraria e se ao

menos melhoraria um dia... À svezes achava que não, outras sim, quem sabe. *Ele gostaria de saber.*

ter coragem, amar e ser amado

*“Estou dançando com meus demônios
 Estou no meu limite
 Nuvens de tempestade se acumulam embaixo de mim
 Ondas quebram sobre minha cabeça
 Na primeira alucinação
 Quero ficar bem acordado, agora
 Você me diz que está tudo bem
 Mas ninguém pode me salvar agora.”
 (Nobody Can Save Me - Linkin Park)*

ELISA

Todos estavam alterados. Ou melhor, quase todos.

Elisa tinha ingerido uma bebida estranha, mas ainda se sentia sóbria, pelo menos comparada aos outros.

O clube fechado onde a rave acontecia estava com luzes neon de diferentes cores ligadas e piscando em todos os locais. A música eletrônica tocava em alto volume, não tinha certeza se era algum DJ ou apenas caixas de som. As pessoas dançavam loucamente com seus rostos pintados de uma tinta fluorescente, que brilhava e se destacava no meio da escuridão divertida.

— Madison!

Elisa correu em direção à garota de cabelo curto que dançava de olhos fechados e assim que chegou perto dela, observou outra pessoa tomar sua frente ao se aproximar e em um segundo rápido, se beijarem.

Não demorou muito para ela reconhecer o cara que Madison estava beijando e isso a surpreendeu, porque era o David.

A cena foi tão rápida quanto confusa na cabeça de Elisa e talvez as luzes coloridas tivessem ajudado. Ou a bebida que ela tinha tomado era mais forte do que pensara, capaz de fazê-la imaginar coisas.

Assim que eles se desgrudaram, Madison virou o rosto e encarou Elisa, que observava a cena com a boca aberta; de queixo caí do e sem reação.

— Meu Deus! — A irmã de Jonathan sussurrou como se também não tivesse acreditado no que tinha acabado de fazer agarrando a mão de Elisa e a puxando para outro lugar — *Meu Deus!*

— Você beijou o David! — Elisa gritou eufórica e Madison, meio tonta, fez sinal para que ela fizesse silêncio.

— Eu não — retrucou, tentando encontrar um lugar para sentar no meio da multidão.

— É claro que sim. Desde quando você gosta dele?

— Mas eu não gosto dele. Eu odeio.

— Mas... — Elisa gargalhou — Vocês... — foi interrompida:

— Lis, está todo mundo bêbado... Drogado. É uma *rave*, ninguém vai se lembrar de nada amanhã.. — continuou, sussurrando como se estivesse tentando convencer a si mesma — Eu espero...

— Ok. Então tá — A garota deu de ombros sem querer incomodá-la — Você viu o Jonathan?

— Não — Madison respondeu, bebendo um copo com um líquido esverdeado que encontrou no balcão do bar — Mas se ele não estiver aqui dentro, deve estar lá fora. Em algum local mais quieto. No meio da floresta, talvez... Ele gosta dessas coisas.

Elisa mordeu os lábios e se perguntou o motivo de alguém gostar de ficar em florestas.

Tudo cinza, escuro — fosse de dia ou à noite —, árvores estranhas com barulhos estranhos, até o próprio vento soava estranho. Além dos pássaros grandes e insetos desconhecidos.

— Ok, obrigada — ela acenou e saiu à procura do garoto.

Como ela já o havia procurado dentro do clube, não hesitou em encontrar a saída. Mas então ela foi barrada, sentindo seu braço ser segurado levemente por alguém:

— Ei, Elisa — virou, encarando David visivelmente bêbado e grogue — Sobre o que você viu nesse instante... — ele riu, coçando a cabeça nervoso — Não... N-não é o que...

— Ah, está tudo bem — Elisa sorriu, dando dois tapinhas leves no ombro do garoto — A Madison já me explicou tudo.

— Ela explicou? — ele franziu as sobrancelhas, meio confuso e interessado: — O que ela...

— Não posso falar agora, tenho que encontrar o Jonathan... Mas ah! — virou-se para o garoto, antes de seguir seu caminho — Vocês até que formam um belo casal.

Não conseguiu ver a expressão que ele fez porque imediatamente lhe deu as costas e saiu correndo em direção à porta do local.

Assim que saiu, deu de cara com o vento frio do tempo, encolhendo-se ao cruzar os braços. E enquanto passava os olhos pelas pessoas que estavam espalhadas e deitadas na grama, encontrou Jonathan. Achava-se que ele percebeu a chegada dela, porque estava se levantando e quase desaparecendo no meio da escuridão próximo às árvores.

— John?! — Elisa o chamou, se apressando em ir atrás dele, que tentava ao máximo se camuflar na mata escura — Jonathan!

Ela estava começando a ficar não apenas chateada, mas irritada também.

— Jonathan, qual é o seu problema?! — suspirou ao encontrá-lo perto de um lago, já afastados do clube e de toda a movimentação fora dele — Por quê você está fugindo?

Ele parou de tentar se esconder e então virou-se para encará-la. Observá-la doía, machucava dentro dele.

— Por que agiu que nem um idiota hoje, o dia todo?

Ele tinha a ignorado por todo o percurso até o clube, inclusive mais cedo, quando ela foi lhe dar os parabéns na casa dele. Além de ter feito questão de ter vindo de moto, sozinho. Elisa não sabia o que estava acontecendo.

— Porque eu sou um idiota — ele respondeu com a cabeça baixa enquanto encarava a grama escura do chão — Olha, eu vou ser rápido porque não quero te machucar. Não quero te enrolar. Sinto muito, Elisa, prometi que ficaria e tentaria descobrir o que sinto por você, mas... Não sei se consigo.

— Mas... — ela estava sem palavras — Como assim? Porquê?

— Não acho que eu esteja pronto para o amor.

Elisa e Jonathan se encararam; um silêncio ensurdecedor entre os dois. Quatro olhos cansados, tristes, incompreendidos.

— Se você não está pronto para o amor... Como você pode estar pronto para a vida?

Também não estou pronto para a vida; ele pensou.

— Desculpe, não posso — recuou, sem encará-la — Eu te disse, sou um idiota.

— Não, você não é — A garota mordeu os lábios, prendendo as lágrimas que ameaçavam descer — Você é um covarde...

Jonathan era toda a felicidade que ela tinha. E ele tinha prometido ficar *Ele prometeu*. Não podia simplesmente abandonar uma promessa assim; ele não podia abandoná-la.

E com esperança, Elisa estava torcendo para que o garoto fizesse algo. Corresse até ela e a abraçasse, falasse que era mentira e que ele não iria abandoná-la. Mas, ao contrário do que esperava, ele apenas virou-se e começou a andar, se afastando mais ainda.

— Sei que você é solitário, Jonathan! — ela gritou em sua direção, numa última tentativa de chamar sua atenção.

John parou de andar assim que escutou a palavra "solitário".
Sim, Elisa, ele era

— Você precisa de alguém que te queira. E eu quero você! — àquela altura Elisa já estava chorando. Não conseguia controlar suas emoções — Então seja corajoso e me queira também!

lar é onde seu coração se sente protegido

*“E você se pergunta se quando você acordar vai ficar tudo bem
 Parece que há alguma coisa quebrada por dentro
 Tudo o que sei
 É que estou perdido
 Sempre que você vai
 Tudo o que sei
 É que eu te amo demais
 Tanto que dói.”
 (Link - Coldplay)*

JONATHAN

Eles estavam voltando para casa. Jonathan não teve opção a não ser ir dirigindo no carro junto com os outros — inclusive Elisa — quando soube que David tinha tomado seu lugar na moto e saí do mais cedo da *rave*. Era estranho, ele costumava ser um dos últimos a querer voltar para casa depois de uma festa.

A viagem estava silenciosa.

Jonathan sentia Elisa — que estava sentada próxima à janela ao lado de Madison — o evitando na maior parte do tempo. Ele não podia culpá-la.

— Que tal uma musiquinha, hum? — Isaac, que estava no banco da frente, ao lado de John, perguntou olhando para trás, tentando acabar com o silêncio tenso dentro do carro.

Madison, que estava sentada no meio, foi a única que respondeu, assentindo animada. Ao seu lado esquerdo, Henry dormia profundamente com a cabeça apoiada em seu ombro enquanto ao lado direito, Elisa observava a paisagem de árvores através da janela.

Estava tudo tão silencioso dentro daquele automóvel que Jonathan já estava agoniado. A sorte era que eles já haviam

chegado na entrada da cidade e logo todos iriam para suas devidas casas e aquele sofrimento acabaria.

— Tchau! — Isaac foi o primeiro a ser deixado em casa.

Em seguida foi Elisa, que saiu do carro sem olhar para trás e apenas sussurrando um "*até mais*" para Madison.

Jonathan esperou a garota entrar em casa — memorizando a rua e o local em sua mente — para logo dar partida em direção à sua própria residência. Henry provavelmente passaria a noite lá.

— Que clima entre você e a Lisa... — Madison comentou, levantando as sobrancelhas e observando o irmão pelo retrovisor, tentando não se mexer para não acordar o amigo encostado em seu ombro.

John não respondeu, imerso. Estava concentrado em outra coisa, além de chegar em casa. Tomaria uma atitude hoje mesmo, só precisava pensar e esclarecer sua cabeça.

— Ei, lembra, Henry! — Mad cutucou o garoto tatuado, que abriu os olhos, tonto. Parte daquele sono era ressaca — Chegamos.

Os três saíram do carro e ao se aproximarem, perceberam que a moto de David estava estacionada em frente à casa. Madison engoliu seco e mordeu os lábios, tentando não lembrar do que aconteceu entre eles na *rave*. Mas assim que entraram em casa, Rose os recebeu e disse que David só havia passado para deixar a moto na mão de Jonathan e que amanhã se encontraria com eles. Aquilo fez a irmã de John relaxar.

Madison então puxou Henrique para o seu quarto com a intenção de mostrar um quadro que ela tinha pintado dele.

Jonathan subiu sozinho para o seu lugar favorito.

Ele deitou-se na cama bagunçada ainda com a roupa anterior e encarou o teto, começando a pensar em coisas. Sobre como ele odiava a data de seu aniversário e como sempre lhe trazia sentimentos ruins. Ironicamente, pensou também sobre ter sido a primeira vez que ele sentiu poder comemorar aquela data estranha de uma formamais graciosa que as outras vezes, se não fosse por sua personalidade fraca e covarde. Porque Elisa estava certa, ele era um covarde.

Suspirou.

Era incrível como a vida nunca estava sob nosso controle. Por mais que você se esforçasse para uma coisa, se o universo não estivesse decidido em tornar tal fato realidade, ele não tornava. Simples assim. Mais incrível ainda era que Jonathan tinha planejado ter uma vida solitária. E, do nada, acabou encontrando uma pessoa que fez seu coração acelerar e seus planos irem de ralo abaixo.

Aqueles pensamentos o torturavam, era fato. Mas também era fato que desde que Elisa tinha chegado, as coisas ficaram — ou pelo menos pareciam — melhores e mais fáceis.

E ele tinha que resolver aquilo. *Ele iria*. Ia consertar tudo. Elisa merecia. Eles mereciam.

Decidido e exausto, depois de ter pensado tanto, Jonathan acabou adormecendo. Acordou depois de um bom tempo, cinco horas depois. Eram nove da noite e ele tinha perdido completamente a noção do horário.

— Droga...

Levantou com dificuldade e saiu até o banheiro. Precisava de um banho. Com água gelada, de preferência. Aproveitaria o gelo e tomaria toda coragem que precisava para fazer o que tinha em mente.

E depois de se arrumar com ansiedade, saiu do quarto.

Antes de descer as escadas, parou no quarto de Madison e abriu devagar a porta, encarando as costas da irmã deitada na cama. Olhou para o chão e observou Henry deitado no colchão da cama de sua irmã, também dormindo profundamente. Em seguida, parou no quarto de sua mãe e fez a mesma coisa, observando Rose sentada na mesa de sua escrivaninha com a cabeça apoiada em seus braços. Ela havia adormecido enquanto trabalhava.

John saiu de casa e não teve a intenção de pegar na moto que David havia deixado em sua mão. A casa de Elisa era distante, mas ele iria andando de qualquer jeito.

Estava apreensivo.

Naqueles últimos anos ele nunca correu ou se esforçou para ir atrás de alguém na sua vida. Geralmente as pessoas desistiam tão fácil, fugiam tão rápido que ele já tinha se acostumado, mas Elisa não. Não ela; a garota dos olhos azuis mais lindos e brilhantes que já tinha visto.

E finalmente, quando chegou em frente à residência da garota, conseguiu ver as luzes acesas por trás da cortina. Não só isso, também conseguiu escutar duas vozes altas se ofendendo dentro da casa. Olhou para a janela do quarto de Elisa e então, como em um filme, recolheu uma pedrinha no chão e deu um passo para trás, arremessando a pedrinha com facilidade, fazendo um barulho alto ao acertar o alvo, capaz de acordar alguém, mas não tão alto comparado às pessoas que brigavam lá dentro.

— Por favor.. — ele desejou baixinho, torcendo para que a garota estivesse no quarto. E como desejo de uma madrinha, ela apareceu por trás da janela.

parte II

*“Com você, eu sou uma linda bagunça
É como se nós estivéssemos de mãos dadas
Com todos os nossos medos à margem
Então pare o tempo aqui mesmo ao luar
Porque eu não quero nunca fechar meus olhos.”
(Sad Song - We The Kings)*

ELISA E JONATHAN

Elisa encarou o garoto sem reação, parado em pé na porta da sua casa.

Estava surpresa por ele ter aparecido ali e, no fundo, estava feliz por ele ter tido consciência e tomado o primeiro passo para acertar as coisas. Mas, por outro lado, ela só conseguia pensar na péssima hora que ele havia aparecido.

Seus pais estavam brigando alto no andar de baixo. Depois de dias ensolarados e felizes, a tempestade tinha retornado à sua casa. A garota já conseguia imaginar os cacos espalhados pela casa. Às vezes até se questionava como ainda existia tantos vidros em casa se sua mãe já havia quebrado vários.

— Posso subir? — Jonathan perguntou.

Elisa deu de ombros, hesitante, afastando-se da janela.

O garoto então conseguiu se pendurar e com dificuldade foi subindo o batente até atravessar a janela e entrar silenciosamente no quarto da garota. Ele observou o cômodo ao redor, exatamente como tinha imaginado.

Elisa permaneceu parada de frente para ele. Quando o garoto encontrou seus olhos, notou que pediam por socorro.

— Desculpa aparecer essa hora — ele falou sem jeito. Os pais da garota estavam brigando no andar de baixo, estava tudo muito desconfortável. Jonathan engoliu seco e continuou: — Eu preciso te... Preciso te contar algo.

Ele estava nervoso e Elisa percebeu, cruzando os braços sobre seu peito e suspirando cansada. Não tinha sido um bom dia para ela.

Desde que chegou da *rave* com eles, seus pais não paravam em paz.

— O que você precisa me contar, Jonathan? — deu um passo em sua direção.

Jonathan tentou não pensar muito porque se não, perderia toda a coragem que tinha reunido. Ele iria simplesmente tentar desabafar e contar tudo para Elisa, para poderem recomeçar juntos.

— Eu tenho medo de você me amar e de ser recíproco — disparou, fazendo Elisa franzir as sobrancelhas, confusa — Eu sei que é estranho, mas é verdade. Tenho medo porquê... Sei que vou te machucar e... Não quero te machucar...

Ele foi interrompido por um barulho forte de algum objeto sendo arremessado em cima de algum móvel no andar de baixo. Os dois se assustaram e com um impulso, se aproximaram. Foi quando Jonathan percebeu que, estar ali, em pé diante de uma das pessoas mais gentis e incríveis que ele já havia conhecido, era mais difícil do que imaginava.

De repente, os pensamentos de sua cabeça desapareceram e tudo o que ele pretendia falar também.

— Lis...

Ao escutar Jonathan, Elisa não conseguiu evitar as lágrimas em seus olhos. *Tudo estava desmoronando*. Se aproximou dele e o abraçou, querendo se sentir protegida. O garoto imediatamente retribuiu o abraço com força.

— Por favor.. Faz isso tudo desaparecer — murmurou, sob as lágrimas.

— Isso tudo?

— As brigas, os gritos, os cacos...

Jonathan suspirou e concordou, sem saber o que fazer

Em seguida, andaram em direção à cama e juntos sentaram no colchão, ainda abraçados. O garoto esticou o braço e agarrou o edredom que ficava ao lado do travesseiro de Elisa, o esticando e colocando em cima dos dois, os cobrindo.

Sentados em cima da cama, um de frente para o outro, isolados do quarto ao redor.

— Está vendo? — Jonathan abriu um meio sorriso, tentando amenizar a situação elaborando uma cabana com o edredom de Elisa, como sua mãe costumava fazer com ele e Madison quando tinham pesadelos na infância — Está desaparecendo...

— Ainda escuto as vozes — A menina respondeu com a mão no rosto.

Jonathan saiu da pequena cabana e pegou o fone de ouvido em seu bolso, conectando com o celular dela, que estava ao lado da escrivaninha. Entrou de volta no forte que criou e esticou um dos fios para Elisa, que encaixou em seus ouvidos, passando a escutar somente uma melodia e voz leve de um cantor masculino. Não sabia quem era, mas estava gostando.

— Melhorou? — ele perguntou.

Elisa balançou o rosto em confusão e enxugou as lágrimas, deitando na cama de lado e repousando a cabeça sobre o seu travesseiro. Jonathan fez o mesmo, ficando de frente para ela e encarando seus olhos azuis.

Ele não sabia que ela sofria tanto quando chegava em casa. Não imaginava que ela tinha problemas tão complexos quanto ele. Elisa aparentava ser uma pessoa forte, mas durante a noite, em seu quarto, ela era uma pessoa totalmente indefesa e infeliz. Jonathan sabia disso agora.

— As vozes... — ela sussurrou, o distraindo de seus pensamentos — Elas já foram agora.

Ele sorriu.

— Que bom que foram. Eu falei que elas iriam sumir, não falei?

Elisa concordou, o semblante cansado:

— Desculpe, John— se aproximou dele, piscando os olhos — Não queria te arrastar para essa bagunça...

Estavam tão próximos que ele conseguia sentir sua respiração leve. Ele a olhou por um momento, como se estivesse observando algo tão fenomenal como um eclipse total da lua em uma noite de chuva de meteoros.

Depois de alguns segundos em silêncio, segurou sua mão e entrelaçou seus dedos, abrindo um sorrisinho tímido:

— Sua bagunça é minha bagunça.

E então, a primeira coisa que Elisa notou foi a proximidade perigosa em que eles estavam, a segunda foi a boca — que por sinal, era muito bonita — lentamente em direção à sua e depois de olhar para os olhos escuros de Jonathan, a ficha finalmente caiu. Eles estavam praticamente se beijando.

Jonathan escondeu suas mãos nas mechas loiras encaracoladas de Elisa e, finalmente, seus lábios se tocaram. Ambos sentiam e viviam a harmonia de seus lábios. Não era um simples beijo, era O Beijo. O beijo deles. A troca de confiança e sentimentos que tinham um pelo outro.

Elisa esperava por aquele momento há muito tempo e aconteceu exatamente como ela imaginava. Não o momento ou o lugar, mas o sentimento. Aconteceu como ele tinha prometido.

compartilhando pensamentos profundos

*“Eu tentei esconder isso para que ninguém saiba
Mas eu acho que se mostra
Quando você olha nos meus olhos
O que você fez e de onde você está vindo
Eu não me importo, contanto que você me ame.”
(As Long As You Love Me - Sleeping At Last)*

ELISA E JONATHAN

Após ter insistido muito, Elisa iria, finalmente, conhecer a mãe de Jonathan.

A garota já tinha consciência de que figuras paternas eram proibidas no vocabulário do namorado, então escolheria com muito cuidado suas palavras na hora de puxar conversa sobre sua família.

— Lisa... — Jacob passava pelo corredor à procura da filha quando parou ao perceber que ela se arrumava em frente ao espelho — Vai sair? Para onde você vai?

— Eu...

— Ela não irá a lugar nenhum — Paola foi rápida ao aparecer de surpresa no quarto, interrompendo-a.

Elisa virou-se para encarar a mãe, sem entender:

— Por que não?

— Porque está de castigo.

— O quê? — A garota riu ao cruzar os braços, confusa — Por quê eu estaria de castigo?

Ela tinha consciência de que não tinha feito nada de errado a semana inteira. Talvez tivesse ficado um pouco ausente em casa, mas isso porque ela não aguentava mais ficar escutando seus pais brigarem. Jonathan era seu porto seguro.

— Você está saindo da linha.

— Saindo da linha? — dessa vez foi Jacob que riu, sem entender — Ah, pelo amor de Deus! Deixe a garota em paz!

Elisa suspirou, percebendo que eles começariam a brigar novamente. Ela já não ligava mais, iria ao encontro de Jonathan com ou sem permissão.

— Deixá-la em paz? Ela começou a sair da linha desde que você... — Paloma foi descendo as escadas enquanto Jacob a seguia, pronto para debater fosse lá o que ela tivesse dito.

A adolescente tentou se distrair e continuou se arrumando. Escolheu um vestido azul que era um dos preferidos de Jonathan, que dizia combinar com os olhos dela. Escovou os fios do cabelo e depois de tudo pulou a janela desajeitadamente, torcendo para que nenhum vizinho tivesse observado sua calcinha branca, que mostrou após a saia do vestido ter voado com o vento.

— *Ela está apaixonada!* — escutou sua mãe gritar da sala de estar e paralisou, ao escutar. Como Paola sabia que ela estava apaixonada?

— *E o que você tem a ver com isso?!*

— *É errado!*

Elisa franziu as sobrancelhas do lado de fora de casa, ao escutar o que sua mãe tinha falado. Era irônico ela falasse assim com precisão, nunca soube absolutamente nada sobre amar.

— *Por que diabos é errado?*

— *Porque nunca dura!* — ela berrou tão alto que Elisa se assustou. E poderia começar a chorar ali mesmo, mas estragaria toda a maquiagem simples que tinha feito e Jonathan poderia desconfiar caso ela chegasse com o rosto vermelho e inchado — *Porque eu e você sabemos muito bem o que acontece. E ela é nova demais para lidar com essas coisas! Como se já não bastasse a situação em que você nos...*

Não sabia que sua mãe era tão egoísta ao ponto de achar que só porque o relacionamento dela não havia durando, o dos outros também não durariam.

Antes que aquilo afetasse mais do que já estava afetando, Elisa se apressou em sair daquele local o mais rápido possível para se encontrar com Jonathan na praça perto da escola. Ele disse que havia algumas coisas que precisava dizer antes dela conhecer sua mãe.

E era verdade.

— Antes de tudo... — Jonathan começou, após terem se cumprimentado com um selinho simples. Eles estavam sentados em balanços pequenos e enferrujados feitos para crianças — Quero que você saiba que apesar de um pouco atrapalhada e dos hematomas por todo o corpo, ela tem uma das maiores e mais lindas almas que eu já vi.

Elisa sorriu genuinamente com o comentário. Não sabia o motivo de Rose ter hematomas em seu corpo e, de qualquer modo, não perguntaria. Quando John estivesse confortável em contá-la, ela saberia.

Ele estava nervoso. Tinha medo do que Elisa acharia, como ela agiria. Apesar de amar muito sua mãe e não ligar para sua aparência, já passou por muitas situações desconfortáveis com outras pessoas.

— John... Posso te fazer uma pergunta?

O garoto concordou com a cabeça, mesmo desconfortável. *Por favor, não pergunte sobre os hematomas.*

— Sua mãe sabe sobre... Os cortes?

Ele ficou surpreso com a pergunta. Olhou para os próprios pulsos e observou as marcas recentes. Ele tinha feito há uns três dias. Não sabia muito bem o porquê. Foi em um momento em que esteve sozinho em casa e simplesmente sentiu a necessidade de se automutilar. Se odiava por isso.

— Não.

O clima ficou silencioso.

Jonathan sentia vergonha pelo que fazia, mas não conseguia parar. Não sabia muito bem o que sentiria se sua mãe descobrisse.

Se ela soubesse da bagunça que havia dentro dele, de como ele acordava pensando em como sobreviveria mais um dia, de como passava o dia todo pensando em formas de acabar com a própria vida. Se ela soubesse como era difícil levantar da cama após uma noite inteira chorando, colocar um sorriso falso no rosto e fingir que nada aconteceu. Se ela soubesse o quanto ele odiava a si mesmo, o quanto odiava existir...

— Mãe, chegamos — Jonathan abriu a porta e deu espaço para Elisa entrar, meio tímidamente.

Rapidamente, uma Rose sorridente apareceu e Elisa tentou não mudar sua expressão ou se abalar ao observar seu rosto e braços danificados.

— Oi, eu sou... — A garota estava prestes a se apresentar quando a mulher puxou-a para um abraço aconchegante:

— Elisa! — sorriu enquanto encarava o filho pelos ombros da menina — *Ela é linda...*

Jonathan sorriu, envergonhado.

— Venham, entrem!

Depois do abraço, Elisa sorriu aliviada na direção de Jonathan, que se sentia mais nervoso do que antes. Nunca tinha deixado alguém entrar assim em sua vida, tão rápido.

— O Jonny me falou muito sobre você, Elisa, é tão bom finalmente conhecê-la!

Logo os três sentaram-se na mesa e começaram a conversar. Rose tinha preparado brownies — os preferidos de John — pudim, biscoitos e outras sobremesas que Elisa estava adorando. Ela sentia-se mais à vontade e acolhida do que quando estava em sua própria casa. As duas se deram muito bem, o que já era de se esperar.

Conversaram e riram por horas.

Depois Jonathan puxou a namorada para fora de casa. Eles iriam caminhar.

Era tudo tão complicado para ele. Viver... Viver doí tanto. E respirar era cada vez mais difícil.

Só sabia que tudo ficava mais fácil quando Elisa estava ao seu lado. Ele gostava da tranquilidade que ela passava, quando apertava sua mão, acalmava seu coração, sorria e dizia que ficaria tudo bem. Gostava mais ainda de quando ela dizia que ficaria ao seu lado mesmo se não ficasse tudo bem. Porque era verdade e ele acreditava.

parte II

*“Subi a árvore para ver o mundo
Quando as rajadas chegaram para me derrubar
Segurei tão forte quanto você segurou a mim*

*Porque, construí uma casa
Para você, Para mim
Até desaparecer
De você, De mim.”
(To Build a Home - The Cinematic Orchestra)*

ELISA E JONATHAN

Em cima de uma pedra grande, no penhasco da floresta preferida de Jonathan, os dois estavam deitados de costas encarando as estrelas.

— Me conta sua história, Lisa — O garoto pediu, fazendo Elisa franzir as sobrancelhas e virar o rosto para encará-lo — Sua história completa.

— Minha história?

Ela fez um bico, pensativa. Não sabia direito como começar a contar sua história, ainda estava vivendo-a. Ele queria saber desde o seu nascimento ou... Apenas o principal?

— Hum... — deu de ombros, desajeitada — Nasci aqui e vivo com meus pais...

— Não — ele a interrompeu — O seu desastre. A história do seu desastre.

Elisa adorava quando Jonathan falava coisas com significados ou palavras diferentes, mas naquele momento sentia-se confusa e um pouco nervosa.

A história do seu desastre?

— Acho que começou com a minha irmã e meus pais — desabafou, depois de um longo silêncio.

— Sua irmã? — O garoto já tinha escutado falar sobre Eleonora, irmã mais velha de Elisa, mas nunca tinha parado para prestar atenção — Por quê?

— A minha vida toda, ela sempre recebeu total atenção e aprovação dos meus pais — sentiu sua voz tremer — Até sair de casa para fazer faculdade. Sempre foi a preferida.

— Isso deve ser muito ruim — John comentou. Com sua família era diferente, podiam não ter uma figura paterna, mas ele e

Madison sempre foram criados com a mesma atenção. Rose nunca nomeou nenhum deles como seu preferido. Tinha sorte por isso.

— E depois que ela se mudou eu quase tive tudo, sabe? Roupas, um carro que eu nem uso, as amigas na escola... — riu f racoao pensar em Lindsay e Charlotte, que nem falavam mais com ela depois que começou a andar com Jonathan e os outros. De qualquer modo, não sentia falta ou arrependimento — Mas meus pais ainda não ligam para mim. Eles só vivem brigando. Até mesmo quando querem falar comigo ou sobre mim, acabam discutindo de novo. E meu pai tem outra pessoa, o que só piora as coisas.

Jonathan recordou-se do primeiro beijo deles. Elisa estava muito perturbada no dia, quando os pais dela estavam gritando um com o outro.

O que era engraçado era que ela sempre sorria como se não tivesse problemas, como se nada no mundo a afetasse, mas na realidade, ela apenas não queria que ninguém soubesse a quantidade de problemas que carregava dentro de si. E aquilo o encantava porque mesmo ela sendo tão frágil, era tão forte ao mesmo tempo. Sempre lutou suas batalhas sozinha.

— E você? — virou-se para ele, o despertando — Pode me contar a história do seu desastre?

Jonathan parou de respirar por um momento.

Confiança Ele confiava em Elisa.

— Meu... — sua garganta falhou — *Pai...* Está preso.

Elisa tentou não reagir e permanecer calma, fingindo que aquela declaração não tinha a surpreendido. Mas não sabia se conseguiu disfarçar muito bem, porque aquilo não era nada do que ela estava esperando.

Jonathan tentou continuar:

— Quando eu tinha onze anos, a Madison tinha quase dez na época — fez uma careta, engolindo seco ao despertar a memória dolorosa — Meu pai colocou fogo na casa... No quarto onde a minha mãe estava.

Dessa vez, Elisa não conseguiu evitar a expressão de choque em seu rosto. *Isso explicava os hematomas em Rose*, a garota pensou.

Jonathan se calou, abatido.

— Você sabe que não tem culpa disso, não sabe? É só tudo que aconteceu... — Elisa foi interrompida, quando tentou consolar o garoto:

— Eu tenho culpa — ele disparou, fechando os olhos com força — Era tarde, eu estava acordado. E-eu... Eu o vi no corredor. Eu o vi e sabia que tinha algo errado, mas...

Ele levantou e sentou-se na pedra. Sem controle, lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto. Elisa levantou-se e o abraçou com receio.

— Está tudo bem, vai ficar tudo bem, John — Elisa apertava o garoto com força, tentando mostrá-lo que ele estava seguro e podia confiar nela.

— Eu poderia tê-lo acordado, poderia tê-lo impedido — continuou enquanto chorava no ombro da garota — Eu poderia ter feito alguma coisa! Se eu...

Jonathan estava desesperado após revelar o que guardava a tanto tempo. Ele estava assustado. E Elisa também estava, por dentro.

— Você não tem culpa disso, John. Tenta colocar isso na sua cabeça... Você era uma criança.

Jonathan se desgrudou dos braços dela e limpou o rosto com a manga de sua camiseta.

— Eu tento. Tento todo dia — respondeu, aflito — Mas não consigo seguir em frente. Elisa, eu machuquei a minha mãe!

— Não, você não...

— Ela ficou no hospital por dois meses! Fez tantas cirurgias, sofreu tanto. Lembro de quando o médico nos disse que ela tinha muita sorte por ter sobrevivido, sabe... Eu poderia ter evitado tudo isso! — exclamou.

Tudo aquilo era muito complicado. Elisa tentava ajudar, mas não sabia como. Não sabia que era tão complexo.

— Olha para mim, John — A garota segurou seu rosto com as duas mãos, de frente para o dela. Ele tentou desviar mas não conseguiu, hipnotizado pelos olhos azuis dela — Respira, calma.

Quando ele conseguiu controlar a respiração, Elisa o abraçou novamente.

Doí a tanto...

— Não quero morrer, mas também não quero viver — sussurrou — Eu odeio existir. Às vezes desejo que eu nunca tivesse nascido...

— Não fale isso... — ela falou baixinho, ainda abraçada com ele — Você me salvou. Você me salva todos os dias.

— Eu só quero desaparecer...

— John, você ainda tem muito para viver. Muito para sonhar, aprender, amadurecer... — observou o garoto nos olhos — Não deixe que alguém ou o passado estrague o que há de mais bonito em você, por favor. Encare o que mais te assusta e supere isso.

Elisa sabia que era duro o que ela estava falando, mas era verdade, ele tinha que deixar as coisas ruins para trás e superar tudo, de alguma forma. Já fazia oito anos.

— Eu não consigo... Não sei como!

Na teoria parecia muito mais fácil exorcizar os demônios que viviam dentro de você. Mas, na prática, na realidade, não era tão fácil assim.

Muitos deles estavam grudados em órgãos vitais e alguns se prendiam na epiderme, em uma de suas camadas mais profundas. E se você puxasse um, corria o risco de levar uma parte sua junto. Quando lidávamos com monstros, tínhamos que tomar cuidado para não nos tornarmos um.

— Não se preocupe, vou te ajudar. Sempre vou estar do seu lado. Sempre.

Elisa dizia que ficaria tudo bem e ele acreditava. Porque na primeira vez que ele a amou, doeu. Como se chovesse de uma forma que não costumava chover. Então, no outro dia, o sol nasceu e já não doía tanto assim.

juntos até o mundo acabar

*“Alegremente nós saí mos
Da linha, saí mos da linha
Eu cairia em qualquer lugar com você
Balançando na chuva, cantando melodias
Nós não vamos à lugar nenhum até congelarmos.”
(I Wouldn't Mind - He is 14)*

ELISA E JONATHAN

Jonathan e Elisa estavam sentados no meio-fio de uma calçada, lado a lado.

Depois de noites pesquisando e pesquisando sobre depressão, crises e como agir ou ajudar pessoas com aqueles tipos de problemas, a garota o chamou para dizer algo importante. *Achava estar fazendo a coisa certa.*

— Enfrente o passado — ela declarou.

Jonathan a olhou sem entender, franzindo as sobrancelhas e soltando um riso sem graça.

— Não ria — Lisa o cutucou, virando-se para encará-lo — Eu prometi que iria te ajudar, não prometi?

Ainda confuso, Jonathan confiou com a cabeça.

— Bom... Para isso, você precisa enfrentar o seu passado — afirmou com confiança, fazendo o garoto balançar o rosto fingindo entender — Você precisa enfrentar o seu pai.

— Ele não é o meu pai — A resposta foi tão rápida quanto a mudança em seu humor.

Elisa arranhou a garganta e tentou consertar sua frase:

— Você precisa enfrentá-lo — continuou, se referindo a Vitor.

Vitor Blake. Preso há 7 anos após colocar fogo na própria casa e ter tentado matar a esposa e os dois filhos enquanto dormiam. Condenado a uma pena de 16 anos por tentativa de feminicídio. Ela tinha pesquisado.

— Como assim, L is? Eu não estou entendendo...

— Você sabe que meu pai é policial... — começou — Fiz uma visita a ele esses dias e aproveitei para fazer algumas perguntas aos amigos que trabalham com ele, alguns policiais que eu conheço e... Acabei conseguindo os papéis necessários para você agendar uma visita com o s-seu... Com *ele*.

Jonathan quase engasgou.

— Uma visita? — ele aumentou o tom de voz, nervoso — Elisa, o que você está dizendo... Isso não vai dar certo! O que você acha que vai conseguir com isso?

— Enfrentar o passado! — respondeu, como se fosse óbvio. Ela estava pegando o costume de falar frases curtas como ele — Eu li uns doze livros só ontem e todos falavam disso, John.

Ela olhou para o garoto com expectativa, que mantinha a cabeça baixa e a testa franzida. Em um momento ele parecia que tinha navegado para outra dimensão.

— Você só consegue seguir em frente depois de enfrentar o que te atormenta.

Depois dessa frase, ele a observou.

— Eu também vi algo sobre acreditar em outra coisa — seguiu, entusiasmada — Algo sobre você acreditar que outra coisa aconteceu. Substituição de memórias, eu acho.

Jonathan tapou os ouvidos com a mão e apoiou o cotovelo nos joelhos, fechando os olhos com força. Elisa estava falando demais, ele não estava gostando.

Muita coisa. Muita coisa para ele. Talvez não conseguisse dar conta.

Logo a garota percebeu que estava exagerando e se aproximou com cuidado, o abraçando. Em seguida, puxou seu rosto com delicadeza e o beijou.

— O que me diz? — sussurrou.

— Não sei — *era loucura*.

E ela sabia porque aquele assunto doía de uma forma inexplicável em Jonathan. Elisa sabia porque tinha sido a única que olhou em seus olhos e viu através dele. Enxergou ele. Enxergou a dor e pediu calma.

E estava tão desesperada em ajudar o namorado que não estava medindo as consequências. Seria um erro. Um grande erro.

A ruí na deles estava fadada.

— Tudo bem — O garoto concordou, sem ter certeza se era o que realmente queria.

Elisa estava sendo tão boa com ele que John não queria decepcioná-la.

— Vem, vamos caminhar! — A garota sorriu satisfeita e levantou-se da grama onde estava, esticando o braço e o puxando junto com ela.

Eles estavam na orla da praia, pouco movimentada, quase completamente vazia.

Elisa corria pela areia enquanto Jonathan ficava para trás, tentando ocupar sua cabeça com qualquer outra coisa. E depois de andar um bom tempo em linha reta pela praça, pararam em uma esquina, perto de um clube movimentado.

O som estava soando alto e abafado para as pessoas que estavam do lado de fora. A música era calma e acústica, tinha uma melodia boa de se escutar.

— Está ouvindo? — ela perguntou, quando eles pararam de frente ao clube.

— Estou...

Então Elisa começou a mexer o corpo. Balançava a cabeça no ritmo da música e aos poucos, seu corpo a acompanhava.

Naquele instante, Jonathan sentiu que poderia observá-la dançando por toda sua vida. Ela era tão linda. Quando rodopiava na ponta dos pés, brincando com grãos de areia. Quando levantava o braço e jogava os fios de cabelos claros para trás, o fazendovoar com a correnteza do vento. Quando fechava os olhos e sentia o universo ao seu redor.

Ela era tão linda!

Jonathan desviou seus olhos e encarou a areia.

Pessoas dançavam o tempo inteiro, não sabia porque o dançar de Elisa o fascinava tanto.

O corpo dela se jogava de um lado para o outro, com o ritmo da música como se ela tivesse nascido para isso. Ela era perfeita

dançando sozinha. Só ela e a música, conectados como se nada mais importasse para naquele momento.

E pela primeira vez, não se importaria se a noite nunca tivesse fim. Porque poderia observá-la dançar por toda sua vida.

— Me concede essa dança? — A garota se aproximou, esticando o braço e brincando com as sobrancelhas.

— Desculpa... Eu não sei dançar — e era verdade.

— Eu também não! — Elisa retrucou, fazendo-o revirar os olhos; *é claro que ela sabia* — Mas acho que o segredo é só fechar os olhos e deixar a música te guiar.

Antes que Jonathan recuasse mais uma vez, ela o abraçou e os dois começaram a dançar juntos.

No início, Elisa pôde sentir que Jonathan tremia. Mas seguiu, arriscando alguns passos hesitantes. Logo queria parar, dizer que já estava bom, mas foi só ele olhar para o rosto da garota que decidiu continuar.

Cada vez que ele girava parecia que suas pernas deixavam de existir. Em cada passo que ele dava, sentia-se perder a esperança. Mas toda vez que se atrapalhava e errava, Elisa sorria e dizia que era para ele se soltar porque ela o conduzia. E mesmo sem jeito, ele tentava, insistia por ela. Tudo era por ela.

Ergueu o rosto e encarou os olhos brilhantes de Elisa. *Ela estava radiante.*

Sorriu e de alguma forma, se sentiu mais seguro. Até arriscou-se em alguns rodopios enquanto a escutava gargalhar. Tinha alegria genuína e viva em sua voz.

A música mudou para uma mais lenta. A garota o puxou para perto e, aos poucos, começou a sentir seus corações dançarem na mesma sincronia. Cada batida era um passo, um movimento, um sentido que ele não sabia como sequer acontecia.

Ele só sabia dançar com ela, era fato. Talvez isso fosse amor

— Eu acho que... — Jonathan mordeu os lábios — Eu te amo.

Elisa paralisou e olhou nos olhos escuros de Jonathan, sem saber se tinha realmente tido escutado direito. *Ele acabou de falar a frase de três palavras e sete letras?* Enquanto isso, o garoto a observava de volta, com uma certa intensidade; como se seus olhos

estivessem tentando confirmar que sim, ele tinha realmente falado a frase mágica de três palavras e sete letras.

Lisa sorriu sem mostrar os dentes e encaixou sua cabeça em seu ombro.

Três palavras, sete letras e um sentimento.

— Eu também te amo, John.

E eles giraram. No meio da areia, no meio da praça vazia, no meio do nada e ao mesmo tempo, no meio de tudo.

pele em pele, alma com alma

*“Eu fui mais longe do que achei que poderia
E senti sua falta mais do que eu pensei que eu sentiria
Eu encontrei amor onde não era suposto encontrar
Bem na minha frente, faça isso fazer sentido.
(I Found - Amber Hun)*

ELISA E JONATHAN

Os dois tinham faltado aula hoje.

Jonathan estava no quarto de Elisa, em silêncio. Passaram a tarde conversando, falando besteira, vez ou outra encarando o teto, escutando a melodia e vozes de uma música qualquer que tocava no aparelho de CD.

Ele estava nervoso. Tentava pensar em qualquer outra coisa para esquecer que encontraria com seu "pai" no dia seguinte. Queria fugir, estava tão nervoso que sentia que poderia enlouquecer.

— John... — Lisa sentou na cama, se aproximando e colocando a mão em cima dele.

Ao sentir seu toque, Jonathan se afastou bruscamente.

Lisa franziu as sobrancelhas, chateada — e confusa — pelo ato enquanto Jonathan continuava encarando um ponto fixo no chão.

— Desculpa! — ele encarou a garota depois de alguns segundos, despertando do transe que estava. Suspirou e a abraçou, por conta própria — Me desculpa... É que eu estou nervoso.

Ao longo do tempo que passava com Elisa, ele começava a se sentir confortável. Sentia poder confiar e desabafar com ela a qualquer momento, independentemente do que fosse.

— Estou inseguro — revelou — Quando me sinto assim... Só consigo afastar as pessoas. Mesmo sem perceber

Era um peso conseguir afirmar aquilo. Não só para si mesmo, mas para outras pessoas. Era um peso gigantesco.

— Eu estava pensando...

Respirou fundo, procurando coragem:

— Eu não sei se quero mesmo ir amanhã...

— Está tudo bem, John — ela o interrompeu, deitando o garoto em sua cama e encarando seus olhos — Sério, não precisa se preocupar. Vai dar tudo certo.

Aquelas palavras eram tão vagas. Jonathan as odiava. "Vai ficar tudo bem". Ok, mas como? Quando? De que modo?

— Você só precisa se distrair e pensar em outra coisa — ela dizia, afundando seus dedos no cabelo escuro de Jonathan — Eu te amo e estou aqui com você, vou te proteger.

Elisa queria ser a única capaz de acalmá-lo, de embalá-lo em seu abraço e fazê-lo seguro. Queria que ele se sentisse protegido e acolhido, assim como ela se sentia ao seu lado.

— Eu te amo — ela repetiu, esperando que ele falasse de volta, o que não aconteceu.

Mas não fazia mal, porque na noite passada, ele tinha falado. Estava tudo bem, uma única vez era o suficiente.

— Sabe... — ela queria contá-lo que sentiu ser amor na primeira vez em que o viu — Quando os nossos olhares se encontraram pela primeira vez, quando você foi preso lá na delegacia...

Jonathan não conseguiu evitar uma gargalhada. A forma como tinham se cruzado era muito peculiar. Ela também soltou uma risadinha.

— Naquele momento, eu senti todo o meu estômago revirar. Como se tivesse borboletas... Era nervosismo, medo, uma mistura de sensações que eu nunca havia sentido — A garota lembrou do primeiro momento.

— Meio estranho, mas ao mesmo tempo tão incrível bom — ele completou, olhando-a nos olhos — Eu senti isso também. Você foi a primeira pessoa que acreditou em mim.

Eles se aproximaram e no momento em que os seus lábios selaram-se com um beijo, o mundo deles parou. Não queriam saber de mais nada, só queriam ficar ali, para sempre, sentindo um

coração no outro. Batendo aceleradamente seguindo o ritmo um do outro.

Tudo estava começando a esquentar. Os beijos mais profundos, as mãos bobas por diferentes partes do corpo. No início, Elisa começou a pensar ser um sonho ou coisa de sua imaginação, mas não, eles estavam ali. *Presentes*. E ela podia sentir e tocar, pela primeira vez, de um jeito mágico e apaixonante em Jonathan.

— O que foi? — ela perguntou ofegante assim que ele parou de retribuir os beijos.

— Não posso fazer isso, é injusto com você — ele respondeu, também com a respiração descontrolada.

— Me beijar? — ela soltou uma risadinha baixa. Estava um pouco confusa. Tinha algo de errado com ela?

— Não o beijo. Quebrar o seu coração depois dele — John sempre quis ser o melhor para a garota, mas não conseguia nem ser o melhor para si mesmo. Ele só queria salvá-la das tragédias que inventava e do caminho que estava seguindo.

— Isso não vai acontecer — Elisa se aproximou novamente e ele recuou — Eu te amo.

O garoto a encarou novamente. A criatura com os olhos azuis mais belos que já tinha visto em sua vida.

Elisa tomou coragem e continuou o beijando de leve, no queixo, nas bochechas, logo voltando ao ponto onde tinham parado.

— Ei, calma... — ele disse enquanto se beijavam. Era a primeira vez dela. Era a primeira vez dele envolvendo sentimentos.

— É que eu estou nervosa, eu nunca... — suspirou, com medo de estragar tudo.

— Eu sei que não — ele sorriu, acariciando seu rosto e afastando alguns fios loiros e rebeldes do rosto. John encarou Elisa nos olhos, dando-lhe um beijo carinhoso.

— Você sabe, eu te quero — ela sussurrou, se despiando aos poucos e observando os olhos de Jonathan que estavam mais escuros que o normal.

— Sei. Não precisa ser hoje, você sabe.

— Mas eu quero que seja hoje. Te quero por inteiro — disse, o ajudando a retirar sua camiseta preta — Até suas imperfeições.

E a decisão de Elisa foi a chave para toda a tragédia que viria.

Talvez se tivéssemos nos conhecido antes de terem me quebrado, ele pensou. Ela merecia alguém que ainda estivesse inteiro e não destruído.

Elisa cravou as unhas em suas costas bordadas com alguns sinais e Jonathan se perdeu no prazer entre as suas pernas. Ela não sabia muito como agir, mas não precisou. Apenas se deixou levar e nem tiveram dificuldade.

Eles se tornaram um só e aquela tarde se tornaria inesquecível.

Naquele momento, Jonathan sabia que, acontecesse o que acontecesse, o que importava na efêmera existência dele era o quanto verdadeiramente ele amou Elisa.

cutucar a ferida não é a resposta

*“Olha, já passei por tanta dor
E é difícil de manter qualquer sorriso no meu rosto
Porque há loucura no meu cérebro
Então eu tenho que voltar, mas minha casa não está no mapa
Preciso seguir o que estou sentindo e descobrir onde ela está.”
(Home - X Ambrassadors f t. Machine Gun Kelly f t. Bebe Rexha,*

JONATHAN

O dia havia chegado.

Jonathan estava tão nervoso que podia sentir seu peito arder. Inquieto sentado na cadeira de espera, balançava sua perna direita freneticamente enquanto encarava o chão, apreensivo.

Elisa estava ao seu lado, não tão tensa quanto ele. Ela observava Jonathan com cuidado, que parecia estar navegando no mundo da lua há quilômetros de distância do presente. Por fim, a adolescente tentava manter a positividade. Se desse tudo certo, seu relacionamento com Jonathan ficaria mais forte; ele se tornaria mais forte. Mas se desse tudo errado... Ela nem conseguia imaginar o que aconteceria.

— Você é corajoso — ela o olhou, apertando sua mão de forma acolhedora.

— Não sou — John retrucou, incomodado e então, enfiou as duas mãos no bolso da calça. Elisa tentou respeitá-lo — Eu estou muito longe de ser corajoso. Comparado a você eu não passo de um pintinho assustado.

— Qualquer um comparado a mim é um pintinho assustado — brincou, tentando descontraí-lo e acabou arrancando um meio sorriso do garoto.

Não demorou muito para que o silêncio perturbador entre eles voltasse. Dava para escutar o ponteiro do relógio a cada segundo que se passava. Era estressante e, ao mesmo tempo, distrativo.

— Não sei o que falar.. — Jonathan encarou Elisa com um pedido de socorro em seus olhos — ... Quando chegar lá.

Jonathan queria recuar e fugir daquele ambiente. Não queria reabrir as feridas do passado que nem ao menos estavam curadas. Mas, ao mesmo tempo, não queria decepcionar Elisa, que carregava muitas expectativas nele. Ele sentia todas as expectativas que ela colocava nele. E pesava. Pesava muito.

Mas Elisa pensava diferente. Ela achava estar fazendo certo para ajudar o namorado. Achava que às vezes, não adiantava usar morfina. Alguns machucados tinham que doer para sarar

— Só fale o que você sente.

Jonathan tentou esconder sua frustração e se segurou para não revirar os olhos diante da garota:

— Eu não sei o que sinto.

E antes que Elisa pudesse falar mais alguma coisa para tentar confortá-lo, o nome de Jonathan foi chamado. Um policial aguardava no corredor. Elisa o reconheceu, era um amigo de seu pai. Não sabia ao certo se ele a entregaria, mas ela queria que sim. Queria que seu pai soubesse o quanto ela era corajosa e independente ao ponto de ir sozinha ao presídio. Que ela não era mais criança.

— Pela lei, a visita pode ter duração de até uma hora — O policial avisou, ao destrancar uma das portas e guiar Jonathan pelo corredor.

Jonathan sentia que sua respiração travaria a qualquer momento e a vontade de fugir daquele local aumentou mil vezes. Mas enquanto ele pensava em amarelar, Elisa surgia em sua mente, com aquele sorriso esperançoso e habitual que ela sempre mantinha no rosto.

A sala onde o garoto foi levado não era grande e também não tinha uma mesa para eles sentarem e conversarem como nos filmes. O espaço era dividido por uma tela de vidro, cadeira, grades e um pequeno telefone ao lado.

Ele encarou o homem de cinza por trás do vidro e engoliu em seco.

O pai de Jonathan era idêntico a ele. O formato do rosto, os cabelos extremamente pretos, a aparência cansada, as olheiras

profundase até o portão físico. Os olhos pretos foram a única coisa que Jonathan herdou da mãe; já que os olhos dele eram de um tom castanho esverdeado, assim como os de Madison.

Vítor observou o adolescente, reconhecendo o filho mais velho assim que ele pisou no all star suado na sala.

Jonathan ainda encarava o chão. Sentia-se sufocado. Ele queria gritar, chorar, fugir, desaparecer. Mas não podia. Não podia porque Elisa estava ali. O esperando lá fora, com expectativas e confiança.

— Ei — Vítor chamou com uma voz grossa e rouca, que o filho pensou já ter esquecido; parece que não.

E ali estava ele. Sozinho com o dono de seus pesadelos. Frente a frente.

— Estou preso há 7 anos e ninguém nunca pisou os pés aqui para me visitar. O que veio fazer aqui? — O homem ergueu o rosto, encarando o garoto com indiferença — O que você quer?

Jonathan limpou a garganta e tentou ser forte:

— Preciso... Falar e... Escutar de você que aquilo tudo não passou de um acidente.

Mas Jonathan sabia muito bem o que tinha visto e o que tinha feito, ou não feito. Nada que o homem à sua frente falaria para fazê-lo mudar de ideia.

— Olha aqui, eu vou ser bem direto com você, garoto — Vítor sorriu maliciosamente e Jonathan travou o maxilar — Não me entenda errado. Eu não ligo de ser o cara mau. Eu tomei todas as decisões e não me arrependo porque estou aqui preso, pagando pelo que fiz com a cabeça limpa enquanto você está aí, livre se ocupado e se preocupando com os danos colaterais.

— Como você pode estar com a "cabeça limpa"?! — Jonathan berrou com a voz rouca e se segurou para não socar a tela de vidro — Meu coração está apodrecendo de todas as coisas ruins que você me fez passar que nos fez passar!

Antes que Vítor desse uma resposta indiferente e carregada de sarcasmo, Jonathan disparou:

— Por sua causa eu não consigo viver de verdade. Não consigo amar direito... Você me ensinou que amar é destruir e ser amado é ser destruído.

Sentiu-se enjoado com as próprias palavras. A qualquer momento poderia desmaiar.

— Você é o culpado de tudo...

— Não existe essa de culpados! — O estranho atrás das grades cruzou os braços, sem paciência — O inferno é para todos.

Jonathan tapou os ouvidos, nervoso.

Ele não podia deixar as vozes entrarem, não quando já estava quase conseguindo se livrar delas. Não podia deixar seu subconsciente se entregar. Era mentira. Era tudo mentira. Ele só tinha 10 anos de idade, ele não sabia o que estava prestes a acontecer. Ele não teve culpa, ele não podia ter feito nada.

Respirou e inspirou fundo enquanto Vitor, do outro lado, continuava falando coisas terríveis e inaudíveis. John parou de andar e olhou nos olhos dele. Verdes. Verde escuro. Um verde podre, assim como sua alma.

— Se você não queimar no fogo do inferno pelo que nos fez, quem vai queimar sou eu, por tudo de ruim que te desejo — Jonathan declarou, caminhando apressadamente até a porta. Ele tinha que dar o fora daquele local o mais rápido possível.

Mas, antes de Jonathan sair e desaparecer, Vitor gritou:

— Eu não me importo que me odeie! No final do dia, você sabe eu vou ser aquele que vai te manter vivo.

E isso entrou na cabeça do garoto.

E a cabeça dele queimava, tudo queimava. Parecia que o caos que existia dentro dele estava desmoronando, finalmente estourando.

Elisa conversava com uma moça no corredor assim que escutou uma batida forte de porta e passos agitados. Logo encarou Jonathan surgindo pelo corredor e quando achou que ele estava andando em sua direção, o garoto apenas seguiu reto, a ignorando enquanto saía da delegacia.

Ela rapidamente o seguiu, parando à sua frente e o impedindo de sair correndo:

— John, o que aconteceu?!

Elisa estava nervosa e preocupada. Já tinha visto Jonathan irritado, triste, decepcionado e em outras situações, mas nunca como ele estava agora. Não sabia o que se passava pela sua

cabeça e, ao mesmo tempo que queria descobrir, tinha medo de não conseguir lidar com a verdade.

— Sai da minha frente, Elisa! — ele tentou desviar do seu caminho e ela se assustou com seu tom de voz ríspido.

Jonathan não queria que ela o visse daquele jeito. Mas, por outro lado, sentia que ela merecia toda a raiva que ele estava sentindo, afinal, foi ela que teve a ideia de levá-lo até ali.

— John, se acalma. Vai passar, só me conta o que aconteceu...

E então ele olhou para ela, indignado.

Como ela podia dizer uma coisa dessas?

Sabe quando falam que o tempo cura tudo? É mentira. O tempo não cura nada. E isso nunca vai passar. A dor nunca vai desaparecer, ela apenas vai se tornar suportável, tolerável. E você vai aprender a conviver com ela. Mas não vai passar

— Eu preciso que você me deixe sozinho. Eu preciso pensar.

Ele saiu de sua frente e ela continuou atrás do menino, insistente:

— Você não merece carregar fardos que não são seus — Elisa tentou impedi-lo de sair — Deixa para lá, esquece.

Jonathan soltou um riso irônico e virou-se novamente em sua direção. Seus olhos estavam vermelhos e Elisa achou que ele iria chorar.

— O problema é que esses são meus fardos, Elisa! — gritou — Você não entende!

— Me ajude a entender.

— Você não sabe o que eu vejo dentro da minha mente! Se assustaria se soubesse, sairia correndo, assim como eu tento correr todos os dias — explodiu, olhando em seus olhos. Jonathan nunca encarava os olhos de ninguém quando ele estava chateado — Mas não dá para fugir de si mesmo e esse é o pior castigo que os deuses poderiam ter me dado!

Elisa já tinha os olhos cheios de água. Ela pensou que realmente estava ajudando Jonathan e agora, mais que nunca, se sentia culpada.

— Eu não sinto nada e ao mesmo tempo sinto tudo. Eu sinto a morte todo o dia. E é por isso que eu prefiro me isolar de tudo.

Porque ninguém entende como eu posso morrer tanto e ainda assim levantar todas as manhãs. Nem eu mesmo entendo.

E então ele suspirou, sobrecarregado.

— Eu te amo, Jonathan. Não faz isso... — Elisa tentou intervir, mais uma vez.

— Não, você não me ama. E nem eu te amo — *isso partiu seu coração* — Somos só duas pessoas solitárias tentando nos odiar menos. É tudo o que sempre fomos.

— Mas... — A garota foi interrompida:

— Preciso que você me deixe sozinho. Preciso tentar me entender. Preciso dar um fim nisso tudo.

Jonathan saiu andando e Elisa tentou alcançá-lo — sem sucesso — depois que ele atravessou a rua e sumiu na multidão.

"... Um fim nisso tudo."

o amor e o caos andam de mãos dadas

*“E eu f ico sozinha sem você
E eu não posso seguir em f rente
Para onde você f oi?
Como, como, como?
Eu só preciso saber
Que você não vai esquecer de mim.”
(Don't Forget About Me - Cloves)*

ELISA

Jonathan não tinha ido à escola. E também não tinha ligado.

Elisa esperou, esperou e esperou, mas não teve notí cias. De tanto ficar sem respostas, decidiu que não era nada demais. Ele devia ter ido a qualquer f loresta para pensar e organizar sua mente, como sempre costumava f azer

Mas Madison também desapareceu. E I saac, Henry e David.

Algo estava errado.

E sozinha, a garota f aziade tudo para despistar a ideia de que ela tinha estragado tudo. Ela não podia ter acabado com tudo que construí ram.

— Elisa! — escutou Paola gritar seu nome, logo após ter escutado ela arremessar algum objeto de madeira no chão.

As coisas em casa estavam feias, Elisa não sabia se conseguiria aguentar a barra por muito tempo. Precisava de J onathan ao seu lado.

— O que f oi, mãe? — encarou a mulher assim que desceu as escadas. Ela estava com o telef one na mão e parecia estática; paralisada.

— Seu pai está mentindo! — Paola declarou e Elisa sentiu uma angústia dentro de seu peito. *É claro que ele estava mentindo*, ela pensou. Ele mentia há muito tempo. Era algo óbvio, só sua mãe

que ainda não tinha percebido até então — E nós vamos resolver isso agora.

— *Nós?*

A menina arregalou os olhos ao observá-la andar desesperadamente até a mesa de vidro e agarrar a chave do carro.

— Você vem comigo — segurou o pulso da garota e a puxou enquanto andava em direção à garagem.

— Mãe... Eu estou de pijama... — tentou intervir a mulher nervosa, em vão — Me deixa só colocar uma...

— Não podemos perder tempo, eu quero pegá-lo no flagra. Você acha que seu pai é um homem bom, mas vai finalmente conhecê-lo de verdade!

Paola começou a murmurar palavras aleatórias e inaudíveis, entrando no carro e arrastando a filha consigo.

E com um misto de sensações ruins, Elisa só desejava que Jonathan estivesse ao seu lado naquele momento. Ou pelo menos que ele estivesse bem, porque ela não estava.

— Mãe, onde estamos indo? — A garota perguntou, receosa. A mulher dirigia em uma velocidade maior do que estavam acostumadas, Lisa estava com medo.

— Você vai ver... — Paola apertava o volante com uma força que não sabia de onde havia tirado.

Elisa virou seu rosto para a janela e observou a noite escura lá fora, a paisagem passando como reflexos pelos seus olhos. Ela trocaria qualquer coisa para, naquele minuto, ser outra pessoa. Qualquer uma. Poderia ser egoísta da sua parte, mas ela não aguentava mais. O peso que a vida estava dando doía.

— Chegamos!

A garota ergueu o rosto e observou o local onde o carro estacionou. Era um restaurante conhecido na cidade. Elas nunca tinham o visitado, mas já haviam passado por ele muitas vezes.

— Venha — Paola ordenou ao sair do carro e a garota olhou para si mesma, com seu pijama rosa de borboletas azuis.

— Mãe, eu estou de...

— Então fique — bateu a porta e começou a andar em direção ao fundo do restaurante, onde tinha uma parede sofisticada com

grandes janelas de vidro, capazes de se observar o que acontecia no local — Eu não dou a mínima.

Elisa engoliu seco e saiu correndo atrás da mãe, que agora estava agachada observando as pessoas de dentro do restaurante. Seus olhos rolaram por todo o local até parar em um ponto de fato. Elisa não entendeu direito o que ela estava procurando até ver o casal que estava jantando naquela mesa arrumada.

Estavam ali seu pai e sua professora de biologia, Kátia.

— Mas... — A adolescente abriu a boca sem perceber, surpresa.

Kátia era e sempre foi a amante de Jacob.

E, pensando por outro lado, infelizmente fez sentido. Desde as suas notas altas que tirava sem estudar na matéria de biologia até quando Kátia a livrou propositalmente da advertência na diretoria quando ela empurrou Davina, dizendo que seus pais não precisavam de mais uma preocupação.

Sem contar quando seus pais ficaram sabendo que Elisa tinha matado aula com Jonathan por um telefonema da escola, sendo que a diretoria nunca ligava para falar sobre aquelas coisas.

Ou quando Jacob e Paola fizeram as pazes e, na mesma semana em que Elisa foi ao museu para o trabalho da escola, encontrou Kátia nervosa e falandobaboseiras sobre o amor ser uma ilusão. Quando encontrou seu pai na escola, minutos após ter tombado com Kátia chorando ao sair do banheiro.

Estava tudo tão bem à sua frente. Tudo na sua cara e ela nunca desconfiou ou percebeu nada. Se sentia tão inútil e burra.

— Ali! Está vendo? — sua mãe apontou para o casal de amantes que agora levantavam-se e saíam do restaurante.

Passaram pela porta e caminharam até o carro no estacionamento. Os dois riam e conversavam sorridentes. Mas foi quando Jacob colocou sua mão na cintura da professora que, ao lado de Elisa, Paola levantou-se nervosa e começou a andar na direção de ambos.

— Mãe!

A garota ergueu-se apressada e correu silenciosamente atrás da mãe, que àquela altura já estava quase alcançando os dois.

— Kátia! — Paola esbravejou, chamando a atenção de todos.

Elisa se perguntou como sua mãe sabia do nome dela e se sabia que ela era sua professora. Espantou os pensamentos desnecessários da sua cabeça e observou a cena com apreensão.

A professora de biologia parou ao escutar seu nome ser chamado e assim que virou para encarar seu pior pesadelo, Paola levantou o braço e desferiu com toda sua força um tapa no rosto da outra mulher.

Para Elisa, os segundos passaram em câmera lenta. Ela conseguiu ver o tapa atingir sem dó o rosto de Kátia e também conseguiu ver seu pai — que antes não estava entendendo o que estava acontecendo — puxar Paola para longe da amante.

Em seguida, todos começaram a gritar e Elisa não conseguia mais identificar as vozes. A garota estava afastada, sem saber o que fazer. Sem saber como reagir.

— Você é louca! — Jacob gritava.

— Louca? Agora que eu vou ser mesmo! — escutou sua mãe gritar de volta, enquanto voava em cima de Kátia e rasgava a blusa florida que esta estava usando. E então, em um momento, Paola esticou uma tesoura em suas mãos enquanto a garota tentava entender de onde sua mãe havia tirado o objeto.

Elisa fechou os olhos e colocou as mãos no ouvido, tentando tampar a passagem para não escutar as vozes e o ensurdecimento da briga que acontecia à sua frente.

Tragédia. Ela sentia que aconteceria alguma tragédia a qualquer momento.

Lágrimas começaram a escorrer em seu rosto sem nem mesmo ela ter controle. Andava de um lado para o outro, desesperada, esperando a hora em que ela desapareceria ou acordaria daquele pesadelo horrendo.

Não é real. Não é real. Não é real, pensava.

Os gritos foram diminuindo por uma sirene. Não sabia dizer se era sirene de ambulância ou da viatura e de alguma forma, preferia que fosse a segunda.

— Ei, ei... — sentiu alguém tocá-la pelas costas e, por um momento, desejou que fosse Jonathan. E sentiu raiva, porque ela sempre esteve ao lado dele e ele não estava justo quando ela precisava — Mocinha, você está com eles?

Elisa abriu os olhos e encarou uma mulher com farda de policial. Ela concordou com a cabeça e observou de longe a briga que agora tinha sido controlada.

— Calma, respira... — A policial tentou acalmá-la enquanto Elisa tentava parar de soluçar.

— C-com a minha mãe — respondeu e observou seu pai conversando com um de seus amigos policiais do local — Eu vim com ela.

A garota não conseguiu ver onde sua mãe estava e tentou não se desesperar.

— Onde ela está?

— Ela está se acalmando — A policial abriu um meio sorriso, sem responder à pergunta da menina — Sua mãe está bem, todos estão bem. Qual é o seu nome?

— Elisa.

— Ok, Elisa — segurou em sua mão — Seus pais vão ficar um pouquinho ocupados, irão resolver as coisas civilizadamente na delegacia, ok? Nada com o que você precise se preocupar. Agora, você tem algum outro responsável que possamos ligar para te acompanhar até em casa?

Elisa negou e estava quase perguntando o motivo de seu próprio pai não levá-la para casa quando observou de longe o mesmo entrando no carro abraçado com Kátia.

lágrimas de uma vida

*“Eu não consigo dormir à noite
Acordada e tão confusa
Tudo está em ordem
Mas estou machucada
Eu preciso de uma luz para me levar para casa
Eu meio que preciso de um herói
É você?”
(Nightingale - Demi Lovato)*

ELISA

Elisa não tinha ido à escola no dia seguinte. Estava tudo muito confuso e sua mente tão perturbada que não conseguiria absorver nenhum conteúdo.

Jonathan e seus amigos não apareceram ou mandaram mensagem. Ou seja, a garota estava sem nenhuma notícia. Nada.

Elisa dormiu no sofá assistindo animações da Disney com sua avó, que havia chegado na cidade de madrugada com Eleonora, após a policial que acompanhou Elisa ter notificado-a por telefone sobre o que estava acontecendo. A adolescente não conseguiu dormir direito. Conseguiu escutar os passos nervosos e inquietos de sua avó pela casa durante toda a madrugada.

Sentiu vontade de chorar por tudo que estava acontecendo em sua vida, mas prendeu.

— Vovó, onde estão meus pais? — perguntou, levantando e indo em direção à cozinha, onde Aria estava em pé de costas, provavelmente cozinhando algo.

— Eles estão... — Aria não se virou e manteve a cabeça baixa, escondida. Elisa deduziu que talvez estivesse chorando — Não sei onde estão. Mas Eleonora está com eles, daqui a pouco receberemos notícias.

— Ok... — A garota virou-se em silêncio e subiu as escadas.

Ao chegar em seu quarto, se jogou na cama e chorou. Chorou muito. E chorou baixinho, tentando se convencer de que não era verdade.

Sua vida estava um caos.

Sua família que estava bem, do nada desmoronou. Jonathan tinha sumido e Madison, I saace seus amigos não retornavam suas mensagens.

No meio de todos aqueles sentimentos misturados e confusos, ela sentia raiva. Muita raiva. Não entendia como Kátia era tão egoísta e ridícula ao ponto de se envolver com um homem casado. Destruir uma família. *Destruir sua família*. Como ela conseguia deitar no travesseiro e dormir à noite? Também não tirava a culpa de seu pai. Ele não havia traído só a sua mãe, tinha traído toda sua família. Traiu toda a confiança que ela tinha nele. Seu próprio pai! Como podia? *Traidor*. Traidores.

Para ela, traição deveria ser enquadrado em assassinato, já que você matava o amor que a outra pessoa sentia por você.

— Minha Lis — escutou batidinhas atrás da porta e ela se virou de costas, cobrindo-se com o cobertor até o pescoço.

Escutou sua avó suspirar alto:

— Me perdoe — se desculpou, mesmo sem ter culpa. Em seguida, Elisa sentiu-a se aproximar e colocar algo em sua bancada — E não se preocupe tanto, vai ficar tudo bem.

Após se aproximar e deixar um beijo no topo da cabeça da neta, Aria saiu.

Ela só queria saber onde estavam seus pais... Sua mãe, mais precisamente. Por quê sua avó não lhe contava a verdade sobre onde eles e Eleonora estavam? O quão grave estava a situação?

E então, lembrou de sua primeira vez com Jonathan. Tanto amor e sentimento envolvido e tudo aquilo acabado no dia seguinte. Como poderia imaginar?

Não entendia a vida. E não queria mais entendê-la.

Estava quebrada, destruída. Por dentro e por fora. Ela realmente não estava bem. Não conseguia nem mais fingir. Estava um caco de todas as formas possíveis. Estava perdida e não queria mais tentar se encontrar. Não queria mais sentir, não queria mais respirar, não queria mais sobreviver.

Ela aguentou tudo pelas pessoas e não por ela mesma. Fez isso por muito tempo e estava completamente cansada de tudo isso. Se a vida era sempre aquele tormento, qual o motivo de viver?

— Odeio minha vida... — sussurrou em meio aos soluços.

Apenas chorava e chorava.

Ela tinha se perdido e não tinha nenhum lugar para se encontrar.

A garota precisava chorar o máximo possível. Porque por mais que tentasse segurar o mundo, uma hora ele desaba e você fica sem saber como agir para organizar tudo. Todas as angústias, toda a pressão, todos os pensamentos que nos sufocam e até aquele aperto no peito que a gente não sabe o nome.

Chorar é tão humano, é tão precioso, que depois que acaba você se sente leve, como se a sua alma tivesse sido renovada de alguma forma.

É, chorar nunca resolveu problema nenhum, mas sempre foi o remédio para nos fazer continuar

ninguém tem culpa

*“Nos tornamos como ecos
Que estão desaparecendo
Foi apenas um momento
Foi apenas uma vida
Mas esta noite você é um estranho
Apenas uma silhueta.”
(Silhouette - Aquilo)*

ELISA

Elisa teve que ir para a escola naquele dia, não tinha escolha.

Faltou uma semana, se faltasse mais entraria em problemas. E ela não precisava de mais problemas em sua vida. Sua avó tinha chegado a quatro dias e expulsou Jacob de casa — que agora provavelmente morava com Kátia — e sua mãe tinha sido encaminhada para um hospital psiquiátrico. A cota já estava esgotada.

— Bom dia a todos.

Quase não acreditou quando a professora de biologia — e amante, destruidora de lares nas horas vagas — Katia, adentrou a sala de aula com um sorriso estampado no rosto.

A mulher paralisou em pé na porta e encarou Elisa, que estava sentada na primeira cadeira da fileira da parede.

Os alunos encararam as duas, com uma mistura de divertimento e curiosidade.

— Bem... Que bom que estão todos aqui — Katia piscou os olhos e continuou, andando e sentando-se em sua mesa, como se nada tivesse acontecido.

Elisa engoliu em seco e levantou, saindo em direção à porta. Não aguentaria ficar mais nenhum momento lá. Mas como se não

fosse o bastante, a professora correu atrás da garota, agarrando seu braço.

— Me larga! — Lisa berrou.

— Elisa, por favor! Olhe, sei que não começamos com o pé direito... Mas ainda dá tempo de sermos amigas. Não precisamos... — ela foi interrompida:

O que queria dizer com aquilo?!

— Cala a boca!

Elisa sentiu sua respiração alterada e então se focou na porta da sala de aula, onde alguns alunos observavam a cena com confusão e estranhamento.

— Volta para o seu lugar e me deixa em paz!

— Escuta garota, não ligo que não goste de mim — A voz de Kátia engrossou ao mesmo tempo que ela ergueu o rosto, com superioridade — Mas aconteceu. Eu e o seu pai estamos apaixonados e não há nada que você ou sua mãe possa fazer que mude isso.

Depois de ter escutado a professora falando de sua mãe, a adolescente perdeu o controle e levantou o braço para estapear-lá, quando outro braço entrou na sua frente e agarrou seu pulso, impedindo-a. Era Henry. O garoto observava as duas com uma expressão confusa enquanto seu braço tatuado segurava o pulso de Elisa, que ainda mantinha uma certa força de ódio. Kátia manteve o ar de autoridade e aproveitando que Henry estava lá, saiu com o nariz empinado de volta para a sala de aula.

Ele soltou a mão de Elisa.

— O que você estava fazendo, Lisa? — sussurrou, abismado. Elisa não era capaz de fazer aquelas coisas... Ela iria mesmo bater na professora?

A garota abaixou a cabeça e colocou as mãos no rosto, envergonhada. Quando ficava nervosa demais, parecia virar outra pessoa.

— É... Complicado — ela suspirou.

Henrique decidiu não perguntar mais sobre.

— Vocês sumiram esses dias... — A garota o olhou — Por que sumiram assim, sem dizer a ninguém? Onde vocês foram? Onde vocês estavam? Sabe dizer se o John está chateado comigo?

Henrique riu fraco e coçou a nuca desconfortável. Demorou alguns segundos para responder, procurando o jeito certo:

— Ele ainda não apareceu — murmurou — Ninguém sabe onde o Jonathan está.

— Nem a Madison?

— Nem a Madison — negou — Todo mundo meio que... Se afastou um pouco.

Ela franziu as sobrancelhas sem entender e ele a puxou em direção ao corredor onde tinham uma visão da arquibancada onde costumavam ficar

Elisa conseguiu ver seus amigos de longe, sentados e calados. Madison encarava o nada, parecia que sua mente navegava por milhares de mundos. David encarava o chão, vez ou outra brincando de esmagar a grama com seu tênis. E Lisa dormia com a cabeça apoiada em sua mochila.

— A Mad está chateada achando que o Dave sabe onde o Jonathan está, mas ele não sabe — Henry confessou, observando junto à Elisa. A visão parecia uma imagem triste, ninguém se mexia ou conversava. Era agonizante — O John sumiu assim sem nem contar para ninguém, nem mesmo para o David.

No início, Elisa ficou com raiva. Achou que Jonathan não pensou em mais ninguém quando desapareceu. Só nele mesmo. Mas logo depois lembrou de que a gente nunca pode julgar o que acontece dentro dos outros. Como ele disse a ela no último dia em que se viram, ela não sabia o que se passava na mente dele.

E então no lugar da raiva, ficou apenas a tristeza e solidão.

— Vem — ele a puxou.

Andaram juntos em direção à arquibancada. Assim que Elisa chegou, Madison focou seus olhos verdes na garota. Ela percebeu que Mad, assim como ela, andava perdendo sono devido às grandes olheiras em seu rosto, marcas estas que a deixava cada vez mais parecida com o irmão.

— Como vai, Lis? — Mad sorriu, tentando agir normalmente. O olhar dela pesava. A pupila estava dilatada e Elisa conseguia ver a dor por trás de tudo.

— Acho que foi minha culpa.

David, que estava calado, encarou a garota, depois da declaração. Henry sentou-se, prestando atenção.

— Não, Lis... Não foi sua culpa — Madison disse e quando David foi interromper a garota, Henrique o impediu.

— Foi sim — Elisa continuou, tentando não chorar no meio deles — Eu levei ele para ver o pai de vocês na delegacia.

Madison arregalou os olhos surpresa e David fechou o punho com força e o socou na mochila, tentando se controlar para não gritar com ela ali no meio de todos. Ele era o melhor amigo de Jonathan, sabia quais eram seus pontos fortes e principalmente os fracos.

— Eu achei que se ele o enfrentasse... Isso ajudaria a superar — A respiração de Elisa estava começando a ficar descontrolada novamente. Ela estava nervosa. Já tinha perdido seu namorado, perderia seus amigos também?

— Calma... Respira — Madison levantou e foi na direção da garota — Olha, Lis... Não tem nada a ver com você. Tente entender. Não é culpa de ninguém.

— Mas...

— É que está tudo muito difícil. Sempre foi tudo muito difícil demais... — disse abraçando Elisa que não conseguiu mais prender sua vontade de chorar. Lágrimas e soluços estavam rolando em seu rosto enquanto Madison também chorava, silenciosamente — Ele vai aparecer. Você sabe como o Jonny é. Vai ficar tudo bem... — jurou, tentando acreditar em suas próprias palavras.

Henrique se aproximou e abraçou as duas meninas, fazendo sinal para que David repetisse o ato. O amigo franziu as sobrancelhas e fez uma careta, incomodado. Não era muito de mostrar seu lado sentimentalista em público, mas mesmo assim, obedeceu Henrique.

Eles se desgrudaram depois de longos minutos acolhendo um ao outro e Madison limpou as lágrimas de Elisa.

— Festa do pijama na minha casa — disse sem jeito, tentando animar — Vocês todos estão convidados.

— Parece que a festa já começou há um tempinho — Henry apontou para Isaac, que ainda dormia profundamente na arquibancada desconfortável.

Todos eles riram, ou tentaram.

Altos e baixos, Elisa pensou. Ela percebeu que havia dias em que dava tudo certo em nossas vidas e outros em que as coisas mudavam totalmente. Altos e baixos. A cada momento que se passa percebemos o quanto a vida é dura, difícil de se lidar. A cada momento, a cada situação, a cada acontecimento em nossa vida é um desafio muito grande e a cada minuto, cada segundo, é um aprendizado muito grande para nós mesmos.

Elisa não sabia até onde poderia chegar, ninguém sabe. Não sabemos o final, nem se estamos perto ou longe. Tudo o que sabemos é que ela tem que continuar seguindo em frente vivendo cada dia de uma vez, antes que o fim chegue.

parte II

*“Deixei a luz acesa
Então, você poderia me ver no escuro
Mas, então, nos cegou
E deixou-nos quem somos
Me desculpe pelos sentimentos mostrados
Eu cortei e estraguei tudo de volta Me desculpe por ter te deixado ir
Me desculpe por ter me importado.”
(Sorry - Aquilo)*

ELISA

Elisa estava descendo as escadas para ir até a casa de Madison quando sua avó a interrompeu enquanto assistia à TV:

— Aonde vai, Lis? — perguntou — São seis horas.

— Vou dormir na casa de uma amiga — esticou a mochila e os lençóis, recordando-a — Lembra? Eu falei que iria...

— Ah, a festa de pijama — sorriu para a neta — Que bom! Faz bem sair e se distrair um pouco.

Elisa fingiu um sorriso disfarçado.

Antes de sair, hesitou:

— Vovó?

Aria encarou a neta e sorriu. Depois de um longo minuto em silêncio, Elisa teve coragem de fazer uma pergunta que estava torturando seu peito:

— Por que a minha mãe está internada em um hospital psiquiátrico?

Aria analisou a garota por alguns segundos:

— Sua mãe tem uma doença, querida — fez menção para Elisa se aproximar e ela a obedeceu.

— Que doença?

Seja lá qual fosse a doença, a garota tinha certeza que seu pai tinha, nem que fosse só um pouquinho, de culpa naquilo.

— Transtorno Explosivo Intermitente — explicou com calma. Elisa nunca tinha ouvido falar naquela doença antes — Os médicos preferem chamar de TEI .

Antes que Elisa perguntasse mais alguma coisa, ela disse:

— Não se preocupe muito... Ela está tendo toda a ajuda e cuidado que precisa. Eu queria te explicar quando formos no hospital, com mais detalhes. Amanhã, se você quiser, nós vamos visitá-la, sim?

Elisa concordou com a cabeça e Aria apontou para a porta.

— Vamos lá, não se atrase para a festa do pijama com sua amiga.

Elisa abriu um sorrisinho e saiu, querendo ter f eito milhares de perguntas.

Era noite e a rua estava bastante movimentada. Enquanto caminhava com passos lentos, Elisa pensava em Jonathan.

Jonathan.

Jonathan.

Jonathan.

Ele sempre ocupava seus pensamentos.

Jonathan.

Toda vez.

Jonathan.

Sempre ele.

Jonathan

Já faziam dez dias que Jonathan não aparecia. Era desesperador.

— Você demorou! — Madison, que estava sentada no meio-fio da calçada, levantou e foi na direção de Elisa. Abraçou a garota que conseguiu respirar pela primeira vez naquela semana. Nunca subestimaria o poder de um abraço — Achei que não vinha mais.

Elisa sorriu sem graça e entrou para dentro da casa ao lado de Madison. A residência estava escura e silenciosa. Madison disse que os meninos já estavam no quarto esperando.

Ao passar pelo corredor, conseguiu ver o quarto de Jonathan. Rose estava lá. Rose, a mãe maravilhosa que Jonathan tanto amava. A mulher estava deitada na cama de Jonathan, e pelos suspiros baixinhos que dava, Elisa deduziu que ela chorava.

Elisa se sentiu egoísta por tê-la esquecido.

— Como sua mãe está lidando com isso? — não resistiu ao perguntar para Madison, que parou e abriu um sorriso triste.

Rose viajou por quinze dias a trabalho. Quando ligava e pedia para falar com o filho mais velho, recebia desculpas que ele nunca estava em casa. Depois, acreditou quando Madison falou que Jonathan dormiu uns dias na casa de David, algo que era de seu costume. Mas quando voltou de viagem e depois de quase uma semana sem ele aparecer nem para vê-la, ela começou a desconfiar e os garotos acabaram contando a verdade.

Foi até a polícia e tentou registrar um boletim de ocorrência, mas foi notificada que seria difícil dar preferência às buscas por alguém que já era maior de idade e estava acostumado a sumir vez ou outra, eventualmente retornando por conta própria.

Ela desabou.

Jonathan e Madison eram tudo que ela tinha. Eram o seu mundo.

Quando foi tentou colocar fogo na casa e em Rose, aquilo a deixou com o rosto deformado e muitas outras cicatrizes, marcas externas e internas. Todos os dias, Jonathan escrevia uma carta anônima dizendo que ela era a mulher mais bonita que já tinha visto e colocava na caixa do correio. Ela chorava sempre que abria as cartas. E até hoje não sabia que era ele.

— Eu tento animá-la o máximo possível, mas tem dias que é difícil — Madison confessou. Ela era forte, uma garota muito forte —

Às vezes, quando acorda bem, ela é quem tenta me animar. É difícil, mas a gente tenta.

O importante era isso: tentar

Chegaram no quarto de Mad e encontraram os meninos lá. Enquanto Isaac e Henry conversavam comendo pipoca no colchão que estava no chão, David estava em pé, observando os quadros que a irmã de John pintava.

— Não acredito que vocês já começaram a comer a pipoca! — Madison soltou um gritinho rindo para os dois, que fizeram caretas e cumprimentaram Elisa — E ei, você! Para de xeretar as minhas coisas.

Madison e David. Elisa observou a pequena troca de olhares dos dois. David era rabugento, mas era legal. Apostava que por trás daquela armadura que o protegia e mantinha sua expressão de durão e mal-humorado, existia um garoto incrível, porque tinha sido exatamente assim com Jonathan.

— E o filme escolhido para hoje é...?

Elisa riu ao escutar David e Henrique batucar com os dedos fingindo ser uma bateria para dar toda a emoção na declaração de Madison e Isaac:

— The Rocky Horror Picture Show — A garota sorriu animada — 1975, um clássico!

— Odeio musicais — todos escutaram David resmungar.

— Me fale alguma coisa que você *não* odeia — Isaac provocou, fazendo os outros rirem e David revirar os olhos, logo cedendo às risadas também.

Se acomodaram um ao lado do outro e, pela primeira vez na semana, não só Elisa, mas todos eles que estavam ali, se sentiram confortáveis, protegidos e amados.

A amizade verdadeira era uma das maiores virtudes do planeta.

— Elisa! — Madison a chamou e ela virou-se para encará-la — Toma, se quiser deitar.

Jogou um travesseiro na direção de Elisa, que nem precisou adivinhar para saber de quem era. O cheiro dele estava ali. Forte e grudado como chiclete. Elisa abraçou o travesseiro de Jonathan com força e o imaginou ali no meio com os outros. Talvez abraçado

com ela, sussurrando pequenos trechos de músicas que ele gostava.

E então, sentiu vontade de chorar.

não tenha medo de pedir ajuda

*“Olá, mundo
Espero que esteja escutando
Existe alguém que eu tenho saudades
Eu penso que poderia ser
A melhor parte de mim
Então eu digo a você
Volte para casa
Volte para casa
Porque eu estive esperando por você
Durante tanto tempo
Tanto tempo.”
(Come Home - OneRepublic)*

ELISA

Elisa e Aria estavam na sala de recepção do hospital psiquiátrico, esperando a confirmação da visita à Paola.

A garota tinha pesquisado tudo sobre a doença que sua mãe tinha sido diagnosticada: Transtorno Explosivo Intermitente, ou simplesmente TEI. As pessoas que desenvolvem aquele problema eram aquelas que, pela incapacidade de gerenciar seus impulsos agressivos, eram levadas a ter comportamentos agressivos e ataques de fúria, como Paola.

As explosões de raiva do TEI eram classificadas em dois tipos: "leves" ou "severas". As chamadas "leves" eram apenas ameaças, xingamentos e ofensas. Já as "severas" referiam-se a ataques de objetos e agressões físicassem lesão corporal, destruição de propriedade. As explosões de agressividade eram impulsivas e não tinham finalidade de atingir algum objetivo. Isso explicava os vasos de vidro quebrados em todas as brigas que aconteciam entre Jacob e Paola.

— Doutor Patrick!

A avó de Elisa levantou-se e cumprimentou o homem alto de jaleco que apareceu diante das duas. Eles conversaram rápido sobre algumas coisas enquanto Elisa voava na própria cabeça.

Pensava em Jonathan.

13 dias. Ainda sem notícias. Nada. Absolutamente nada.

— Ela está tendo acompanhamento psiquiátrico individual... — escutou o médico falar enquanto tentava desviar seu pensamento distante — Acabou de sair da terapia em grupo, vocês podem vê-la.

— Vamos? — Aria tocou no ombro da neta, que despertou e concordou com a cabeça, seguindo o médico.

Eles andaram por um corredor e em seguida, subiram de elevador para o 2º andar. Seguiram por um saguão vazio e gelado, logo depois passando pela porta e entrando em uma sala branca com cadeiras, sofá, televisões e pufes aconchegantes.

— Mãe!

A garota abriu um pequeno sorriso ao ver Paola sentada lendo um livro ao lado de uma mulher de uniforme.

— Sua mãe pode estar um pouco cansada, então... Não é bom lembrar de coisas passadas ou fazer muitas perguntas — O doutor Patrick aconselhou — Não queremos sobrecarregá-la.

— Ok, doutor, obrigada — Aria agradeceu e ele se retirou.

Elisa olhou com ansiedade para a avó, que sorriu e segurou em sua mão, tentando passá-las segurança e coragem. Elas se aproximaram e ao notar as visitas, Paola levantou o olhar. Longas olheiras. Ela estava cansada, parecia exausta.

— Oi, mãe — abriu um sorriso leve. Doí aver sua mãe assim. Mesmo com todos os erros, todas as coisas terríveis que ela tinha falado a Elisa.... era sua mãe. E Elisa a amava.

Aria se aproximou e sentou ao lado da filha, alisando os cabelos loiros presos em uma longa e única trança. Elisa se aproximou e se acomodou ao lado da avó. Qualquer passo errado que ela desse poderia estragar tudo, assim como tinha feito com Jonathan. Lamentava e remoía-se por dentro.

— Como vai, minha filha? — Aria perguntou e a moça que estava ao lado de Paola, balançou a cabeça, lançando um olhar a mulher para que respondesse.

— Melhor, mãe — respondeu, sem encará-las — Como vocês estão? Elisa...

A garota encarou sua mãe com expectativa.

— Como está Jacob?

Elisa franziu as sobrancelhas e antes de falar qualquer coisa, sentiu Aria apertar sua mão com delicadeza em cima da cadeira.

A mais nova apenas suspirou.

— Não sei, acho que bem.

Ficaram alguns minutos em silêncio.

Ninguém sabia o que dizer, como agir. Era tudo tão recente, tão doloroso.

— Eu o amo — Paola disse, quebrando o silêncio — O amo tanto.

E então ela começou a chorar.

A enfermeira ao lado da mãe de Elisa tocou em seus ombros e começou a sussurrar algo para acalmá-la. Não funcionou.

— Mãe, você tem que esquecê-lo — Elisa não conseguiu evitar — Ele nos enganou. Nos abandonou, mãe.

Ele não tinha abandonado Elisa de fato. Sempre recebia três chamadas de seu pai por dia, mas todas eram encaminhadas para a caixa postal. Não tinha abandonado Elisa, mas era como a garota estava se sentindo. *Abandonada*.

— Eu o amo. Eu o amo. Eu o amo.

Paola começou a chorar e antes que ficasse desequilibrada, a moça ao seu lado lamentou e disse que teria que levá-la de volta para o quarto. Ninguém interferiu.

Ela estava tomando remédios controlados, mas não estava perfeitamente curada. E isso levaria tempo.

— Tudo bem. Está tudo bem — Aria sorriu, parecendo não se abalar. Elisa sabia que, por dentro, ela também estava ferida — Vamos para casa. Que tal passarmos em uma sorveteria no caminho, hum?

Elisa forçou um sorriso, concordando.

Por que não conseguia ser feliz? Por que tudo sempre dava errado em sua vida? Tinha passado os últimos dias desejando respostas para todos os seus problemas. Ela não queria mais nada

da vida a não ser feliz. O que havia de errado nisso? Era tão simples... Tão simples.

— Lis, amanhã eu terei que viajar junto com a Eleonora. Viemos com tanta pressa que nem pensamos direito, preciso pegar algumas coisas que deixei em casa — Aria explicou, enquanto as duas caminhavam — Mas eu volto, não se preocupe.

Elisa concordou com a cabeça.

— Você vai ter que ficar com seu pai — soltou a bomba e Elisa suspirou, decepcionada — Não precisa sair de casa, ele mesmo vai para lá. Tudo bem?

Elisa concordou novamente, mentindo. *Nada estava bem.*

— Sei que ainda não está preparada, mas ele é seu pai — A vó continuou — Independente do que aconteceu ou com o que irá acontecer na relação do seu pai com a sua mãe, a relação entre pai e filha entre vocês dois é diferente. Ele continua sendo seu pai e, uma hora ou outra, terão que se ver.

Elisa desviou os olhos e sentiu vontade de chorar.

Não era justo, ela pensava.

Diziam que a relação dos pais não deveria dizer respeito aos filhos. No entanto, na prática, para Elisa era outra realidade. Porque falavam de uma família, um grupo formado a partir da união entre duas pessoas; o casal, a base que dava início a tudo. E os filhos eram o fruto daquela base. Como não se envolveriam na relação dos pais se já estavam envolvidos desde o início?

Não entendia e não aguentava mais escutar que ela não deveria se sentir brava com o pai porque as ações dele não foram direcionadas à ela. *Mas foram direcionadas à sua família*

Seus erros abalaram a base de uma família, comprometendo toda estrutura. E quando a estrutura de algo é comprometida e fica fragilizada, todo o restante corre o mesmo risco e sofre as mesmas consequências.

Não era justo, de uma forma ou de outra.

As duas voltaram para casa.

Assim que Elisa pisou os pés dentro da residência, escutou seu celular tocando em cima da mesa em que ela havia deixado. Se aproximou e, ao pegar o aparelho, encarou na tela 7 chamadas perdidas de Madison e 3 de Isaac + 10 mensagens não lidas.

O coração de Elisa começou a bater tão rápido que parecia que pularia de seu peito. Suas pernas começaram a tremer sem mesmo abrir a mensagem.

— Jonathan — leu ao passar os olhos pelas frases enviadas.

Jonathan foi encontrado. Perto da floresta no final da cidade. Inconsciente. Quase morto. Um possível suicídio.

— Não!

Elisa caiu no chão. Sentiu seus joelhos arderem ao se chocarem no piso duro. Lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto descontroladamente.

Sentiu Aria abraçá-la pelas costas, preocupada e sem entender.

— Eu fiz o que pude vovó, juro que fiz de tudo! — Elisa chorou com as mãos no rosto — E mesmo assim foi tudo culpa minha!

Aria leu as mensagens no telefone enquanto abraçava Elisa e então se recordou de certa vez que a neta tinha mencionado aquele possível namoradinho no telefone. Seu primeiro amor. Sempre machucaria, de uma forma ou de outra.

— Eu sei, querida. Mas você não pode se culpar. Não tinha como você fazer isso sozinha.

— Eu não tenho opção, vovó... Ninguém se importa, ninguém! — disse aos prantos.

Elisa estava sentindo como se o mundo estivesse conspirando contra ela. Como se quisesse ver as lágrimas dela rolarem cada vez mais pelas suas bochechas com força. Como se estivesse assistindo-a se afogar na própria miséria.

— Entendi, querida... Você se importa e isso está acabando com você — Aria encheu os olhos de lágrimas, como se estivesse lendo a sua áurea — Onde acha que vai chegar assim?

— Eu não me importo — ela tentou se desvincular do abraço, em uma tentativa falhada de levantar do chão. Queria correr e ver Jonathan — Não posso... Não vou deixar isso acontecer de novo!

— Ele precisa de ajuda, Lis — Aria tentou acalmá-la quando Elisa finalmente parou de lutar e encostou sua cabeça no colo da avó — Ajuda para viver e lutar por outro dia.

Acreditou em Aria.

Jonathan precisava de ajuda. Não dela ou da irmã ou dos amigos. Certas coisas não estão mais no controle da nossa família. É preciso saber pedir ajuda. É preciso saber querer se ajudar.

fundo do poço

“Quando me tornei tão dormente?
 Quando me perdi?
 Estou paralisado
 Onde estão meus sentimentos?
 Eu não sinto as coisas
 Onde está o eu de verdade?
 Estou perdido e isso me mata por dentro
 Estou paralisado.”
 (Paralyzed - NF)

JONATHAN

2 semanas antes

Jonathan nunca quis morrer; quando se viu caindo do penhasco da sua floresta favorita, enquanto era hipnotizado pela vista e tomado por sua melancolia.

Quando ele caiu no abismo abaixo, não queria morrer. Mas também não queria viver, não do jeito que estava se sentindo. Ele só queria apagar todo o seu passado e se congelar em um momento feliz.

Doí a viver Sempre doeu.

Sabia que precisava de ajuda, mas não sabia pedir. Sentia que estava caindo cada vez mais, e fundo, mas não tinha mais forças para se erguer.

Muitos falavam, mas ninguém de fato entendia. Ninguém nunca entende como é estar preso dentro de si mesmo. Você se move, ri, sorri, chora e absorve tudo à sua volta, mas ainda assim vive inerte. Como se estivesse em um coma de olhos abertos.

E então, você se deita para dormir todas as noites e acorda todas as manhãs desejando um dia melhor, uma vida melhor ou qualquer segundo melhor. Você vê todos seguindo com suas vidas, indo em frente e sente que apenas você continua parado no tempo,

como se ontem fosse janeiro e hoje já é setembro ou ontem fosse 2001 e hoje já é 2019, foi ano novo, e tudo de novo e de novo...

Dói e você se sente cada vez mais como uma massa acumulada. Uma bola de neve gigante, cheia de sentimentos ruins.

— Tudo bem por aí, garoto? — escutou um carro desacelerar e observou o senhor abaixar o vidro enquanto andava pela calçada do caminho a floresta de pinheiros — Está perdido?

Jonathan meneou a cabeça e pensou se seria ruim desabafar naquele momento. Queria falar com o homem do carro, chorar e desabar. Mas tudo o que saiu de sua boca foi um:

— Estou bem.

O homem não insistiu. Estava tarde e a rua da floresta deserta poderia ficar perigosa. O carro então voltou para sua velocidade normal e seguiu, desaparecendo na curva.

Jonathan adentrou entre as árvores escuras, escalando as pedras e indo até o seu lugar favorito. Lembrou de Elisa. Como ele queria mostrar a ela o seu cantinho... Mas Elisa trazia muita luz e ali só tinha escuridão.

Decidiu deitar e observar as estrelas por si só.

Adormeceu na rocha fria.

Dias antes

Jonathan não comia por quase quatro dias, foi quando decidiu sair e arranjar alguma comida. Tinha alguns trocados no seu casaco, sobreviveria.

Ele não estava mais na floresta. Era um lugar bem óbvio para procurarem por ele e provavelmente David ou Madison mais cedo ou mais tarde, passariam por lá.

O garoto imaginava como todos estavam se sentindo, como estavam indo. Será que ele estava fazendo falta? E sua mãe? Será que mesmo viajando a trabalho, ela poderia sentir que alguma coisa estava errada? Nessas horas, quando pensava nela, tinha vontade de voltar correndo para casa como uma criancinha assustada.

Um dia, até foi até lá. Ficou de longe, encarando a casa escura. As janelas sempre fechadas. Não ousou entrar ou bater na

porta. Era um covarde.

Outro dia, fez a mesma coisa em frente à casa de Elisa. Ficou lá, observando. A casa só tinha uma luz acesa e estava silenciosa. Ele conseguia imaginar a garota deitada em sua cama, achando um egoísta do parte dele ter ido embora. Mas John achava que tinha sido egoísta da parte dela querer que ele tivesse ficado.

Quando Jonathan escolheu ir, ele achava que sabia qual era o caminho certo para Elisa, mas ainda não tinha encontrado o seu.

Jonathan estava quase caindo.

Sentia sua inclinação atrevida no penhasco da floresta. Tinha voltado para aquele lugar triste e solitário. Solitário e triste como ele.

Estava pronto para se jogar ao abismo quando escutou o som dos pássaros, ou de corujas, ele não sabia especificar muito bem. Por algum motivo, lembrou dos olhos azuis de Elisa, que continha toda a manhã do universo e todos os pássaros passageiros que lá viviam.

Sentiu-se triste.

Não queria morrer. Não queria deixar de escutar os pássaros. Não queria não poder mais ver a luz da manhã do universo. Não queria deixar de ver o brilho dos olhos de Elisa.

Ele podia tentar mais uma vez, não podia?

A dúvida tomou o seu peito. Tinha esperança, claro que tinha. Queria tentar mais uma vez, queria muito. Só que o medo de dar tudo errado, o medo do sentimento dentro dele nunca mudar era maior. Não queria ter aqueles pensamentos, mas não tinha como controlar sua mente. Não conseguia.

Sim ou não.

Entrar ou sair.

Para cima ou para baixo.

Viver ou morrer.

Herói ou covarde.

Lutar ou desistir.

A vida é feita de escolhas. Viver ou morrer, era uma escolha importante.

Minutos em silêncio. Ele estava hipnotizado com o vento forte que batia em seu rosto e arrepiava seu corpo.

Ele lutaria, decidiu. Iria viver

E foi quando virou-se para voltar ao centro da pedra que o cadarço do seu tênis ficou preso entre uma rocha e outra e ele tropeçou, caindo no abismo abaixo.

Não houve grito, medo, ou qualquer outra sensação. Não sentiu nada. Nenhuma dor. Só um barulho alto quando atingiu o chão, no meio de algumas pedras e galhos, e quando sua cabeça bateu em uma superfície dura, deixando sua visão turva e rapidamente escura.

De repente, sentiu um sentimento gélido tomar conta de todo o seu corpo. Como se ele tivesse mergulhado em um mar congelado.

Lamentou em algum momento.

Estava morto? Uma pena. Logo agora, que tinha decidido viver.

parte II

*“Eu quero que você saiba
Não importa
Onde nós tomamos esta estrada
Mas alguém tem que ir
E eu quero que você saiba
Você não poderia ter me amado melhor
Mas eu quero que você siga em frente”
(Already Gone - Sleeping at last)*

JONATHAN

4 dias depois da queda

Estava vivo, isso era uma certeza.

Jonathan abriu os olhos com dificuldade, encarando a claridade do lugar onde estava. Com a visão desfocada, conseguiu notar a silhueta de alguém à sua frente. Piscou os olhos algumas

vezes e notou também algumas agulhas e aparelhos grudados em seu braço e rosto.

Estava no hospital, se localizou. Não foi difícil de decifrar ao tomar consciência do cheiro forte de álcool que entrava em suas narinas devido ao local em que se encontrava. Além da última memória que imediatamente surgiu em sua cabeça; *ele lembrou*.

— Oi?

A voz de Jonathan saiu fraca e baixa. Estava cansado e sem forças.

A silhueta à sua frente, que agora, podia enxergar melhor ser uma enfermeira, andou em sua direção e tirou a máscara de ar que estava grudada em seu rosto com cuidado.

— Jonathan. Tudo bem com você, rapaz? — ela perguntou, com um sorriso consolável e um tom gentil.

Seu corpo todo estava doendo. Podia sentir os músculos doloridos e sua respiração pesada. Então não. Não estava tudo bem.

— Como me acharam? — perguntou baixinho, quase em um sussurro.

A mulher manteve o sorriso e saiu sem responder.

Ele sentiu vontade de resmungar, mas tudo dói demais.

Ficou lá, parado, dolorido, encarando as paredes perfeitamente brancas. Esperou alguns minutos mas ninguém retornou à sala. E então voltou a dormir de novo. Pelo menos a dor passaria.

Mas não conseguiu dormir por muito tempo. Em menos de uma hora, ele acordou novamente. Dessa vez, despertado por burburinhos e conversas baixas. Abriu os olhos e encarou as três pessoas que conversavam lá dentro: Madison, Rose e um homem de jaleco branco e expressão séria.

— Meu filho — Rose foi em sua direção assim que percebeu que ele os observava. Sentou ao lado da cama e passou a mão levemente pela testa do filho, abrindo um sorriso carinhoso — Jonny como tem se sentido?

Ele moveu a cabeça com dificuldade e observou o médico sair da sala, os deixando a sós.

— Bem, eu acho...

Estava vivo.

— Como estão as dores?

— Suportáveis — respondeu. *Suportáveis*. Ele já suportou muita dor, muita tristeza nessa vida. Todos eles, todos nós. Vivemos suportando coisas e coisas, sejam elas boas ou ruins. Suportar era uma palavra chave.

— Você teve o pulmão perfurado e algumas fraturas na costela — Madison falou, pela primeira vez — Os médicos disseram que você não precisaria fazer uma cirurgia, então eles só fizeram um tratamento com tubos de... *alguma coisa*. Enfim, pelo visto, funcionou. Você está bem agora.

— Você é tão forte... — Rose sorriu, enchendo os olhos de lágrimas enquanto alisava o cabelo de Jonathan, com cuidado para não encostar nos ferimentos — Eu te amo.

— Também te amo, mãe — disse. De fato, a amava muito.

— Por favor não nos deixe — ela suplicou e Jonathan quis fechar os olhos para não ver a dor nos olhos de sua mãe — Não viveríamos sem você.

— Não vou deixar.

Ele não se mataria. Tudo bem que lá, parado na ponta da rocha dos pinheiros, ele pensava seriamente em suicídio. Mas, no fundo, não tinha coragem. Não quis se matar. E agora, mais que nunca, se sentia mal por ter tido aqueles pensamentos. Se sentia pior ainda por ver sua mãe sofrer.

— Vou sair e avisar aos meninos que você acordou — ela levantou-se, sorrindo e limpando o rosto com um lenço — Eles estão praticamente passando a noite aqui, desde que você chegou.

Jonathan sorriu com dificuldade e ela saiu, deixando apenas os dois irmãos de frente um para o outro.

Madison não tinha dito mais nenhuma palavra. Em pé e com os braços cruzados para si, ele não sabia decifrar sua expressão séria e distraída. Talvez estivesse decepcionada, preocupada, triste... Ou simplesmente tudo isso junto.

— Me desculpa se te machuquei.

Jonathan a observou suspirar e rapidamente abandonar a expressão de durona. Em seguida, caiu em lágrimas. Se aproximou

dele e sentou no espaço que tinha ao seu lado. O abraçou com dificuldade, por causa dos aparelhos e chorou.

Chorou. Chorou. Chorou.

— Você vive pedindo desculpa por machucar os outros, mas nunca se desculpa por machucar a si mesmo — disse, em meio às lágrimas — Por quê você fez isso, John?

Ele balançou a cabeça, sem resposta.

— Não quis fazer isso de verdade... — afirmou, com a certeza de que ninguém acreditaria nele.

Talvez tenha pensado em fazer isso porque não vivia o que queria, não tinha o que queria. Mas pensando bem... O que ele queria de verdade? O que as pessoas querem na verdade? Viver ou morrer, a cada dia, de alguma forma? Adquirir coisas? Receber olhares falsificados e terceirizados? Ou conquistar amores sem sentido? Talvez elas querassem isso e um pouco mais. Talvez elas desejem tudo e como o tudo não basta nunca, no final de tudo, só sobraria a morte.

— Não queria morrer — insistiu. Ninguém quer morrer. As pessoas que cometem suicídio, na maioria das vezes só querem matar a dor que está presente dentro delas. Porque chega um momento em que a angústia e o sofrimento andam tão altos que a única saída que eles pensam que existe para se livrar é a morte, e não é verdade.

Fechou os olhos, escapando uma lágrima.

E abraçado com sua irmã mais nova, Jonathan começou a chorar. Os dois choraram.

Choraram, choraram e choraram. Talvez suas dores estivessem conversando no momento.

— Me prometa que... — ele não deixou Madison terminar a frase, já sabendo o que viria em seguida:

— Prometo que nunca mais vou fazer isso — olhou nos olhos dela, passando uma confiança genuína e sinceridade. Nunca mais se arriscaria como tinha se arriscado naquele dia.

Madison sorriu satisfeita e se levantou, enxugando as lágrimas.

Andou até uma poltrona que tinha dentro daquele quarto de hospital e pegou duas grandes telas de pintura e um caderno.

— Você é minha inspiração — ela declarou para o irmão.

A garota virou uma das telas para que ele pudesse ver o desenho que ela tinha feito. Era ele.

Com pinceladas finas e delicadas, era uma pintura de Jonathan deitado na maca do hospital, com os olhos fechados e pálpebras cansadas, dormindo. Estava tão idêntico que parecia mais uma foto tirada da câmera de um celular

— Qual é o outro?

— É um passarinho que pousou ontem na sua janela — explicou, virando a outra tela.

O passarinho estava em um galho de uma árvore vazia, com poucas folhas verdes. Ele era branco com as asas em uma mistura de preto e azul, algo parecido com degradê, talvez.

Atrás do passarinho, na pintura, a tinta amarela impressionava o nascer do sol.

Era simplesmente lindo.

E então, Jonathan pensou em como seria horrível morrer. Nunca mais ver os pássaros. Aqueles pequenos viajantes pousando de galho em galho, criando laços e desfazendo. Nunca mais escutar o som dos pássaros, ao acordar às cinco da manhã em pleno mau humor e encontrá-los cantando, sorrindo para a vida.

— Ele está procurando seu caminho — Madison disse, encarando o quadro do passarinho — Acho que está perto de encontrar.

— É, eu também — concordou.

Jonathan viajava à procura do seu caminho. De um sentido ou um sinal da vida. E parando para pensar, talvez ele já tivesse encontrado seu caminho há muito tempo, mas a dor não permitiu que percebesse isso.

Naquele momento, sentiu-se feliz.

Não sabia como, mas também sentiu-se sem dor.

Já havia tentado recomeçar antes e não tinha dado certo. Mas não tinha problema, ele poderia recomeçar quantas outras vezes quisesse. E dessa vez, tinha certeza, daria certo.

todos merecemos ser salvos

*“Nosso amor está a sete palmos abaixo da terra
Eu não posso deixar de me perguntar
Se o nosso túmulo fosse regado pela chuva
Rosas floresceriam?”
(Six Feet Under - Billie Eilish)*

ELISA

Jonathan estava vivo e Elisa agradecia por isso.

Ele foi encontrado por David, após duas semanas desaparecido.

Dave encontrou o melhor amigo caído no chão, em meio a pedras, galhos e folhas, ensanguentado e inconsciente. A primeira coisa que ele fez foi olhar para Henrique e logo depois para Madison, que chegou junto com uma ambulância.

Elisa ficou sabendo por mensagens de Madison que Jonathan foi internado e só precisou fazer um tratamento, que não era simples, mas era melhor que uma cirurgia. Ela também disse que a recuperação dele estava indo muito bem, mesmo ele desacordado na maior parte do tempo. Há uma semana, Lisa adigou dizendo que Jonathan tinha acordado. Lisa não sabia como reagir, não sabia se deveria ir visitá-lo. Achava que parte de tudo que estava acontecendo era sua culpa, mas estava tentando trabalhar nisso.

Depois de tudo o que aconteceu com sua família, sua avó decidiu que o melhor para a neta era que ela fosse ao psicólogo e fizesse terapia. Elisa não achou a ideia ruim, faria de tudo para descomplicar sua mente e deixar sua vida mais leve. E estava conseguindo, só precisava passar pela barreira chamada Jonathan.

Por isso, lá estava ela, no hospital.

Olhando através do vidro, Jonathan dormia. Ele parecia bem.

— Elisa — escutou seu nome ser chamado e observou a mãe de Jonathan andar em sua direção com passos lentos e um sorriso calmo — Como você está? Nunca mais apareceu...

— É — *queria poder dizer mais coisas, mas nada saiu.*

— Veio ver o Jonny?

A garota confirmou com a cabeça.

— Ele está dormindo, mas eu posso acordá-lo. Tenho certeza que ele ficará muito feliz em te ver

— Ah, não precisa — Elisa sorriu, hesitante — Como ele está? Como foram os dias que ele passou aqui?

— Ele está muito bem — Rose sorriu, soltando um sopro de alívio — Os dias aqui foram bastante difíceis longos, mas agora está tudo bem. Ele recebe ajuda de psicólogos e psiquiatras, faz terapia funcional e exercícios físicos.

As duas sorriram e Elisa tentou imaginar Jonathan fazendo exercício físico... Meio difícil, nunca impossível.

— Ele está praticamente curado — continuou — A fisioterapia foi muito boa.

— Que bom.

— Pode entrar se quiser, ele tem um sono muito pesado — piscou de formag gentil e apontou para o corredor — Eu estarei na cantina do hospital, eles servem um ótimo café.

Elisa sorriu de volta e fez o que Rose tinha falado, entrou.

Caminhou até a poltrona vazia com cuidado, como se qualquer movimento fosse fazê-lo acordar. Sentou-se silenciosamente, observando uma tela pintada ao lado do puff, em cima de uma mesinha. Deduziu que tinha sido Madison e sorriu ao lembrar do amor que os dois irmãos sentiam um pelo outro.

Ao lado do quadro, ela observou um caderno com lápis e canetas.

Foi quando decidiu se inclinar e pegar algumas folhas para escrever uma carta. E para falar a verdade, nem era de escrever no papel, mas recordou-se que Madison, certa vez, disse que escrever uma carta à mão a alguém era uma das formas mais lindas e imortais de presentear alguém. Um modo de dizer à outra pessoa que ela era importante, ao reservar e usar seu tempo exclusivamente para se dedicar à mensagem que gostaria de dizer

a essa pessoa. Madison também mencionou que Jonathan apreciava o gesto e apesar de Elisa não ter tanta certeza disso, escreveu a carta mesmo assim, com todo o seu coração.

“J ohn,

Fiquei sabendo que há algumas semanas atrás, quase um mês, você f oi parar no hospital por ter tentando se matar

Ninguém f alava sobre outra coisa na escola ou na vizinhança além do "f ilho problemático da mulher queimada", sinto muito pelas palavras. Sinto mesmo, de verdade.

Minha avó sempre me liga e me pergunta se eu estou bem.... Espera! Não te contei o quanto a minha vida está dif erente. Parece que quando você se f oi, tudo desmoronou. Escutei meu pai comentar com Katia... (sim, a nossa prof essora de biologia. Eles estão juntos, sabia? Depois de longos meses de traição, minha mãe f inalmente descobriu e adivinha? Foi parar em um hospital psiquiátrico), sobre como todos dizem que você só quer chamar atenção.

Depois do que ele disse, eu chorei por você. Chorei por nós. Chorei pelas pessoas. Chorei muito. Elas nem sequer sabem o seu nome, Jonathan...Mas eu sei, sei da sua vida e da sua história. E tenho te visto em todos os lugares que eu vou. Desde a terapia (ah, outra novidade! Comecei a ir ao psicólogo e é muito bom, por sinal. A Madison me contou que você também f az terapia em grupo agora. I sso é ótimo, f ico f eliz por nós dois), até as avenidas e as praças que costumávamos ir juntos, te vejo em todo lugar.

Não tive coragem de ir ao hospital antes, me desculpa, J ohn. Sou f raca, eu sei.

Queria te alcançar de alguma f orma, mas primeiro tenho que me manter de pé. Assim como você tem que melhorar. Ouvi dizer que está se esf orçando.

Não sei o que você pensou quando queria que tudo parasse, J ohn. Mas me deixa te f azer entender que você é muito mais que todo esse sof imento. Tenta entender que estar cansado de correr não signif ica necessariamente ter que parar

Saiba que eu estou aqui por você e quando estiver pronto, segure f irmea minha mão que eu irei te sustentar com toda a minha

É. Nós dois vamos nos equilibrar e fazer do jeito certo. Você pode ir além desse peso, nós podemos ser mais do que tudo isso. E sabe, apesar de todas as dores que passamos, é possível se sentir vivo de novo.

John, mais do que tudo, você merece ser salvo. Eu mereço ser salva. Todos nós merecemos.

Com muito amor, Lisa."

parte II

*"Eu olho para meu reflexo no espelho
Por que estou fazendo isso comigo mesmo?
Perdendo minha cabeça por um pequeno erro
Eu quase deixei meu verdadeiro eu de lado
Não, não, não, não
Não perca quem você é no borrão das estrelas
Lágrimas não significam sua derrota
Todo mundo se machuca
Tudo bem não estar bem."
(Who You Are - Jessie J)*

JONATHAN

Jonathan recebeu a carta de Elisa.

Tinha exatamente um mês que eles não se viam e só aquela demonstração de consideração — e amor — o fez entender que a história deles ainda não tinha acabado. E estava longe para isso acontecer.

Naquele dia, ele decidiu ficar no quarto.

Pensando. Pensando nele e em Elisa. Pensando em todo o caminho que tinham percorrido juntos. Eles libertaram seu "eu" verdadeiro. Mostraram todas as suas cicatrizes, internas e externas. Seus medos, inseguranças, seus maiores defeitos. Foram muito além de simplesmente admirar as qualidades um do outro. Foram sinceros, se conheceram com tudo que tinham. Afinal, não somos

só luz. Somos todos feitos de luz e sombra. E foram capazes de amar um ao outro mesmo assim.

Não sabia explicar como tinha se sentido ao receber a carta, estava tentando encontrar palavras para descrever a Madison.

— Feliz? — A garota de cabelos curtos arqueou as sobrancelhas, animada.

— Bom, feliz talvez ainda não. Mas tenho... Aquela coisa... Como é mesmo o nome? — John coçou a nuca, tentando explicar — Aquela coisa antiga, que faz a gente esperar que tudo dê certo. Sabe qual é?

— Esperança? — Madison sorriu — Não me diga que você está com esperança!

— É, esperança. Estou.

Parecia exagero, mas era Elisa. Só ela tinha conseguido pular o muro de dificuldades que ele tinha levantado em volta de si quando as palavras *dores*, *saudades* e *ausência* fizeram dele um garoto de luta. Lis, sempre que ia até ele com seu abraço cheio de confiança e com seu sorriso maior que o rosto.

Jonathan estava determinado a derrubar o muro que tinha construído ao redor de si mesmo e do seu coração. E iria conseguir, para que os dois desfrutassem com amor o melhor que ele podia ser, o melhor que ela o fizesse sentir. Porque pela primeira vez, ele sabia que eles mereciam.

— Você me chamou? — David apareceu na porta, tentando disfarçar ao observar Madison e sentir ela encará-lo de volta. Rapidamente desviaram o olhar, recordando-se da noite em que se beijaram. Mesmo depois de dias, os arrepios e o estranhamento não os deixavam em paz toda vez em que se cruzavam.

Jonathan balançou a cabeça, olhando de relance para a irmã.

— Eu vou chamar Isaac e Henry para contarmos a novidade juntos — Madison abriu um sorrisinho, indo até a porta.

Assim que saiu, o amigo de John entrou.

David era um garoto fechado, mais que Jonathan, se possível. Meio rabugento e respondão, mas com um coração mole. Sempre esteve ao lado de Jonathan.

Naquela noite, sua casa estava uma zona e então decidiu sair para dar uma volta e espairecer a mente. Foi quando decidiu ir à

forrestados penhascos forrestada de Jonathan — intuição, talvez — e o encontrou lá, caído. A imagem de seu melhor amigo sangrando e, possivelmente morto, assustou David. Ele ficou em choque, encarando o corpo por uns dez minutos antes de tomar alguma decisão e ligar para pedir ajuda.

— Você está chorando? — John perguntou, ao encarar o garoto de jaqueta preta.

— Não — Dave negou, tentando controlar as pequenas e fúrias lágrimas que escorriam pelo canto de seus olhos.

— Está sim.

— Não estou — cruzou os braços.

— Tudo bem.

Ele sentou-se na poltrona ao lado do amigo.

— Qual é a novidade? — Dave perguntou, sabendo que seu melhor amigo não resistiria e lhe contaria antes de todos os outros.

Eles conversaram.

Jonathan lhe confessou o que estava planejando e lhe pediu um favor

— Você só pode estar brincando! — David contestou — Acabou de quase morrer e já está pensando nisso. Não acha melhor deixar para depois?

— Quero ir enquanto a dor ainda não aparece...

— Não vai mais aparecer — O interrompeu.

— Não agora que eu estou bem — John retrucou, começando a mudar o pensamento de David — Não com Elisa.

Ficaram alguns segundos em silêncio.

— Estou cansado do hospital — continuou — Quero viver.

David olhou de relance para o amigo, com as sobrancelhas franzidas.

Todo mundo merecia viver.

E ele estava tentando. Até não ter mais forças, sabia que continuaria tentando. Todos nós. Mesmo cansado, machucado, exausto, a gente ainda insiste. Passa por cima do orgulho e em um ato de bravura, diz que vai tentar até as chances se esgotarem e mesmo quando elas se esgotam, a gente continua lá.

Essa é a regra. Não desistir mesmo desistindo porque todos nós sabemos que enquanto existir um coração batendo, nossas

chances de tentar ainda serão válidas.

David suspirou, balançando a cabeça e concordando com a decisão do melhor amigo. *Um dia ele faria o mesmo, viveria.*

— Cuide da Madison — Jonathan pediu. Sabia que desde crianças eles não se davam perfeitamente bem. Um vivia brigando ou provocando o outro, achava que parte de tudo isso era ciúmes pelos dois lados. Agora que estavam maiores, a relação parecia ter melhorado.

— Vou cuidar — David prometeu. E cumpriria sua promessa.

Porque Jonathan já tinha suportado muito.

Tinha suportado tanto, que às vezes se perguntava: *estou suportando tudo isso para quê?* Porque dentro dele, já não fazia mais sentido. Mas hora ou outra, aquela chama de esperança ainda acesa dentro dele, em algum lugar, mostrava que ainda existia muita coisa.

O triste era que Jonathan não percebia e achava que a esperança já tinha o abandonado.

E as pessoas geralmente não entendem, mas nem sempre a esperança vem em forma de sentimento. Às vezes ela vem apenas em um dia bom, um momento de riso no dia. Em uma palavra amiga. Naquele texto que parece que nos lê de tão parecido com a gente que é.

Naquela música que nos acalma, que nos abraça quando ninguém mais faz isso ou no pôr do sol, que quando estamos cansados da vida é só olhar para o céu para vermos algo novo e bonito.

A vida é complicada. Mas viver é uma arte.

E é difícil existir com um parasita dentro da gente que nos faz ver a vida de um jeito distorcido e te faz querer fugir de tudo. E tem dias que você só quer chorar e chorar, e sente que não consegue mais suportar o peso. Quando você deita a cabeça no travesseiro à noite e, mesmo assim, não consegue sossegar. Quando as outras pessoas não parecem confiáveis e o mundo não parece mais mundo, apenas um lugar que você está e não quer estar.

Às vezes parece que o universo quer que a gente desista. E desistir é tão mais fácil, né? É tão fácil pôr um fim.

Mas você é tão forte por não desistir. Consigo ver a sua força exalando de você até mesmo quando você chora. Você não é fraco, não é só uma tristeza, não é só uma decepção. Você é tantas e tantas coisas boas, feito até do que ainda não tem nome.

E eu juro que, *você não está sozinho*.

E a sua dor faz parte da nossa. E o mundo não é tão horrível como parece, as situações que são.

Nem todas as pessoas são as mesmas que te machucaram. E nenhuma dor dura para sempre.

A sua pode estar durando muito, mas ela vai terminar e é você mesmo quem vai acabar com ela. Você é maior, muito maior.

Lembre-se que essa dor dentro do seu peito que te tortura, precisa de você para existir. E você não precisa dela para existir.

Eu acredito na tua batalha. E está tudo bem perder lutas diárias, só não desista de você. Não permita que a dor vença.

destruídos, nunca derrotados

*"Fuja comigo
Almas perdidas em f arr
Correndo selvagem e correndo livre."
(Renegades - X Ambassadors)*

ELISA E JONATHAN

Elisa sentia-se estranha dentro da própria casa.

Durante toda a sua vida, tinha vivido em um lar silencioso onde os membros mal se falavam agora, era muito estranho porque a residência estava sempre barulhenta. Parecia estar em uma realidade diferente. Elisa estava em seu quarto enquanto seu pai estava assistindo televisão em alto volume com Kátia no quarto ao lado, dava para escutar a gargalhada dos dois quando riam de alguma coisa sem graça que a TV transmitia.

Naquele dia, a garota não estava se sentindo muito bem. Tinha um pressentimento esquisito. Não estava bem e achava que, pelo menos naquele momento, nunca mais ficaria.

De repente, escutou um barulho no vidro do seu quarto. Logo depois outro. Barulho de pedrinhas na janela.

Quem poderia ser? Será que estava imaginando coisas?

Elisa não moveu um músculo de onde estava, sem se importar. Mas então, escutou o mesmo barulho estranho se repetir e logo observou a janela ser aberta com dificuldade.

Rapidamente, levantou da cama e virou-se hesitante para ver quem era o possível vândalo.

Abriu a boca, sem acreditar no que estava vendo.

Na janela, Jonathan apareceu exatamente como da primeira vez que ela o tinha visto na delegacia. Os olhos estavam escuros e avermelhados, as olheiras estavam maiores que o normal e os lábios secos.

— O que você está fazendo aqui?

Ela se apressou e foi em sua direção, afastando a escrivaninha para ajudá-lo entrar no quarto. Há algumas semanas ele ainda estava se recuperando e agora, já estava pulando janelas.

— Eu precisava te encontrar... — ele mal falou quando foi interrompido por Elisa:

— Você fugiu do hospital?! — A garota começou a andar de um lado para o outro dentro do cômodo, colocando a mão na testa sem acreditar — John... Você não está bem, ainda está se recuperando e... E já parou para pensar se alguém ficaria sabendo ou se virem você aqui comigo? Meu pai está aqui embaixo e se nós formos...

Elisa só percebeu que tagarelava demais quando Jonathan se aproximou e colocou as mãos em seus ombros, a fazendo parar de caminhar e olhar em seus olhos.

— Elisa, estamos bem — sua voz não estava mais rouca e também não estava falsa, pelo contrário. Estava firme e decidida — *Nós estamos bem.*

Seus olhos eram os tons escuros mais lindos que ela já tinha visto. E dessa vez, estava com um brilho diferente, especial. Ela sentiu que poderia desvendar todas as galáxias escondidas lá.

— Sim, eu fugi — ele começou — Eu fugi de casa e vim te encontrar para pedir que fujam comigo. Descobri a pouco tempo que a vida é frágil, curta e preciosa. Descobri do pior jeito possível, acredite — ele soltou um riso frouxo — É o nosso dever aproveitá-la da melhor maneira possível. Nós já sofremos o bastante, precisamos procurar nossa felicidade. Por isso estou aqui, te convidando para ir comigo.

— Como assim? — A garota estava em choque. Não podia acreditar que ele estava falando tudo aquilo de verdade — Isso é sério? Jonathan...

— Quando eu te encontrei, foi como se eu tivesse me encontrado também. Você me deu uma forma nova de enxergar as coisas, a vida ao meu redor e até eu mesmo — John continuou — Você encontrou em mim algo bonito, que eu nunca pensei que existia e que você fez questão de me mostrar. Nosso caminho tão tempestuoso não parece nada agora, não chega nem perto do que

temos e do que construímos. Você me fez ver a vida de um jeito mais leve e espero que eu possa te proporcionar a mesma felicidade que tenho por ter você comigo.

Elisa podia sentir as lágrimas se formarem no canto de seus olhos. Era a declaração mais linda que ela já tinha ouvido e recebido em toda a sua mísera vida.

No início, Elisa não sabia o que sentia de fato por Jonathan. Se era apenas uma quedinha ou um abismo. Mas agora, ela sabia com total certeza que era um precipício, quase suicídio, possivelmente uma libertação.

Como dizem, o amor é a linha tênue entre a queda e a salvação.

— Você se lembra da taxa de dinheiro que começamos a transferir para a escola, todo mês desde o início do semestre, para organizarem a viagem de formatura da turma? — ele perguntou, fazendo abalancar a cabeça em confusão — Eu desisti e peguei todo o meu dinheiro de volta. Comprei duas passagens de ônibus para uma viagem de excursão. Para mim e você.

Elisa piscou os olhos, desacreditada.

— John.. O que você está falando? E a escola? O resultado dos vestibulares já irão sair e... Não podemos deixar tudo para trás. E a sua mãe, sua irmã? — A menina se preocupou. A família de Jonathan era tão incrível, tão mais difícil de deixar para trás do que a própria família dela.

— David, Madison e Henry também desistiram por nós — ele enfiou a mão dentro do casaco que estava usando e esticou dois envelopes brancos, dando de ombros com um meio sorriso — No início não quis aceitar, mas eles insistiram e falaram que era um ato de amizade. É a forma que eles encontraram para dizer que nos amam e nos apoiam. E minha mãe... — inclinou o rosto, entortando os lábios — Ela não gostou muito da ideia no início, mas somos maiores de idade e... Ela sabe que merecemos essas férias, merecemos entrar nesse ônibus e não olharmos para trás. Merecemos viajar para lugares diferentes e conhecermos o lado bom da vida. Merecemos nos dar esse prazer. É a nossa vez de fazermos mudanças, de fazermos reparos, de quebrarmos as regras e termos um gostinho da felicidade. *Nós merecemos.*

Elisa tinha muitos motivos para estar triste, mas não com ele, não mais. Jonathan intensificava a felicidade dentro dela. Uma felicidade que ela nem sabia que poderia sentir

— Então... — ele a olhou — O que me diz?

A garota piscou os olhos, um sorriso surgindo em seus lábios:

— A história só acaba quando o último desiste.

Jonathan se aproximou e Elisa pulou em seus braços.

Os dois se abraçaram e sentiram seus corações baterem forte ao se encontrarem. Lis sorriu, correndo em direção ao guarda-roupa, retirando uma mochila de lá de dentro com rapidez.

A vida já tinha sido cruel demais com eles. Se Elisa não arriscasse e deixasse de acreditar no amor, por qual motivo ela iria viver?

— Como isso vai funcionar? — A garota começou a pegar algumas roupas e jogar desejavelmente na mochila — Para onde pretendemos ir?

Jonathan se aproximou, deixando as muletas de lado.

— Muitos lugares — respondeu, animado — O ônibus da excursão vai nos levar para conhecermos vários locais, vários países, muitas regiões diferentes. Vamos fugir daqui, vamos explorar o mundo e toda a beleza dele. Vamos correr livres...

Elisa soltou um risinho ao imaginar todas as memórias que os dois criariam e pegou suas coisas mais importantes, jogando-as na mochila e a fechando. Porque desde que o conheceu, ela não tinha mais medo de nada.

Jonathan foi em direção à janela e jogou suas muletas na grama, pulando sem dificuldade logo depois. E então Elisa fez o mesmo, jogando sua mochila e pulando sem olhar para trás.

Ambos se recompuseram e se encararam. Emoções como medo, ousadia, tristeza, alegria e amor estavam sendo compartilhadas naquele momento.

— Por que eu? — Elisa o encarou antes de escolher tomar um rumo que nunca imaginou para sua vida.

Porque ela não riu quando ele havia contado que nunca tinha observado estrelas e nem zombou ao perceber que ele nunca soube qual caminho seguir. E porque toda vez que iam atravessar a rua,

ela o pegava pela mão sabendo que ele andava sempre meio desligado e imerso em seus pensamentos.

Porque ela dizia amar seu cheiro de cigarro mesmo não gostando. E chorava com ele sempre que estava triste.

Porque ela prometeu conquistá-lo e...

Porque ela foi o herói de seus dias.

— Porque eu te amo — era a primeira vez em muito tempo que ele pronunciava a frase de sete letras. E não se sentia nem um pouco arrependido. Dizer *eu te amo* já era pequeno dentro do infinito de coisas que ele queria dizer à Elisa. Eu te amo não era tudo, mas era o mais próximo.

E poderiam até não dar certo depois de um tempo, porque afinal, só tinham dezoito anos. Mas foi ela quem o apresentou a vida forçada das sombras e escuridão. Então sim, ele a amava. E era uma certeza.

— Eu também te amo, John — ela sorriu e o abraçou forte. Sentia falta do seu cheiro.

Jonathan largou as muletas no chão e segurou a mão de Elisa, entrelaçando seus dedos sem medo ou hesitação.

Observaram a estrada de asfalto logo à frente.

E mesmo que tudo desse errado depois, não teria problema. Eles deitariam no telhado de uma casa qualquer, olhariam para o céu e inventariam uma nuvem de sonhos que choveria sorrisos bem em cima deles. Porque eles estavam destruídos, mas nunca derrotados.

NÃO É O FIM (SOBRE DESISTIR)

Ainda não é hora de desistir.

Ainda existem muitos lugares bonitos a serem visitados e culturas a serem conhecidas. Muitas pessoas interessantes ainda cruzarão seu caminho e farão seus dias menos nublados, você vai se sentir aquecido por dentro.

Ainda existe o pôr-do-sol para assistir e a maravilha que é o céu com suas diferentes tonalidades. Ainda existem as estrelas, que são um espetáculo por si só.

Ainda existem músicas para te tirar de órbita e a arte para confortar e compreender. Ainda existem pessoas a ajudar, animais a acariciar e gostos a experimentar.

Ainda existem as flores e o verde da natureza para contemplar a natureza é tão linda!

O mundo pode parecer ruim agora, mas se você olhar bem para os detalhes simples da existência, verá que a vida pode ser muito mais bonita.

É tanta coisa, que não cabe em um só texto, talvez não caiba só em palavras.

Ainda existe muita vida a ser vivida.

E para você que está passando por um momento de dificuldade:

NÃO DESISTA!

Você consegue!

Se você sofre de depressão ou qualquer outro tipo de transtorno psicológico o qual vem prejudicando sua vida, venha conhecer o **CVV** (Centro de Valorização da Vida).

O CVV (Centro de Valorização da Vida) realiza apoio emocional e prevenção do suicídio, atendendo voluntária e gratuitamente todas as pessoas que querem e precisam conversar, sob total sigilo, por telefone e-mail e chat 24 horas por dia. Ligue 188.

Prevenção do Suicídio:

Os números abaixo são de “centrais de prevenção à vida”, caso precise de alguém para conversar ou ao menos ouvir algo que acalente: **CVV, 141 ou 0800 290 0024.**

NÃO TENHA MEDO DE PEDIR AJUDA DURANTE UMA CRISE.

Com muito amor,
Sabrina S.

AGRADECIMENTOS

Levei 4 anos para reescrever Destruí dos.

Um livro que veio de dentro de mim, do meu coração da forma mais sincera possível.

Com personagens criados com muito carinho e à base de alguns sentimentos e experiências próprias, escrevi essa história em uma época de muita turbulência na minha vida. Ela nasceu do meu eu adolescente de 14 anos cheio de dores, medos, angústias e pensamentos que precisavam ser colocados para fora. E de alguma forma, escrever esse livro ajudou a cicatrizar minhas feridas.

Acredito que ninguém escreve um livro sozinho, então, primeiramente gostaria de agradecer a Deus e ao Universo por todas as pessoas que já passaram pela minha vida e deixaram, de formas diferentes, suas marcas.

Obrigada por cada leitor singular do Wattpad e principalmente por aqueles que se tornaram meus amigos. Nalu, Ju, Helo, Deb, Elly e Wendy. Sou grata por vocês existirem.

Agradeço a Naah, Nina e Gialui, pelos trabalhos impecáveis com a capa, revisão e diagramação.

E por fim, agradeço à minha família Mãe, Pai, Letícia e Sofia, obrigada por sempre me apoiarem. Sou grata por cada um de vocês.